

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

Leonardo Stabele Santos

**REVISTAS EM QUADRINHOS E HISTÓRIA PÚBLICA:
CONSTRUÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NOS JOVENS
VINGADORES WICCANO E HULKLING (2005-2020)**

**CAMPO MOURÃO – PR
2022**

LEONARDO STABELE SANTOS

**REVISTAS EM QUADRINHOS E HISTÓRIA PÚBLICA:
CONSTRUÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NOS JOVENS
VINGADORES WICCANO E HULKLING (2005-2020)**

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: História Pública
Linha de Pesquisa: Saberes e Linguagens
Orientadora: Dra. Claudia Priori

**CAMPO MOURÃO – PR
2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santos, Leonardo Stabele
Revistas em quadrinhos e História Pública:
construção da homossexualidade nos jovens vingadores
Wiccano e Hulkling - 2005-2020 / Leonardo Stabele
Santos. -- Campo Mourão-PR, 2022.
152 f.: il.


Orientador: Claudia Priori.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em História Pública) -- Universidade
Estadual do Paraná, 2022.

1. História Pública. 2. História em Quadrinhos. 3.
Homossexualidade. 4. Masculinidade. I - Priori,
Claudia (orient). II - Título.

LEONARDO STABELE SANTOS

**REVISTAS EM QUADRINHOS E HISTÓRIA PÚBLICA: CONSTRUÇÃO DA
HOMOSSEXUALIDADE NOS JOVENS VINGADORES WICCANO E HULKLING
(2005-2020)**

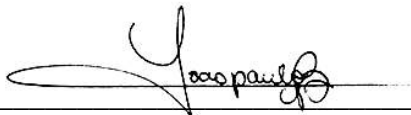
BANCA EXAMINADORA



Dra. Claudia Priori (orientadora) – Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Ivan Lima Gomes — Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/Universidade Federal de Goiás – UFG



Dr. João Paulo Baliscai – Curso de Artes Visuais (Departamento de Teoria e Prática da Educação)/Universidade Estadual de Maringá – UEM

Data de Aprovação

19/04/2022

Campo Mourão – PR

AGRADECIMENTOS

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À minha orientadora Claudia Priori por todo o apoio e suporte ao longo da escrita desta dissertação. Ao professor Thiago Reisdorfer pelo pontapé inicial na pesquisa de HQs ainda na graduação. Ao professor Márcio José Pereira pelo acolhimento em sua disciplina para realização do estágio obrigatório. Aos professores Ivan Lima Gomes e João Paulo Baliscai por gentilmente aceitarem participar da qualificação e da defesa deste texto. E como um todo, aos funcionários e colegiado do PPGHP, e à Unespar pela oportunidade pela pesquisa.

Aos meus colegas de turma (2020) por todas as oportunidades de aprendizagem ao longo deste mestrado, por infelicidades relacionadas à pandemia não tivemos a oportunidade de uma aula presencial, de um café com pão de queijo na cantina da Unespar em Campo Mourão.

Ao meu namorado Anderson Clayton da Silva Abreu por todo o apoio, seja este qual for, durante estes longos anos pandêmicos de confecção desta dissertação, praticamente um coator. Assim todo este trabalho também é dedicado a você.

SANTOS, Leonardo Stabele. **Revistas em quadrinhos e história pública: construção da homossexualidade nos jovens vingadores Wiccano e Hulkling (2005-2020)** 158f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2022.

RESUMO

As histórias em quadrinhos (HQs) são objetos ricos em narrativas históricas. Durante décadas foram vistas apenas como entretenimento infantil, todavia, se constata através da presente pesquisa que vão além do pressuposto. Em associação com a História Pública, se analisa o tema da homossexualidade inserido aos quadrinhos da Marvel. Objetiva a historicização dos sujeitos gays inseridos nas HQs. Para compor estes objetivos, buscamos a análise dos dois super-heróis homossexuais Wiccano e Hulkling, originalmente membros da mais nova equipe Jovens Vingadores. Aparecem pela primeira vez em 2005, na publicação *Jovens Vingadores: Ajudantes*, e se casam em 2020 no título *Império: Vingadores*. Desta forma, a pesquisa visa contemplar a análise dessa fonte que engloba quinze anos de publicações que contenham estes dois jovens vingadores. Utiliza-se dos *comics studies* e pesquisas de Umberto Eco (1985), Jean-Paul Gabilliet (2010), Will Eisner (1989) entre outros, para levantar apontamentos sobre a pesquisa em revista em quadrinhos. Judith Butler (2018), Michel Foucault (1999; 1997) são utilizados, entre outros, para análise dos atos performativos, das sexualidades, gêneros e os mecanismos de vigilância e rigor sobre os corpos, assim como as masculinidades performadas pelos super-heróis. Dani Marino (2016), Andréa Correia Lagareiro (2018), Richard Moscovici (2007), Roger Chartier (2002) são utilizados para compreender questões relacionadas à construção da homossexualidade dos personagens, elementos pertinentes na história em quadrinhos. Wiccano e Hulkling se propõem a representar os sujeitos gays. Iniciando, de forma discreta, passando pelo seu primeiro beijo e culminando no casamento gay. Assim, lançamos novas questões sobre as masculinidades, sexualidades e representações nas HQs.

Palavras-chave: História Pública. Histórias em Quadrinhos. Masculinidades. Gays.

SANTOS, Leonardo Stabele. **Comics and public history: the construction of homosexuality in the young avengers Wiccano and Hulkling (2005-2020)** 158f. Dissertation. Graduate Program in Public History - PPGHP - Master's Degree. Paraná State University, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2022.

ABSTRACT

Comics are objects rich in historical narratives. For decades they were seen only as children's entertainment; however, this research shows that they go beyond this assumption. In association with Public History, the theme of homosexuality in Marvel comics is analyzed. It aims to analyze the gay subjects inserted in the comics within broad paths such as homosexual marriage among superheroes; the functioning of the characters' bodies; their uniforms, which in many aspects resemble body-paintings and, finally, observing the representativeness that these superheroes are passing on to the readers of their magazines. To compose these objectives, we sought the analysis of the two homosexual superheroes Wiccano and Hulkling, originally members of the newest Young Avengers team. They first appear in 2005, in the publication *Young Avengers: Helpers*, and marry in 2020 in the title *Imperious: Avengers*. Thus, the research aims to contemplate the analysis of this source that encompasses fifteen years of publications containing these two young avengers. It makes use of comics studies and research by Umberto Eco (1985), Jean-Paul Gabilliet (2010), Will Eisner (1989) among others, to raise notes on comic book research. Judith Butler (2018), Michel Foucault (1999; 1997) are used, among others, to analyze performative acts, sexualities, genders, and the mechanisms of surveillance and rigor over bodies, as well as masculinities performed by superheroes. Dani Marino (2016), Andréa Correia Lagareiro (2018), Richard Moscovici (2007), Roger Chartier (2002) are used to understand issues related to the construction of the characters' homosexuality, pertinent elements in comics. Wiccano and Hulkling sets out to represent gay subjects. Beginning, in a discreet way, going through their first kiss and culminating in their gay marriage. Thus, we launch new questions about masculinities, sexualities, and representations in comics.

Keywords: Public History. Comics. Masculinities. Gays.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Primeira aparição de Extrãno (Gregorio de La Vega)	45
Figura 2- O abandono de rótulos. O novo Gregorio de La Vega	48
Figura 3- O estilo gótico de Wiccano	51
Figura 4- Primeira aparição da <i>Batwoman</i> . Os estereótipos da representação feminina.....	53
Figura 5- Jean-Paul parece não gostar de mulheres	56
Figura 6- Estrela Polar é gay	59
Figura 7- Billy e Teddy de mãos dadas nas sombras	64
Figura 8- Wiccano é muito gay!.....	68
Figura 9- Primeira formação dos Jovens Vingadores.....	72
Figura 10- Billy sofre ataques homofóbicos na escola.....	80
Figura 11- Teddy transforma seu corpo para ser aceito socialmente	85
Figura 12- Masculinidades dominantes - Teddy	89
Figura 13- O corpo de Hulkling	95
Figura 14- Adolescentes vingadores	97
Figura 15- O real encontra o ficcional: os cabelos dos super-heróis.....	100
Figura 16- Cabelo de história em quadrinhos.....	102
Figura 17- A verbalização da homofobia com princípios bíblicos.....	103
Figura 18- Profissões de alto padrão	106
Figura 19- A família abastada do Billy Kaplan.....	111
Figura 20- Masculinidades dominantes - Billy	121
Figura 21- Wiccano e Hulkling - o primeiro casamento gay de super-heróis da Marvel.....	125
Figura 22- Billy e Teddy entre lençóis	129
Figura 23- Capa da revista do casamento Estrela Polar (Northstar).....	132
Figura 24- O primeiro beijo de Wiccano e Hulkling.....	134
Figura 25- O polêmico beijo gay censurado.....	136
Figura 26- Antes invisíveis, agora explícitos	137
Figura 27- Os Vingadores não reconhecem o namoro de Wiccano e Hulkling	140
Figura 28- Patriota vigilante: interrompe a troca de afeto entre Wiccano e Hulkling.....	143
Figura 29- O beijo censurado. Usos da HQ no mundo real.....	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Tradução figura 1	46
Quadro 2- Tradução figura 2	49
Quadro 3- Tradução figura 3	52
Quadro 4- Tradução figura 5	57
Quadro 5- Tradução figura 6	60
Quadro 6- Tradução figura 7	65
Quadro 7- Tradução figura 8	69
Quadro 8- Tradução figura 9	72
Quadro 9- Tradução figura 10	81
Quadro 10- Tradução figura 11	86
Quadro 11- Tradução figura 12	89
Quadro 12- Tradução figura 13	96
Quadro 13- Tradução figura 14	98
Quadro 14- Tradução figura 15	101
Quadro 15- Tradução figura 17	104
Quadro 16- Tradução figura 18	106
Quadro 17- Tradução figura 19	111
Quadro 18- Tradução figura 20	122
Quadro 19- Tradução figura 22	130
Quadro 20- Tradução figura 24	135
Quadro 21- Tradução figura 26	138
Quadro 22- Tradução figura 27	141
Quadro 23- Tradução figura 28	144

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E HISTÓRIA PÚBLICA	20
1.1. A História Pública Brasileira	23
1.2. Indústria da mídia – as histórias em quadrinhos	29
1.3. História do Tempo Presente	35
2. A HOMOSSEXUALIDADE PRESENTE NAS HQS	40
2.1. A impossibilidade de fala – Censura nos quadrinhos	40
2.2. Os caminhos da homossexualidade nos quadrinhos	43
2.3. Os fantásticos anos 2000: os Jovens Vingadores	71
2.4. Masculinidades nas histórias em quadrinhos	74
3. OS PÚBLICOS E OS JOVENS VINGADORES	123
3.1. Casamento(s) do século	123
3.2. A domesticação dos inaceitáveis	139
3.3. Do ficcional para o mundo real: discursos sobre as HQs na sociedade brasileira	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
FONTES	157
REFERÊNCIAS	159

INTRODUÇÃO

Em 2008, o primeiro filme do Homem de Ferro, daria o pontapé para o bilionário universo cinematográfico da Marvel, e as buscas por histórias em quadrinhos (HQs), expandiram expressivamente. Como leitor e historiador, os personagens de histórias em quadrinhos sempre despertaram curiosidades, paixões e questionamentos. Durante a graduação no curso de História pela Unespar - Campo Mourão – durante o terceiro ano, mais especificamente na disciplina de Metodologia e Técnica de Pesquisa em História II, ofertada pelo professor Thiago Reisdorfer – com a elaboração de um artigo como forma avaliativa acordei a possibilidade de adentrar o campo de conhecimento como pesquisador.

Em proveito frente à oportunidade e movido por indagações como: qual o motivo de uma HQ trazer em sua capa e em seu conteúdo a cena de dois homens se casando? Quais seriam os motivos para tamanho alarde em torno deste acontecimento? E as HQs estariam em total diálogo com o mundo real? A história em quadrinhos em questão era a publicação *X-Men Extra #51*, 2012, que apresenta o casamento do super-herói Estrela Polar e seu namorado Kyle Jinadu.

Impulsionado por estes questionamentos em interface com o diálogo acerca das relações de gênero, poder, feminismo, masculinidade e às lições aprendidas ao longo da graduação – em especial, também, na disciplina *História e Relações de Gênero* ofertada pela professora Claudia Priori – foram basilares para o direcionamento da pesquisa em HQs. A partir do ano de 2018 iniciei minha participação como membro no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC/UNESPAR) liderado pelas professoras Claudia Priori e Fabiane Freire França – que contribuiu para a ampliação dos conhecimentos teórico-metodológicos, me colocando em contato com novas leituras e abordagens propiciando o amadurecimento dos meus interesses de pesquisa.

O caminhar havia se iniciado.

Motivado pelas questões e aberturas que a História Pública permite desde o encabeçamento para a pesquisa, passando pelos desafios de estudar um campo novo no contexto brasileiro em meio ao descrédito nas ciências e finalizando com a divulgação, e publicização das pesquisas por meio da História Pública além de entender o papel das HQs nas sociedades e suas questões levadas para o mundo ficcional.

O intuito nesta pesquisa é analisar os quadrinhos dos Jovens Vingadores, em especial o casal homossexual, Billy Kaplan (Wiccano) e Teddy Altman (Hulkling).

Asgardiano (*Asgardian*) era o codinome adotado por Billy Kaplan, em sua primeira aparição em 2005, é filho de Jeff e Rebecca Kaplan, irmão gêmeo de Thomas Sheperd, e namorado de Teddy Altman. Billy, de início, não possuía controle sobre seus poderes, os quais entendia que eram meramente elétricos, o que o associava automaticamente ao deus Thor. Com o passar das histórias, Billy altera seu codinome para Wiccano (*Wiccan*), pois passou a ter mais compreensão de seus dons e a proximidade destes com a magia. Ao lado de seu irmão Thomas são filhos da feiticeira Wanda Maximoff, a Feiticeira Escarlate e do androide Visão.

No que concerne a Teddy Altman – em princípio referenciando ao herói esmeralda, o Incrível Hulk – é herdeiro dos dois maiores impérios do Universo Marvel, o Império *Skrull* e o Império *Kree*, ambos em guerra durante milênios. Entre a vasta gama de possibilidades, Teddy tem domínio sobre mudança da forma de seu corpo, podendo transforma-lo a seu bel-prazer¹. Ao longo das histórias Teddy assume seu destino e se torna o unificador daqueles impérios pondo fim a uma guerra de eras.

A princípio de estória os heróis mais poderosos da terra estão desaparecidos, o planeta se encontra sem proteção contra as forças do mal sendo assim a esperança emana do futuro. Um viajante do século 30 surge e começa a reunir uma nova equipe de jovens heróis para proteger o mundo, vestindo uma armadura ultra tecnológica iniciando o recrutamento: um jovem adolescente herdeiro do manto do primeiro Capitão América negro é encontrado; um jovem de pele verde e super força também; outro adolescente de inclinação nórdica com poderes elétricos e ao lado das heroínas Kate Bishop e Cassandra ‘Cassie’ Lang compõe uma primeira formação do jovem grupo de combatentes do crime, os Jovens Vingadores. Rapaz de Ferro, Patriota, Hulkling, Wiccano, Gaviã-Arqueira e Estatura são seus nomes.

A formação supracitada dá início a uma nova fase na *Marvel Comics*. Hulkling e Wiccano surgem como um casal de namorados desde o início e dão os primeiros passos para um novo momento nos HQs, trilhas de maiores diversidades. Despertam novas paixões, delírios, disputas, “*fanfics*” e um rico e fértil campo para a pesquisa de HQs e a História Pública.

As personagens de HQs despertam uma grande paixão nas pessoas ao redor do mundo, sejam a HQ estadunidense, o mangá japonês ou o gibi brasileiro, não importa o formato e as aventuras, fato é que habitam a mentalidade humana e esse fenômeno se reverte em números.

¹ A título de exemplo pode citar a publicação em volume único “*Lordes do Império: Imperador Hulkling*”, 2020.

Por exemplo, o filme *Vingadores: Ultimato*² ocupa a segunda colocação na lista mundial de bilheteria ultrapassando a marca dos 2 bilhões e 800 milhões de dólares.

É de se questionar o porquê desses seres sobre-humanos ficcionais atraírem tantos olhares, talvez pelo fato de habitarem um mundo onde o caráter humano, ou seja, a fragilidade é elevada para o *status* de supra-humano, para o celestial. Mas, se observarmos bem de perto, os super-heróis são como nós, mas potencializados: sofrem das mesmas angústias, são fortes, são inteligentes, são rápidos e são vulneráveis, mas possuem poderes, melhor dizendo superpoderes que são usados para modificar o seu entorno, para concertar, para salvar o mundo. Os super-heróis possuem a astuta capacidade de pôr em ordem e simetria um mundo caótico e assimétrico. Capazes de identificar o menor dos males, a maior das moléstias e por fim, de coisas que nós, meros humanos, não somos capazes.

Em julho de 2005 chegava às bancas um novo grupo de jovens super-heróis conhecidos por Jovens Vingadores, subestimados como ajudantes dos Vingadores. Entre seus membros se encontram dois jovens adolescentes que iriam protagonizar anos depois o primeiro casamento gay entre super-heróis da Marvel: Wiccano e Hulkling que estrelam as mais mirabolantes histórias nos HQs e tudo isso provocando nos leitores reflexões acerca dos problemas enfrentados pela comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexo, Assexuais, entre outros (LGBTQIA+).

As HQs foram durante muitas décadas associadas ao entretenimento infantil e descartável, mesmo considerando a importância da literatura infantil, levadas para o lado lúdico. Como argumentam os autores Charles Hatfield, Jeet Heer e Kent Worcester (2013) as HQs, em especial as revistas de super-heróis, por muito tempo foram tratadas com desconfiança pela academia, mas é preciso se desvencilhar desse olhar negativo. São sim, bens culturais como salienta Douglas Kellner (2001) e não apenas leitura infantil.

A pesquisa tem como temática a homossexualidade inserida nos HQs, tema tão caro ao mundo real que também é espelhado no ambiente ficcional. Os homossexuais estiveram à surdina das HQs durante muito tempo³. Assim, objetivamos nesta pesquisa analisar

²CIPRIANO, Ana; SILVA, Rebecca. **Blockbuster**: as 10 maiores bilheterias de todos os tempos. 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2021/04/blockbuster-as-10-maiores-bilheterias-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 27 ago. 21.

³Saliento neste ponto, os recentes acontecimentos do mundo dos quadrinhos da *DC Comics*, com a revelação da bissexualidade do herói e outrora ajudante do Batman, o Robin Tim Drake. Em declaração Alex Jaffe argumenta como Tim Drake sempre foi *queer* nos quadrinhos, e por vários impedimentos, como censura, um país homofóbico (EUA), a própria editora, nunca pode ser quem ele realmente é, sempre ficando nas sombras de outros, apenas em 2021, saindo do “armário.” Disponível em: JAFFE, Alex. **Some Big Changes for Tim Drake**. 2021. <https://www.dccomics.com/blog/2021/08/11/some-big-changes-for-tim-drake>. Acesso em: 27 ago. 2021.

historicamente a construção da homossexualidade nas HQs. Também visamos questionar a heteronormatização destes dois jovens vingadores. Heteronormatividade entendida como mecanismos sociais e institucionais, além de analisar as formas de vigilância e punição sobre os corpos (FOUCAULT, 1999) por meio do Estado, das Leis, do comércio, da educação e, sobretudo nas HQs. Corroborando com “a manutenção das práticas culturais, organizacionais e interpessoais que derivam de premissas heterossexistas relacionadas a sexo e gênero que também as reforçam é o que se chama de heteronormatividade” (OLIVEIRA, 2019, p. 19.).

Neste caminho problematizamos o casamento homoafetivo destes dois super-heróis em 2020, isto é, as formas como se desenrolam todo o processo que leva até o matrimônio. Os dois personagens nas primeiras publicações aparecem de forma bastante tímida, remetendo muito aos personagens homossexuais do século XX das HQs *mainstream*, para após quinze anos reproduzirem cenas quentes e sexualizadas envolvendo dois homens. Buscamos questionar o mundo real e suas reverberações sobre os direitos homossexuais, entre eles o casamento e como isto é levado para o ambiente ficcional das HQs.

Caminhando nesse embasamento buscamos nas HQs nossas fontes para a pesquisa, englobando desde 2005 com a primeira aparição, até 2020 com a finalização e realização do casamento destes dois super-heróis. Visamos o estudo dentro de um recorte que alcança quinze anos de publicações dos Jovens Vingadores, salienta-se que dentre estes quinze anos, algumas HQs foram selecionadas para a análise, aquelas que apresentam maior significância para os objetivos da presente pesquisa, por exemplo, *Jovens Vingadores: Ajudantes (2005)*, *Jovens Vingadores: Especial (2006)*, *Vingadores: Especial A Cruzada das Crianças (2012)*; *Impéryo: Imperador Hulkling (2020)*, *Impéryo: Vingadores (2020)*, entre outras.

Em tangência a isto, problematizamos as representações dos homossexuais que são apresentadas. Entendemos as representações (LAGAREIRO, 2018; MARINO, 2016; MEDEIROS, 2020) como o ato de um indivíduo ser representante para um determinado grupo social. Este indivíduo possui laços, traços, esquemas mentais e corporais que dão visibilidade para aquele grupo, por exemplo, os homossexuais, conferindo poder para estes indivíduos estigmatizados propiciando que falem e sejam ouvidos.

No que se refere à representação de personagens homossexuais nas HQs é importante salientar que em décadas anteriores tivemos a criação do já conhecido Estrela Polar, Jean-Paul Beaubier (*Northstar*, 1979), que passou por vários momentos de sua existência na clandestinidade em relação às pistas sobre sua sexualidade pareada pela epidemia de AIDS sobretudo na década de 1990, até culminar com seu casamento, a primeira união homoafetiva da Marvel, logo após a aprovação da união civil pelo estado de Nova Iorque em 2011.

Portanto, para Dandara Palankof e Cruz toda a vivência de Jean-Paul estaria possibilitando “[...] que o sujeito homossexual hoje não deve se esconder, pois tem o direito à visibilidade no espaço público, bem como ao respeito e às garantias civis que dela decorrem”. (CRUZ, 2015, s/p)

Trazendo para os povos latino-americanos temos a figura de América Chavez ou Miss América que foi criada por Joe Casey e Nick Dragotta onde teve sua primeira aparição em *Vingança #1* (2011). Para Samela Hidalgo, a personagem estaria por “representar uma boa parte dos leitores de quadrinhos de heróis: os latinos. E melhor: mulheres latinas. E mais um adendo: uma mulher latina assumidamente lésbica!”. (HIDALGO, 2021, s/p). Já a mutante Mística, Raven Darkholme, para Luciano Ferreira da Silva (2006), a personagem aludi a transexualidade, sendo capaz de mudar seu corpo para aquilo que bem quiser. Em seu relacionamento com outra mulher, Sina, Mística teria aproveitado seus superpoderes e assim “[...] todos os indícios de que foi através de um relacionamento homoerótico que as duas tiveram um filho. Sendo Mística uma transmorfa aproveitou seu poder e se relacionou como homem com a Sina” (SILVA, 2006, p. 231).

E ainda devemos fazer menção a duas personagens que redescobriram suas sexualidades, Hera Venenosa e Arlequina formam um casal lésbico de grande relevância na editora *DC Comics*. As duas personagens contracenaram juntas pela primeira vez no desenho animado *Batman: The Animated Series* (1992) tendo Arlequina convivido por muitos anos em relacionamento violento com o vilão Coringa, porém foi em 2015⁴ que seu relacionamento foi oficializado com sua parceira, Hera Venenosa.

A conexão com o feminino em vários aspectos, todos eles, conectados com a libertação das amarras da dominação masculina e o esclarecimento de serem capazes de amar sem precisar da aprovação dos homens, por meio de amizade platônica, e posteriormente como amor recíproco e altruísta de um relacionamento homoafetivo (BARBOSA; PASSOS, 2020, p.195.)

Estes personagens homossexuais denotam maior representação para esses grupos, sendo socialmente importante se sentirem integrados e pertencentes a um coletivo, principalmente se pensarmos em dias contemporâneos com expressivos retrocessos no que tange direitos humanos básicos. A falta de políticas públicas de combate à violência homofóbica e o aumento de casos de assassinatos decorrente destas violências torna

⁴ NARCISSE, E. **DC Comics:** Harley Quinn & Poison Ivy Are Girlfriends “Without Monogamy”. Disponível em: <https://kotaku.com/dc-comics-harley-quinn-poison-ivy-are-girlfriends-w-1711038615>. Acesso em: 2 fev. 2022.

imprescindível à notoriedade, ou seja, “sentir-se representado é mais do que compartilhar algumas características: é sentir que com elas se pode fazer, ser e pensar além das limitações desiguais, mas existem também grupos aos quais se pertence e se é representado” (LAGAREIRO, 2018, p. 53.)

Com base na abordagem de Michel Foucault problematizamos como os corpos masculinos homossexuais e os processos de vigilâncias e punições recaem sobre os sujeitos que não correspondem à norma esperada. Isto é, “à expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, à vontade e as disposições” (FOUCAULT, 1999, p. 18). Como dar-se-á no decorrer deste texto, nas primeiras publicações, as demonstrações de afeto e carinho entre Wiccano e Hulkling são mínimas ou inexistentes ou quando acontecem são sempre interrompidas por outros personagens. Nesta ideia de vigilância constante sobre os corpos e sobre aqueles que se deve amar, Hannah Arendt (2007) auxilia a compreender as dinâmicas do público x privado, isto é, aquilo que deve ou que deveria permanecer no espaço privado, pois não é entendido com relevância para o espaço público. Em outras palavras, a homossexualidade no mundo real, assim como nas HQs, perdurou ao longo do tempo como aquilo que deveria permanecer oculto, restrito ao espaço privado porque não era discernida como relevante para o espaço da norma.

O estudo das HQs ganha notoriedade e prestígio com o avançar de novas pesquisas. Porém, o caminho é tortuoso e precisa de mais desbravamentos. Destacamos a pesquisa *Supergay: Diferenças, singularidades e devir nas superaventuras da Marvel*, de Lucas Dalbeto (2015) que analisa o personagem Estrela Polar desde seu surgimento na década de 1970 até os dias após o seu casamento em 2012. A dissertação *A outra ponte do arco-íris: discursos e representações lgbt nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas*, de Dandara Palankof e Cruz (2017) que objetiva analisar o processo de representação dos personagens de HQs e suas relações com os públicos leitores. Importantes reflexões também são traçadas no livro *Sexo e Gênero nos quadrinhos*, organizado por Guilherme Sfredo Miorando (2020) que traz à tona as formas como o sexo e o gênero são representados nas HQs, sejam eles clássicos ou alternativos.

Na História Pública, o livro *História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários*, de Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santhiago (2016) postulam textos sobre os caminhos trilhados no contexto brasileiro sobre a História Pública, a utilização da metodologia da História Oral, os caminhos do ensino além da publicização da história. Mais recentemente a publicação do livro *História Pública e História do Tempo Presente*

organizado por Rogério Rosa Rodrigues e Viviane Trindade Borges (2021) contemplam escritos sobre temas sensíveis como as ditaduras, sobre o tempo presente e os passados que não passam e insistem em serem presentes.

Como a literatura torna evidente, as pesquisas que unem HQs e História Pública são poucas. A História Pública no Brasil, enquanto campo ainda em construção permanece articulada à publicização, adaptação de pesquisas e história oral subentendida como História Pública. Dessa forma, a pesquisa aqui intitulada *Revistas em quadrinhos e História Pública: construção da homossexualidade nos jovens vingadores Wiccano e Hulkling (2005-2020)* torna-se relevante pela experimentação em buscar analisar, questionar as representações dos sujeitos gays, a representação que os mesmos perpassam em diálogo com a História Pública. Em outras palavras, dois campos de estudos ainda poucos explorados, em consonância no desbravamento e solidificação das HQs como objetos e fontes para a historiografia e para História Pública.

Contudo, caminhos estão sendo percorridos e preenchidos sobre pesquisas que casem HQs e História, como é o caso do livro organizado pelos historiadores Victor Callari e Márcio dos Santos Rodrigues, intitulado *“História e quadrinhos: contribuições ao ensino e à pesquisa”* (2021) como o próprio nome sugere o livro busca a compreensão das HQs por um viés científico histórico enviesado pelos caminhos do ensino de história unido às HQs, e as formas, as barreiras científicas que cercam as pesquisas com estas fontes.

Outro exemplo de pesquisa que segue esta trilha, também de Victor Callari (2016), é a dissertação intitulada *“Política e terrorismo na série Guerra Civil da Marvel Comics”* posteriormente publicada em formato de livro intitulado *“Guerra Civil Super Heróis - Terrorismo e Contraterrorismo nas Histórias em Quadrinhos”* (2016) buscando elucidar as marcas dos atentados de 11 de setembro de 2001, nas páginas da HQ “Guerra Civil” da Marvel Comics.

Enveredando pelos caminhos dos estudos de Gênero e História, o pesquisador Sávio Queiroz Lima ao adotar a figura emblemática da Mulher Maravilha procura demonstrar as imbricações do feminismo dentro e fora das HQs da personagem, assim como também busca contribuir para a historiografia com a dissertação que recebe o título *“Vestígios e práticas de discursos feministas nos quadrinhos da Mulher-Maravilha: as ocultas mulheres de Bana-Mighdall”* (2017), e por fim, a tese de doutorado *“A crônica dos quadrinhos: Marvel Comics e história recente dos EUA (1980-2015)”* do pesquisador Fábio Vieira Guerra (2016) que elabora todo um traçado das histórias das histórias em quadrinhos da Marvel, desde as primeiras décadas do século XX até os primeiros momentos dos anos 2000 com uma maior

abertura para a diversidade de sexualidades, corpos e ideologias dentro das HQs daquela editora.

A partir do elencado acima (representando uma parte diminuta das pesquisas em HQs no cenário brasileiro) podemos perceber que as portas da academia estão abertas para pesquisas dos mais variados temas que unam HQs e História e se outrora esses objetos e fontes eram vistos com desconfiança, hoje não mais. Portanto, em paralelo a estas passagens, a presente dissertação busca interrogar algumas HQs da Marvel acerca de assuntos ali retratados que são cotidianos da nossa sociedade. O tema propulsor, a homossexualidade, e tudo aquilo que a cerca como a homofobia, a vida dentro ou fora do conhecido “armário”; a representação dos sujeitos, dos corpos homossexuais e sexualizados, fator este comum ao mundo das HQs.

Para, além disso, analisaremos o uso que uma determinada sociedade faz destas HQs, por exemplo, os usos políticos da publicação *Cruzada das Crianças* (revista que mostra a saga dos gêmeos Kaplan em busca de sua mãe, a Feiticeira Escarlata) ocorridos no Brasil, por figuras conservadoras e políticas, como o ex-prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella e sua tentativa frustrada de censura desta revista em 2019. E também, mais recentemente, no ano de 2021, nesta mesma cidade, os vereadores Felipe Michel e Alexandre Isquierdo (Progressistas e Democratas, respectivamente) votaram contrariamente à criação do “Dia da Visibilidade Lésbica” marco este que não seria feriado, mas um lembrete contra as formas discriminatórias que este grupo ainda vive em dias atuais. Como justificativa, os políticos argumentaram que aquela revista não seria para as crianças como seu título sugere – *A Cruzada das Crianças* – e que a criação deste marco representativo poria em risco a inocência de crianças e adolescentes sobre outras sexualidades para além da heterossexualidade. Discutiremos no decorrer desta dissertação sobre estes pontos aqui chamados a público, bem como para a emergência de discussões sobre as sexualidades humanas e suas inúmeras formas de serem vividas. Portanto, ao unirmos neste texto as HQs com dois personagens assumidamente gays e a História Pública buscamos problematizar esses engessamentos sociais sobre sexualidades, representações, grupos minorizados entre outros importantes assuntos que nos cercam diariamente, como a violência “normalizada” contra grupos não normativos.

Acompanhando esse debate historiográfico acerca das HQs e também da História Pública, a dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro se intitula *Histórias em Quadrinhos e História Pública* no qual discutimos as relações entre a HQ enquanto objeto/fonte para a historiografia, além de pensarmos nas contribuições da História Pública

para o desenvolvimento da pesquisa. E problematizamos o seguinte: quais as relações entre as HQs e a História Pública? Sustentados pelas discussões mais atuais sobre a História Pública brasileira e HQs, buscamos responder essas e outras questões ainda pouco debatidas no campo historiográfico brasileiro.

Na sequência o capítulo *A homossexualidade presente nas HQs* em que se busca dialogar sobre a presença dos sujeitos homossexuais nas HQs, fazendo uma retrospectiva da criação de personagens como *Extraño* (1988) da *DC Comics*, *Estrela Polar* (1979) da *Marvel Comics*, e por fim, a *Batwoman* (1956) também da *DC Comics*. Intentamos desta forma, brevemente demonstrar que os sujeitos homossexuais já estavam presentes na mídia constituída como HQs, contudo o refinamento destas homossexualidades era diminuto. Discutimos também, a partir da metade dos anos 2000, a criação do grupo de jovens vingadores, e entre eles os personagens gays, Wiccano e Hulkling codinomes para Billy Kaplan e Teddy Altman, os protagonistas dessa pesquisa.

Procuramos dialogar acerca dos estudos sobre representação inseridos nas HQs, já que é uma mídia que se constrói por meio da manipulação do real e, conseqüentemente, são de autorias de homens e mulheres inseridos em um determinado contexto socio-político-cultural. Em outras palavras, as HQs não são objetos isentos de questionamentos sobre política, cultura, relações de gênero e etc. O conceito sobre representação aqui abordado se enviesa pelos caminhos dos estudos histórico-culturais de Roger Chartier, para o qual:

As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 2002, p. 17).

Em outras palavras, são mecanismos nos jogos de poderes que possibilitam que individual ou coletivamente se formem conseqüentes aquisições de sentidos sobre uma determinada realidade tanto quanto de indivíduos ou grupos de pessoas. Damos ênfase por meio desta citação, à importância dos estudos sobre representação para se estudar as HQs, pois o mesmo encontra-se diluído ao longo de todo o corpo desta dissertação.

E por fim, no capítulo *Os Públicos e os Jovens Vingadores*, contextualizamos o casamento gay dos jovens vingadores Wiccano e Hulkling, acontecido apenas em 2020, após quinze anos de existência dos personagens. Esse acontecimento nas HQs está articulado ao que vinha acontecendo no cenário social, sobretudo na sociedade estadunidense, uma vez que as HQs são produtos deste país. Os Estados Unidos da América passaram por discussões acerca dos direitos homossexuais, em um primeiro momento e de grande valia foi à aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo em 2011 no estado de Nova Iorque e em 2015, com o incentivo do próprio presidente Barack Obama, a legalização deste tipo de casamento em todos os estados daquele país após julgamento válido pela Suprema Corte de Justiça.

Logo após esta discussão, abrimos espaço para pensarmos nos usos que estes personagens estão passíveis fora do ambiente ficcional, isto é, no mundo real. A saber, buscamos discutir as implicações de eventos-chave que tangenciam a censura, tema tão caro no Brasil atual. Discutimos como a tentativa frustrada de censura da HQ *Vingadores: A Cruzada das Crianças*, pela prefeitura do Rio de Janeiro abalou as redes sociais naquele momento, proibição esta que aconteceu na Bienal do Livro do Rio de Janeiro em 2019.

O tema aqui analisado que engloba esferas sobre discussões de gênero, masculinidades, a própria política, demonstra toda sua importância no cenário contemporâneo. A homossexualidade é sempre posta como o oposto da heterossexualidade, e por isso o caminho ruim que deve ser evitado. Com o passar do tempo mais e mais personagens de HQs tem sua homossexualidade, bissexualidade reveladas para o público amplo. Exemplo mais recente deu-se pela revelação do novo Super-Homem manter uma relação bissexual. A pesquisa com HQs, sobretudo inseridas na História ganha força nas últimas décadas devido a seriedade que historiadores/as têm empregado em seu dever como acima referenciamos. A História Pública é um campo de investigação recente que adentra a academia buscando um espaço de legitimidade para manter uma porta aberta de diálogo entre a academia e o grande público.

Buscamos investigar como e porque os personagens homossexuais são inseridos nesta mídia que é a HQ. Como ali são apresentados. Quais influências do mundo real são transportadas para o ambiente ficcional do quadro a quadro, da sarjeta, da vinheta, da onomatopeia. Vislumbramos com esta pesquisa ampliar os horizontes da pesquisa em HQs dentro da historiografia. Para além, intentamos alargar o número de estudos em história pública no Brasil.

1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E HISTÓRIA PÚBLICA

Pode se perguntar: qual a relação entre História Pública e revistas em quadrinhos. Popularmente conhecidas no Brasil como HQs. Will Eisner certa vez escreveu que as HQs são “um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (EISNER, 1989, p.5). A arte de narrar ideias inseridas dentro de HQs pode vez ou outra esbarrar em empecilhos. Esse será um dos objetivos de análise, as dificuldades de HQs que desafiam muitas vezes a ordem vigente. Por exemplo, aquelas que trazem em sua dramatização personagens homossexuais. Aqui, sendo eles *Wiccano* e *Hulkling*.

Retomando a atenção para nossa pergunta inicial, para Sávio Queiroz Lima (LIMA, 2014) com o advento da Escola dos Annales, a História enquanto ciência reconhecida abriu seu leque de possibilidades, de questionamentos para novos horizontes. Ainda para Lima, as HQs são:

Fontes que atendem aos novos apelos de uma historiografia crítica que tem por ponto de partida as inquietudes da Escola dos Annales diante de novos questionamentos que as fontes tradicionais não conseguiriam suprir em respostas. À medida que questões eram conquistadas com segurança e solidez novas questões, naturalmente, surgiam diante do explorador do passado ou mesmo do pensador que se apanha-se do humano e seus registros (LIMA, 2014, p.1816-1817).

As HQs são confeccionadas por homens e mulheres que estão inseridos em determinados contextos e possuem suas peculiaridades, são empregados para editoras como *Marvel Comics* e *DC Comics* e podem ser vistas como objetos políticos.

A partir da premissa de que objetos políticos possibilitam variadas indagações, por exemplo, fugir do positivismo e da análise macroeconômica, observando as “outras histórias” das mulheres, das crianças, dos homossexuais, dos povos originários, entre outras histórias até então pouco analisadas. Entendemos que as HQs podem ser “tomadas a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e dos seus enredos, tal como sobre o horizonte de expectativas de uma época” (PESAVENTO, 2005, p.68). Por exemplo, neste trabalho, a homossexualidade é objeto de questionamentos onde *Wiccano* e *Hulkling* são gays desde o surgimento da revista em 2005. Em um contexto inicial de aberturas dentro das HQs, de novas reformulações, da apresentação e representação de “novos” sujeitos.

Pensem que as HQs em seus mais distintos formatos exigem letramento para a absorção de todos os seus elementos. Portanto:

A configuração geral da revista de quadrinhos apresente uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual (EISNER, 1989, p.9).

Isto é, para pesquisar HQs é necessário ater-se não somente às páginas do objeto, mas como dito, analisar o contexto de criação e os criadores da revista, quem os emprega, ou seja, é necessário que a análise não fique retida ao simples olhar apaixonado pelo objeto. Will Eisner escrevendo em 1985 antecipa uma visão predominante que viria após os anos 2000: “a Arte Sequencial merece ser levada a sério pelo crítico e pelo profissional e com o rápido avanço da tecnologia gráfica e o surgimento de uma era muito dependente da comunicação visual tornam isso inevitável” (EISNER, 1989, p.5). Indaguemos, portanto, a representação que as HQs trazem em suas páginas.

De mesmo modo que a História se abriu para novas fontes e novas vozes. Dá-se o espaço de fala para os agentes daquela história de movimentos sociais como o movimento negro, feminista, gay. As HQs distanciaram-se do pensamento que um dia as assombrou, considerando-as como mero meio para entretenimento infanto-juvenil e para adultos de inteligência duvidosa. A percepção que HQs eram exclusivamente “material de consumo infantil, com desenhos ruins, barato e descartável” (MCCLLOUD, 1995, p.3) já não está mais vigente. Álvaro Hattner afirma que:

O posicionamento contrário à existência de ‘valor’ nas HQs passa, por um absoluto desconhecimento da história recente do suporte. As transformações ocorridas nas formas gerais que constituem as histórias representam, sem medo de exagero, uma das mais importantes expansões feitas à arte de narrar desde que os homens se reuniam ao redor de fogueiras para partilhar a representação verbal de seus feitos reais ou imaginários (HATTNER, 2014, p. 36-37)

Em composição a isto nos referimos à visão de Umberto Eco que trilha um caminho a respeito do romance popular, o qual as HQs também fazem parte, o mesmo fala sobre o crescimento da leitura entre as classes mais baixas, “é o nascimento de um novo público, ao qual a narrativa popular fala, mas também do qual fala. As plebes, as classes subalternas começam a tornar-se o objeto da narração” (ECO, 1985, p. 92). Este seria um estratagema que consolidaria as HQs como objetos de leitura infantil, perdendo crédito. Eco continua:

O romance popular não pode ser revolucionário porque se o fosse, também o modelo narrativo, no qual o público se reconhece e que lhe propicia gratificantes consolações, iria pelos ares. Na narrativa, a revolução efetua-se no nível de formas narrativas ‘outras’, que prefiguram uma definição do mundo diversa, ou melhor, de certo modo afirmam a impossibilidade de aceitarmos o mundo tal como é (ECO, 1985, p.93).

As HQs em suas mais diferentes abordagens e temas, bem como sua leitura provocava desordem, de modo que a solução encontrada era infantiliza-la. Rebatendo e “enfrentando as críticas e as resistências desenvolvidas ao longo do século passado, gradativamente os quadrinhos deixaram de ser compreendidos como leitura exclusiva de crianças para serem entendidos como forma de entretenimento de diversos públicos” (LIMA, 2017, p.148). O caminho para a valorização das HQs como objetos históricos e fontes para pesquisa estavam traçados, e reforçados constantemente.

Eco continua escrevendo sobre o poder revolucionário que a leitura usufruída pela camada popular gera um entendimento sobre as desordens sociais e, conseqüentemente, lutaria pelo poder e gerando uma revolução. Esse foco é afastado das camadas populares. O poder de apaziguar as crises sociais recairia sobre a camada mais abastada, porém apenas para alguns, e estes lutariam pelas classes inferiores, isto é, os subalternos não podem lutar por eles mesmos, ficam à espera de um salvador, e assim nasce o conceito de Super-Homem, o super homem das massas (ECO, 1985, p.94).

Portanto, percebemos que as afirmações de (EISNER, 1989, HATTNER, 2014, MCCLOUD, 1995) são elucidativas sobre os perigos de subestimar as HQs. Entende-se que não se é entretenimento barato, pelo contrário, propiciam novos olhares, novas formas de ver o mundo e de subverter a ordem vigente, por exemplo, ao trabalharem com personagens gays em destaque em suas revistas. Podemos nos perguntar: por que estudar HQs e História Pública? A resposta não é única. Estudar HQs e História Pública é uma abertura de multiplicidade para pensamentos, diálogos, reflexões, entendimentos sobre estes dois importantes suportes de compreensão do mundo. Para tanto, Grant Morrison em “Superdeuses” permite pensar em respostas para possíveis questionamentos.

Vivemos nas histórias que contamos. Numa cultura secular, científica e racional, que deixa a desejar em lideranças espirituais confiáveis, as histórias de super-heróis falam mais alto e com mais força frente a nossos grandes medos, nossos desejos mais profundos e nossas maiores aspirações. Elas não têm medo de trazer esperança, não se envergonham do otimismo e não têm medo do escuro. Estão o mais distante possível do realismo social, mas as

melhores histórias de super-heróis lidam diretamente com elementos míticos da experiência humana com os quais todos nós podemos fazer paralelo, de forma criativa, profunda, engraçada e provocante. Eles existem para resolver problemas de todo tipo e sempre podemos contar com eles para salvar o dia. Quando são bons, nos ajudam a enfrentar e resolver até as crises existenciais mais profundas. **Devíamos ouvir o que eles têm a dizer** (MORRISON, 2012, p.5, grifo nosso).

As HQs, por meio de homens e mulheres que as criam, possibilitam que esses tantos “outros” sujeitos falem e sejam ouvidos e, principalmente, sejam vistos, possibilitando que existam na sociedade. Esse também é o pensamento vigorante que move historiadores e historiadoras públicos. Ouvir quem fala. Grupos antes invisibilizados, marginalizados são possibilitados de contar suas histórias, seus fatos, suas vidas. Conquistam representatividade por meio da criação de personagens, ainda que escassa, e passam a se representar. Nesse aspecto, de compreender as relações entre as HQs e História Pública, muito ainda têm que compartilhar, investigar e refletir. É um campo aberto.

1.1. A História Pública Brasileira

A História em suas variadas vertentes possibilita que novas pesquisas surjam questionando determinados fatos. As HQs e a apresentação de personagens homossexuais possibilitam novos olhares sobre este grupo marginalizado. Sendo assim, unimos nossa pesquisa de HQs com o campo da História Pública.

Thomas Cauvin lembra do papel dos historiadores públicos e sua participação e mediação da “comunicação da história a audiências não acadêmicas, a participação pública [dos historiadores/as, sobretudo com as novas formas de comunicação possibilitadas pela internet] e a aplicação da metodologia histórica a situações do presente” (CAUVIN, 2019, p.9). Necessário pensar no papel enquanto indivíduos inseridos individual e coletivamente numa determinada sociedade. Portanto, manter-se atentos ao percurso brasileiro sobre a história pública.

No Brasil, os primeiros passos da História Pública se iniciaram com a realização do Curso de Introdução à História Pública, em 2011, na Universidade de São Paulo (USP) que gerou o lançamento do livro *Introdução à História Pública* no mesmo ano. E no seguinte ano foi realizado o Simpósio Internacional de História Pública, também na USP, promovendo novos olhares acerca da História Pública, e a criação da Rede Brasileira de História Pública. Disto, nasce à iniciativa em torno de algumas ações como:

Constituir um website que centralize as informações sobre a Rede Brasileira de História Pública e sobre as atividades já realizadas pelos integrantes do grupo; Formar uma lista de discussões virtual que abrigue debates teóricos, conceituais, metodológicos, em nível nacional, que contribuam para a definição dos significados (ainda controversos e carentes de exatidão) e dos caminhos da história pública em nosso país; Estimular a criação de núcleos regionais de estudo, debate e produção de conhecimento reflexivo em história pública; Fomentar a realização de simpósios temáticos e grupos de trabalho sobre história pública em eventos científicos de diversas áreas; Promover intercâmbios com pesquisadores e grupos estrangeiros (COSTA, et. Al. 2012)⁵.

A partir destes primeiros passos para a História Pública brasileira, são confeccionadas várias publicações acerca da produção acadêmica. Dentre estas podemos citar alguns livros: “História Pública no Brasil: sentidos e itinerários”; “Introdução à História Pública”; “Que História Pública Queremos? *What Public History do We Want?*”; “História Pública e Ensino de História”; “História Pública e História do Presente”; “História Pública e Divulgação de História”; e “História Pública em Debate: Patrimônio, educação e mediações do passado”. Percebemos que as publicações em História Pública abraçam variadas temáticas, desde o ensino até a divulgação histórica.

No que concerne à institucionalização da História Pública, têm-se o mestrado acadêmico desenvolvido pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – campus de Campo Mourão. A História Pública é entendida como “uma perspectiva historiográfica cujo foco está voltado para a análise, compreensão e explicação de debates e fenômenos públicos que envolvem conhecimentos históricos”, um leque de possibilidades se abre para pensarmos os arcabouços da história pública. Nesta pós-graduação nascida no ano de 2019, as pesquisas desenvolvidas seguem algumas linhas norteadoras:

1 – a respeito de dada(s) audiência(s), investigando, por exemplo, como determinados conhecimentos históricos são acionados por diferentes agentes e/ou instituições em situações de normalidade, de tensão e/ou de disputas de espaço e poder; 2 – com a(s) audiência(s), por meio de um diálogo colaborativo entre o pensamento histórico acadêmico e aquele(s) produzido(s) fora da comunidade de historiadores(as), a fim de propiciar um novo entendimento acerca das relações entre acontecimentos pretéritos e atuais; 3 – e para a(s) audiência(s), com a elaboração de reflexões, serviços e produtos que articulem o arcabouço de pesquisas historiográficas às demandas sociais, intelectuais, políticas e comerciais específicas sobre a história, mantendo, simultaneamente, os fundamentos epistêmicos da

⁵ REDE BRASILEIRA DE HISTÓRIA PÚBLICA. **Carta de fundação**. Disponível em: <https://historiapublica.com.br/a-rede/carta-de-fundacao-2012>. Acesso em: 27 ago. 2021.

história como ciência, pressupostos ético-profissionais e a didatização de determinado tema ao público-alvo⁶.

A História Pública é entendida como a abertura e abrangência da ciência para práticas que ocorrem fora das universidades, por exemplo. Um olhar mais atento para problemas sociais, movimentos reivindicatórios de direitos, representações de sujeitos outrora invisíveis e sem possibilidades de falar ou de serem ouvidos e os desconfortos causados por suas falas e protagonismos.

A partir de 2019 o mundo começou a sentir os efeitos da pandemia de Covid-19, que no Brasil, no momento de escrita desse texto já conta com mais de 652 mil mortos. Ousamos dizer que com a mudança brusca de cenário, distanciamento social, *lockdown*, ensino e aulas de forma remota, a divulgação da história e em especial da História Pública ganhou repercussões nunca antes vistas. Historiadores e historiadoras das mais diversas áreas passaram a ocupar as redes sociais. Locais estes pouco ou nada explorados por nós profissionais.

Uma dessas iniciativas, e sem dúvida a mais conhecida, é o sítio eletrônico “Café História” do professor Bruno Leal criado em janeiro de 2008 onde o portal tem por premissa ser colaborativo entre pesquisadores e pesquisadoras na divulgação da história para os públicos e também na elaboração com os públicos de novas historicidades. A página na rede social *Facebook* conta com mais de 334 mil seguidores⁷.

Outra ideia que ganha vida no momento da pandemia de Covid-19 foi o “História em Quarentena”, “uma iniciativa coletiva de pesquisadores brasileiros e estrangeiros para difundir conhecimento histórico via internet durante o período de isolamento social recomendado para este momento de pandemia do coronavírus”. O projeto transmitia palestras sobre os mais variados temas, relações de gênero, feminismo, militância homossexual, História Oral, entre outros. Em uma iniciativa de divulgação de história para uma amplitude de públicos via *Facebook*. Já no *Instagram*, dentre os vários perfis que atuam na linha da história pública, podemos citar o Laboratório de História Pública da UFSC (LAPIS/UFSC) que atua na produção e divulgação de conteúdos históricos para amplas audiências.

Projeto integrador concebido também pelas mãos do LAPIS é o sítio eletrônico “Portal História Pública”⁸ um agregador “Dedicado à multiplicação do conhecimento histórico para diversos públicos”. Reúne atalhos para diversos outros programas no *YouTube*, *Facebook* e

⁶ Disponível em: <https://ppghp.unespar.edu.br/o-programa/area-de-concentracao>

⁷ <https://www.facebook.com/CafeHistoria>

⁸ Verificar em: <https://historiapublica.sites.ufsc.br/>

Instagram. Ou seja, os historiadores e as historiadoras estão cada vez mais próximos de uma gama distinta e gigante de públicos diferentes, ocupando local importante para competição contra os “negacionismos” que acometem a sociedade e visões distorcidas da história promovida por grupos como variados brasis paralelos. Posto isso entendemos assim a História Pública brasileira como:

A expressão história pública ultrapassa a ideia de acesso e publicização de concepções em vigor na academia. É necessário o estabelecimento de pontes entre o saber acadêmico construído e o trabalho não-científico, promovendo a difusão e o desenvolvimento de uma “história” que estimule a participação e colaboração das diversas “comunidades” fora/dentro do espaço universitário. Considera-se, assim, a necessidade da não supressão da ciência em favor da história pública, porém, o desejo de diálogo com as práticas e reflexões não acadêmicas compromissadas com a problematização da cultura histórica (ALMEIDA; ROVAI, 2013, p.3-4).

A História Pública tangencia um contato maior entre a sociedade e a academia buscando possibilitar o acesso às pesquisas para o grande público. Nesse quesito é preciso concordar com o pensamento de Michael Frisch sobre uma “autoridade compartilhada”:

Sugere algo que é, que na natureza da história oral e da história pública nós não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos autores-historiadores. Em vez disso, o processo de interpretação e de construção de significados é, por definição, compartilhado. Até onde entendo, nós simplesmente não temos a autoridade para sair distribuindo por aí (FRISCH, 2016, p. 62).

Pensar nos públicos é sumário para a realização do trabalho de historiador público. O profissional da história não possui única e exclusivamente a palavra final sobre os acontecimentos. E nesse sentido, a História Pública brasileira vem atuando firmemente para o compartilhamento do conhecimento. Possibilitando a quebra da “torre de marfim” (MALERBA, 2014, p.29), isto é, a abertura para que outras ideias, outras pesquisas oriundas de grupos marginalizados possam ter espaço e direito de falar e serem ouvidos. Para Rovai, a história pública implica em:

Repensar o papel de historiadores. Em se considerar nova postura – talvez não tão nova para alguns, mas pouco refletida – mais atenta à alteridade, à ética e ao compromisso não com a mera tradução ou transposição do saber científico para outros espaços, mas com processos complexos, e até mais incômodos, de se pensar, produzir, divulgar e acessar a história (ROVAI, 2018, p. 186).

Neste cenário, os personagens de HQs podem dizer muito acerca do mundo social que os constroem, permitindo que esses grupos marginais tenham uma oportunidade de se ver em papel de destaque. Podendo quebrar correntes que os impedem, por exemplo, de viver suas sexualidades explicitamente.

Esta junção entre História Pública e HQs eleva-se a um novo “posicionamento intelectual e político de observação da realidade. Mais do que isso, uma opção pela organização, pela mediação e pela divulgação de conhecimentos [...]” (ROVAI, 2018, p. 187), que muitas vezes estão além das fronteiras instauradas pela academia. A História Pública é esse “guarda-chuva conceitual” (SANTHIAGO, 2016) que possibilita o enquadramento de diferentes formas, demandas de lidar com o passado e presente históricos que saltam constantemente aos olhos. Aquele passado atemporal. Alguns conceitos que podemos pensar: “usos do passado; demanda social; percepção pública; divulgação científica da história; interpretação e curadoria; empoderamento e pesquisa-ação; apropriações midiáticas, literárias e artísticas da história” (SANTHIAGO, 2016, p.26), e tantas outras que são feitas criativa e criticamente nas academias, nas salas de aula do ensino básico, nos meios eletrônicos, como já referenciamos.

As HQs são um desses meios que permite novos caminhos para a divulgação e para o aprendizado de história menos engessados, como acaba por ocorrer em muitas aulas. Em união, essas duas áreas de produção do conhecimento humano podem conforme Lima “ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado; serem lidos e estudados como registros da época em que foram produzidos; serem utilizados como ponto de partida de discussões de conceitos” (LIMA, 2017, p.153) que são sumários para entendermos nossa realidade, nosso mundo.

Jerome de Goot, historiador público estadunidense compreende que as HQs podem e devem ser usados pela história pública. Porque esses:

Romances gráficos históricos nos apresentam uma manifestação do "gênero histórico" um pouco fora da órbita da interpretação mainstream; influente, mas ignorado pela bolha de estudos. O formato tem sido, em geral, percebido como subterrâneo, lixo e simplista e, portanto, qualquer discussão tem sido estritamente limitada. No entanto, a natureza híbrida da romance gráfico permite que suas considerações da história desafiem e interroguem opiniões recebidas, e, no caso de *Maus* de Art Spiegelman, introduzem uma maneira totalmente nova de lidar com um horror histórico (GROOT, 2009, p. 225, tradução nossa).

A HQ *Maus: a história de um sobrevivente* foi publicada em 1972, por Art Spiegelman e relata por meio de entrevistas com seu pai, a vida deste e a sobrevivência nos campos de concentração da Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial. *Maus* possui importância sumária se tratando da apresentação do holocausto judeu. A HQ se sobressai pelo seu uso de entrevistas orais para apanhar as situações pelas quais seu pai e familiares passaram em busca da sobrevivência e da resistência, assim como a aplicação do caráter histórico, do uso do antropomorfismo para retratar judeus, nazistas, estadunidenses e outros permitindo que diálogos, pesquisas, debates instigantes sejam possibilitados por esta fonte (MATTOS; ANDRADE; MALTA, 2017). Sendo a primeira a ganhar um prêmio Pulitzer, Groot expõe o quanto as HQs “são capazes de tratar as histórias mais complexas e horríveis com compaixão e precisão. [...] o leitor é obrigado a rever sua própria relação com o passado, evitar sua própria desconfiança e ver de novo o que realmente aconteceu” (GROOT, 2009, p. 228, tradução nossa). O potencial das HQs ainda não foi alcançado nas pesquisas acadêmicas.

Em seu livro “História e História Cultural”, Pesavento aponta na direção da importância do estudo de HQs pela História.

Nessa medida, é a História que formula as perguntas e coloca as questões, enquanto a Literatura opera como fonte. A Literatura ocupa, no caso, a função de traço, que se transforma em documento e passa a responder às questões formuladas pelo historiador [e historiadora]. Não se trata, no caso, de estabelecer uma hierarquia entre História e Literatura, mas sim de precisar o lugar de onde se a pergunta. (PESAVENTO, 2005, p. 68)

Como as HQs estão apresentando os sujeitos homossexuais? Como estes são representados? Estereotipados ou normalizados? Dito isto, concordamos com Pesavento quando escreve que “da pintura ao cinema, da história em quadrinhos à fotografia, do desenho à televisão, tais imagens povoam a vida e a representam, oferecendo um campo enorme às pesquisas dos historiadores” (PESAVENTO, 2005, p. 74). As HQs, como já fora dito, são construções de seu tempo, elaboradas por homens e mulheres, portanto, pesquisadores/as são necessários para mediar, interpretar, interpolar nestes meios de comunicação, divulgação de ideologias, saberes, idealizações utópicas do “real”.

Por todo o afirmado, estreitamos ainda mais as relações entre HQs e História Pública dentro de suas conotações em publicizar, apontar e pensar modos diferentes de se apresentar conteúdos históricos. Pois, assim como Sara Albieri (ALBIERI, 2011, p. 27-28) entendemos

que estes dois campos de estudos permitem que homens, mulheres, velhos, jovens, adolescentes e crianças entendam a consciência histórica dos fatos além de se dispor histórica, social, culturalmente no meio em que vivem. Em outras palavras, é a possibilidade de nos posicionarmos no mundo em que vivemos rodeados por variáveis de todos os saberes. É a possibilidade da “escuta dialógica, à problematização das condições de autoria e ao alargamento da produção, do acesso e da divulgação do conhecimento histórico por diferentes tecnologias e espaços públicos [...]” (ROVAI; MEDEIROS, 2021, p. 140).

Agora que localizamos e definimos as similaridades e importâncias da pesquisa com HQs, número ainda insuficiente dentro desta ciência, seguimos para um fator importante para compreensão do fenômeno que são as HQs, que é a Indústria da mídia, com o apoio do pensamento formulado por Douglas Kellner (2001).

1.2. Indústria da mídia – as histórias em quadrinhos

As HQs acompanham as mudanças sociais que afetam o mundo real e transcriam isso em suas páginas. Lutas dos movimentos sociais; líderes políticos de todo o mundo são retratados nas revistas; paradas do orgulho gay também estão inseridas no papel e tinta das revistas. Todavia, é preciso entender que por serem:

Um produto cultural, as Histórias em Quadrinhos expressam símbolos, valores e sentidos da sociedade, podendo conter em suas narrativas um conjunto de crenças, de ideologia ou de pensamentos que fazem parte no imaginário popular. Nas diferentes representações visuais e narrativas dos diversos universos das HQs, existe a possibilidade de encontrar princípios éticos e morais, a vida em sociedade, a moda e os costumes (TENORIO, 2019, p.20).

São um mecanismo do capital para geração de lucro e, portanto, deve-se tomar cuidado em sua análise. Douglas Kellner e sua conceituação sobre “cultura da mídia” traz que as HQs contribuem para lançamento de novas observações à fonte de pesquisa. As HQs englobam o que Kellner convencionou chamar de “cultura da mídia” (KELLNER, 2001). Vêm a se derrubar possíveis entraves entre cultura, mídia, comunicação(ões) que poderiam surgir ao nomear de “cultura popular” ou “cultura de massas”, evitando uma homogeneização de quem recebe uma cultura da mídia. O autor evidencia o quanto estas mídias passaram a dominar os meios de comunicação, as formas de produções do entretenimento, e conseqüentemente dominaram a cultura. Daí a ideia de uma cultura da mídia. Essa mídia que

não é inocente, ou seja, exerce um papel ligado a questões sociais, econômicas e culturais, que muitas vezes (re)produz relações de poder.

Kellner alerta para os perigos que circundam a cultura midiaticizada. É uma cultura que busca atingir a todos os públicos receptores seja por meio do rádio, da televisão, da internet e suas gigantescas ramificações em incontáveis aplicativos. Para o autor, esses:

Vários meios de comunicação – rádio, cinema, televisão, música, imprensa, como revistas, jornais, e histórias em quadrinhos – privilegiam ora os meios visuais, ora os auditivos, ou então misturam os dois sentidos, jogando com uma vasta gama de emoções, sentimentos e ideias. A cultura da mídia é industrial; organiza-se com base no modelo de produção de massa e é produzida para a massa de acordo com tipos (gêneros), segundo fórmulas, códigos e normas convencionais. É, portanto, uma forma de cultura comercial, e seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital. A cultura da mídia almeja grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando dados hieroglíficos da vida social contemporânea (KELLNER, 2001, p.9)

Essa cultura da produção para as massas, convencionada em hieróglifos, em que muitas vezes um objeto já nasce obsoleto, tem conforme Kellner ressalva, no lucro de grandes corporações e seus executivos como o fim último. Por isso, se precisa atenção em tentar identificar o real sentido de se ter personagens homossexuais ganhando destaque em um meio de comunicação como as HQs de grande circulação. Alerta que essa cultura da mídia pode ser maléfica e benéfica; maléfica ao reproduzir falas reacionárias, preconceituosas, sexistas e etc.; benéfica ao “propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo” (KELLNER, 2001, p.13). É necessário entender as estruturas e a dinâmica social, cultural e política de determinada sociedade para entender e interpretar sua cultura.

Essas personagens homossexuais em destaque, conforme ressalta Jair Domingos (2015) tornam-se “elemento potencial para a produção de subjetividades no interior da sexualidade e, ao mesmo tempo, faz ver efeitos de desestabilização dos sentidos legitimados no imaginário social acerca do sujeito homossexual” (2015, p. 9). Em concordância de Kellner com Domingos acerca de possíveis reverberações que os super-heróis gays transmitem.

Em relação a alguns postulados acerca da confecção desses produtos, entre eles as HQs, Kellner (2001) é afirmativo na iniciativa de ver além do que é visível buscando vislumbrar os bastidores dessas mídias:

A necessidade de vender significa que as produções da indústria cultural devem ser eco da vivência social, atrair grande público e, portanto, oferecer produtos atraentes que talvez choquem, transgridam convenções e contenham crítica social ou expressem ideias correntes possivelmente originadas por movimentos sociais progressistas (KELLNER, 2001, p.27).

Retomando em 2019, Bienal do Livro no Rio de Janeiro, onde o então prefeito da cidade, o bispo Marcelo Crivella recorreu à justiça em uma tentativa fracassada de censura sobre as literaturas com temática LGBTIQA+ daquela exposição. O resultado saiu de seu controle e de sua massa de manobra, gerando o esgotamento em poucas horas do objeto central da polêmica, a edição especial dos Vingadores, intitulada *A Cruzada das Crianças* lançada originalmente em 2012. Percebemos que as HQs ao longo de suas variadas nuances por todo o século XX e primeiras décadas do XXI, modificaram suas narrações que até então eram “repletas de conflitos e jogos de poder, os temas se tornaram cada vez mais complexos, passando da simples dialética do herói contra o vilão para relações de preconceito, ódio racial, disputas políticas e econômicas, entre outras” (VIEIRA, 2008, p. 210).

Se outrora as HQs eram menos abertas ao diferente, mantendo-o silenciado, mudanças ocorreram devido aos resultados de inquietações sociais que são transpostas para suas páginas. Com o auxílio de Martín-Barbero refletimos:

Se uma mitologia [histórias em quadrinhos] ‘funciona’ é porque dá resposta a interrogações e vazios não preenchidos, a uma demanda coletiva latente, por meios e esperanças que nem o racionalismo na ordem dos saberes nem o progresso na dos haveres têm conseguido extirpar ou satisfazer. A impotência política e o anonimato social em que se consome a maioria dos homens reclama, exige esse suplemento-complemento, quer dizer, uma razão maior de imaginário cotidiano para poder viver. Eis aí, segundo Morin, a verdadeira mediação, a função de meio, que cumpre dia a dia a cultura de massa: a comunicação do real com o imaginário (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 83.)

Torna-se necessário que as mídias tão presentes em nossos cotidianos permitam preencher com esperanças os vazios contundentes e excludentes de nossas sociedades. As HQs e a diversidade ali presentes ajudam neste ponto. São necessárias para pensarmos, tornar reais os sonhos frente a um mundo individualizado, politizado e preconceituoso.

Durante décadas devido a variadas imposições os homossexuais eram representados de forma taxativa, estas foram reformuladas e novas representações nasceram derivadas de anos de lutas por estes grupos marginais. Os indivíduos lutaram incontáveis batalhas, desde a revolta de *Stonewall* até os dias atuais e as coloridas paradas do orgulho gay, possibilitando a desmistificação dos sujeitos LGBTQIA+ e demonstrando que estes indivíduos agrupados coletivamente podem e estão mudando e moldando novas vivências. Para Marcos Vieira, as HQs e suas infinitas possibilidades de representações:

Proporcionam um ambiente de livre troca de conteúdos e valores. Por meios das aventuras mais variadas, os quadrinhos representam o mundo sob o ponto de vista de um público jovem e em constante renovação. Neles, é possível discutir temas da atualidade, narrar acontecimentos históricos, prever e especular o futuro. Neles, milhares de jovens, crianças e adultos do mundo todo depositam seus sonhos e esperanças de poder voar (VIEIRA, 2008, p. 212).

Para Sarah Gomillion e Trace Giulliano que desenvolvem estudo sobre a importância da representação de sujeitos que fogem a heteronormatividade nas mídias e sua influência sobre a tomada de consciência por lésbicas, gays e bissexuais no mundo, concluem que as mídias precisam apresentar plenamente sujeitos destas orientações sexuais, pois, “as representações positivas de indivíduos [LGBTQIA+] na mídia pode melhorar o senso de autoestima destes indivíduos, e em última instância, inspirá-los a se tornarem bem sucedidos” (GOMILLION; GIULIANO, 2011, p. 340).

Neste caminho, Sarah Coyne e outros (2014) analisaram as influências dos super-heróis nas mais variadas mídias, incluindo as HQs, nas construções dos papéis de gêneros nos jovens que acessam tais conteúdos, incluindo a forte presença das masculinidades que estas mídias perpassam. Concluem que é necessário que as representações apresentadas por estas mídias sejam positivas, pois, estes personagens apresentados, podem ser associados negativamente pelos receptores, sobretudo os meninos sobre suas construções, incluindo as corporeidades e masculinidades.

Em pesquisa de 2020 conduzida pelo Instituto Pró-Livro que objetiva analisar os hábitos de leituras no Brasil constatou que, na faixa etária entre 5 e 17 anos, a leitura de livros se dá pela escolha do “gosto”. Em outras palavras, nessa idade onde a construção de mundo de crianças e adolescentes está sendo realizada é imprescindível o encontro dessas representações positivas nas leituras e é de primordial para sua plena realização de si e dos outros no mundo.

Outro dado é que o principal motivo para a não leitura é pela falta de tempo, e a concorrência com outras mídias como televisão, internet, música ou rádio, *WhatsApp* e vídeos/filmes. As figuras de professoras e/ou mães continuam como sendo as maiores influenciadoras em iniciar o hábito da leitura. Entre os mais de 37 livros citados, a *Turma da Mônica* se mantém na terceira posição, atrás de livros como *Diário de um Banana* e a *Bíblia*. A *Turma da Mônica* pelo seu alcance é o gibi mais popular nas terras brasileiras e sua leitura figurar entre os primeiros não é surpresa, assim como Mauricio de Souza estar entre os 18 autores mais citados não é surpreendente. É digno de nota que a principal leitura do povo brasileiro neste recorte da pesquisa sejam os jornais, tanto físico quanto eletrônico. No momento de realização da referida pesquisa, a pandemia de Covid-19 ainda não havia se intensificado em nosso país. Portanto, os hábitos de leitura podem ter mudado, tendo em vista que a pandemia e as medidas de enfrentamento mudaram drasticamente a vida do povo brasileiro (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

Wiccano e Hulkling foram criados por Allan Heinberg e Jim Cheung. Allan é um homem abertamente gay e em entrevista para o portal de notícias *BleedingCool*, comentou sobre a abertura para criação de personagens LBGQTQIA+ nas HQs em contrapartida à televisão. Pois, na sua visão devido aos orçamentos televisivos serem maiores é necessário que os enredos e personagens sejam vendáveis, e personagens LBGQTQIA+ ainda não são bem recebidos pelo público, em geral, heterossexual. Ao ser perguntado sobre o que atrai pessoas LBGQTQIA+ às HQs, Allan disse que esses leitores e os super-heróis são semelhantes, ambos são os de “fora”.

Os quadrinhos de super-heróis tendem a ser sobre pessoas de fora - pessoas que não são aceitas pelo clássico - ou que sentem que não pertencem lá - que, no entanto, se esforçam e se sacrificam para salvar as mesmas pessoas que os rejeitaram em primeiro lugar. Mesmo o pobre Super-Homem está constantemente lutando para provar a si mesmo e ao mundo que ele é digno de sua humanidade adotada. Como um garoto gay no armário, crescendo em Oklahoma nos anos 70, eu [Allan] me identifiquei completamente com essa luta (JOHNSTON, 2011, on-line)

Recentemente, outro roteirista que desenhou os jovens vingadores Wiccano e Hulkling declarou sua bissexualidade. Em carta aberta publicada em um blog eletrônico, Al Ewing⁹ declara que “estou de alguma forma em negação sobre quem sou há cerca de trinta anos. Mas, eu sou bissexual.” Ewing promove uma série de questionamentos sobre a bissexualidade que

⁹ EWING, Al. *I Had A Title For This And Everything*. 2021. Disponível em: <https://alewing1977.medium.com/ihad-a-title-for-this-and-everything-4114a2f43063>. Acesso em: 12 jul. 2021

muitas vezes é motivo de piadas na sociedade. “Sou bi o suficiente?”; “Estou em um relacionamento monogâmico, sou bi o suficiente?” dilemas que pessoas bissexuais ainda enfrentam na contemporaneidade. Vale salientar que Al Ewing foi o escritor do segundo volume dos Jovens Vingadores, em 2013, e apresenta um Loki pansexual, foi o responsável pela saga *Impéryo* que termina com o casamento gay de Wiccano e Hulkling, e, por fim, foi o responsável por apresentar um Senhor das Estrelas (*Star Lord*), membro dos Guardiões da Galáxia, bissexual. Em resumo, a representatividade precisa extrapolar as páginas das HQs. É preciso ir além de pessoas heterossexuais produzindo.

Conforme Ivan Lima Gomes (2021), a leitura de HQs constrói ativo exercício de trocas de saberes, linguagens, significados entre leitores e leitoras e destes com autores e autoras de HQs. A linguagem das HQs que envolvem textos e imagens, isto é, uma leitura ramifica, e conseqüentemente uma:

Fragmentação da leitura moderna demanda de seus leitores uma interação mais efetiva, estabelecendo vínculos a favor da construção cotidiana de sentidos e sensibilidades. Tal descrição converge para as formas de leitura e consumo de HQ. Seus leitores podem ser caracterizados como membros de “comunidades ativas”, exigentes ao ponto de disputarem os sentidos de suas histórias favoritas a cada lançamento, levando seus autores a uma ativa linguagem da prontidão”, sensível às vicissitudes do seu público leitor (GOMES, 2021, p. 56).

Toda forma de compartilhamento de austeridade, de leituras e escritos sensíveis são necessários como forma de combate aos males sociais que populações minorizadas enfrentam cotidianamente, pois:

Recrudescem, no presente, manifestações de violento combate às conquistas que tivemos em todos esses anos. Recrudescem o enfrentamento porque avançamos, porque não estamos mais dentro do armário, ou debaixo do tapete, ou em qualquer beco escondido das cidades. Estamos no palco, dentro da arena, e não somos poucos (SCHMIDT, 2015, p. 293).

O cenário nacional também possui importantes figuras trabalhando na expansão de HQs representativos de um grupo. O exemplo já consagrado fica por conta de Laerte Coutinho e sua travestilidade levada também ao ambiente ficcional do papel.

A identidade travesti, no Brasil, ganhou visibilidade, por exemplo, com a atitude de Laerte Coutinho que, assumindo-se cross-dresser, passou a protagonizar entrevistas e debates em torno das questões de gênero. Como figura pública, Laerte se tornou uma referência para a causa travesti e queer,

chamando a atenção para identidades que se encontram às margens da própria margem que seria o movimento homossexual. (OLIVEIRA, 2014, p. 33)

Outro importante marco de representações para grupos marginais, não está localizado em uma figura singular, mas em um coletivo que é o evento *POC CON*, celebração aberta para todos os públicos, mas que realiza a publicação apenas de pessoas LGBTQIA+. Para o ano de 2022, os organizadores permeiam a realização de forma presencial visto que no ano anterior o virtual foi o caminho devido ao agravamento da pandemia de Covid-19. Segundo os organizadores (Mário César e Rafael Bastos Reis) a “POC CON é uma feira de quadrinhos e artes gráficas protagonizadas por artistas LGBTQ+!”. Ainda de acordo com eles:

Os quadrinhos brasileiros estão vivendo uma época de ouro: centenas de novos talentos emergiram nos últimos anos e tem alcançado reconhecimento tanto no Brasil quando no exterior e os eventos de quadrinhos tem se proliferado Brasil afora. Neste cenário tão efervescente, muitos autores LGBTQ+ também estão despontando e trazendo novas cores à nona arte brasileira. Em tempo onde querem que meninas vistam rosa e meninos vistam azul, celebramos os quadrinhos e artes gráficas brasileiros em um espaço onde cada um pode usar livremente a cor que bem entender. (O QUE É A POC CON, 2022, on-line)

Concluimos que as representações positivas onde fogem os estereótipos, durante décadas adotados para retratar os sujeitos não heteronormativos, são salutares para que se proporcione a ação de alteridade necessária para os grupos marginalizados da sociedade. A apresentação destas pessoas, sem estigmas, de forma natural possibilita que não somente os homossexuais se entendam no mundo, mas também que heterossexuais enxerguem que aqueles são apenas pessoas iguais a quaisquer outras. Representações positivas retratadas pelas mídias, incluindo as HQs, proporcionam a alteridade, a resolução de conflitos tanto internos, por exemplo, a saída do “armário”, quanto externos, o enfrentamento à homofobia. Transformam-se em um exercício de expressividade das relações humanas, das diferentes sexualidades e fugindo dos dualismos tão estruturantes da sociedade ocidental.

1.3. História do Tempo Presente

François Hartog denominou por “presentismo” aquilo que podemos entender como o “presente único: o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpetuado” (2013, p.

11). Este período temporal pelo qual vivemos atualmente se instaura frente ao medo do futuro incerto em contrapartida a um passado de maiores seguranças. Portanto:

o presentismo pode, assim, ser um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante. A isso, deve-se ainda acrescentar outra dimensão de nosso presente: a do futuro percebido, não mais como promessa, mas como ameaça; sob a forma de catástrofes, de um tempo de catástrofes que nós mesmos provocamos. (HARTOG, 2013, p.15)

A isso acrescentamos a atual pandemia de Covid-19 e as incertezas que decorreram disso: alta inflação¹⁰, taxa exorbitante de desemprego¹¹, insegurança alimentar da maior parte da população¹², crescimento dos números de casos de depressão¹³ para ficarmos em apenas alguns pontos da população brasileira. As sociedades em geral viviam numa dada ideia de progresso, de certezas sobre o futuro, principalmente com o alvorecer no século XXI, diante de inconstâncias climáticas, econômicas, mudanças culturais, sociais e outros fatores. As atenções se viraram não mais para o futuro, mas para um passado. Passado este que se apresenta como o caminho mais seguro, como a direção a ser buscada. Concebendo a ideia de presentismo, isto é, determinados passados que insistem em não passar, que inundam os veículos de informação, entretenimento, ganham vida por meio de seriados televisivos, filmes entre outros, por seu alto teor nostálgico destes passados. Ademais, é a (re)construção do passado com alicerces no presente. Para Dosse:

na atualidade, nós atravessamos uma grave crise de historicidade em função da crise da noção de futuro. Noção de futuro que põe em questão a postura clássica do historiador como intermediário entre passado e o devir. [...] a busca por sentido deslocou a atenção para a ação no momento de sua realização. Isto colocou sobre o presente como detector de sentido relacionando-o com a memória, a comemoração, o patrimônio e a arquivização. (DOSSE, 2012, p. 10)

¹⁰ ALVARENGA, Darlan. **IPCA: inflação oficial fecha 2021 em 10,06%, maior alta desde 2015**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/01/11/ipca-inflacao-oficial-fecha-2021-em-1006percent.ghtml>. Acesso em: 11 fev. 2022.

¹¹ ALVARENGA, Darlan. **Brasil tem a 4ª maior taxa de desemprego do mundo, aponta ranking com 44 países**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/11/22/brasil-tem-a-4a-maior-taxa-de-desemprego-do-mundo-aponta-ranking-com-44-paises.ghtml>. Acesso em: 11 fev. 2022.

¹² MALUF, Renato. **A insegurança alimentar no Brasil não é só produto da pandemia**. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51888>. Acesso em: 11 fev. 2022.

¹³ GAMEIRO, Nathália. **Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante a pandemia**. FIOCRUZ-Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/depressao-ansiedade-e-estresse-aumentam-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 11 fev. 2022

O historiador passa a não mais “fechar” o passado, este permanece em aberto, passível de modificações e (re)interpretações. Sendo assim o historiador deve “renunciar a uma postura de domínio dos registros históricos.” Um escrito presente permite a “revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também as possíveis incertezas” (2012, p. 11). Assim, a História e o historiador deixam de buscar ilusões realistas sobre a escrita histórica, todavia sem cair em relativismos quaisquer. A história passa a uma epistemologia da busca pela verificabilidade de suas afirmações e de negações.

A História do Tempo Presente sofreu desconfianças ao longo do tempo, sobretudo quando vigorava na academia o modelo de uma história positivista que buscava em documentos oficiais e, sobretudo antigos, os modelos para a pesquisa histórica e sua credibilidade científica. Mas, como assegura Marieta de Moraes Ferreira (2000), e François Dosse (2012) na Antiguidade dava-se prioridade ao imediato, ao tempo presente, para ambos, já na época de Tucídides não haveria outra história a se relatar que o tempo presente. Consta-se a longa tradição que uma história do presente já se inseria na historiografia, contudo com a profissionalização da história no século XIX “com a escola metódica, os historiadores privilegiaram, ao contrário, as fontes escritas e insistiram na necessidade de uma objetivação que passou pelo estabelecimento de uma ruptura entre o passado e o presente” (DOSSE, 2012, p. 7), dessa forma, a História do Tempo Presente sofreu desuso ficando com ares de desconfiança. Segundo Dosse, o grande trunfo da Escola dos Annales e seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre foi o de “reintroduzir a história ao presente” (2012, p.7), dito isso, nossa fonte de pesquisa, as HQs, ainda possuíam pouca relevância acadêmica, ganhando fôlego a partir dos anos 2000 com o respectivo amadurecimento das pesquisas e de pesquisadores.

Historiadores praticantes de uma História do tempo presente estão “mais conscientes que sua investigação é sempre mediada pelo discurso e deve, então, levar em conta todas as mediações que permitem restituir algo de real” (2012, p. 12). Ao estabelecermos nossa pesquisa em um recorte temporal entre os anos de 2005 a 2020, contamos com variadas publicações do casal Wiccano e Hulkling posteriores a este recorte. Assim miramos nas tensões trabalhadas por Dosse, a saber, “o desejo de perceber o que aconteceu e como aconteceu [...] e, por outro lado, o questionamento que emana do presente do historiador”. O que aconteceu e como aconteceu a criação de personagens homossexuais nas HQs? O que leva que ano após ano estes personagens ganhem cada vez mais destaques nestas mídias? São questionamentos estes que tencionam nossa pesquisa atravessada por pensamentos presentistas.

Nessa arte de escrever uma história pública, de tornar palatável a pesquisa acadêmica, a História Pública une-se também à História do Tempo Presente. O dever do historiador, este é “levado a explicitar de onde fala, a tornar mais transparente seu ofício, suas ferramentas, seu andaime, ou todas as mediações que lhe permitem a construção de sua trama” (DOSSE, 2012, p. 13). Em congruência com o que Santhiago (2016) chamou de “história e público” que abraçaria a reflexividade e a autoreflexividade do campo historiográfico. Estas conformidades entre história pública, história do tempo presente e pesquisa em HQs vão para além dos muros históricos:

os historiadores que trabalham com o presente [e adicionamos aqui aqueles que trabalham com as HQs] têm a necessidade, para realizar com maior êxito suas pesquisas, de trabalhar com os cientistas políticos, jornalistas, sociólogos, geógrafos, psicanalistas, antropólogos e críticos literários. Isso resulta em uma abertura da prática histórica sobre outras práticas, que permite novos esclarecimentos graças a esses intercâmbios frutuozos entre diferentes disciplinas. (DOSSE, 2012, p. 14-15)

Pesquisadores de HQs consagrados e referenciais para historiadores como Scout McCloud ou Will Eisner são quadrinistas, mas que enveredaram pelos caminhos da pesquisa quadrinística transformando-se em modelos para muitos, outros como Waldemiro Vergueiro, um cientista da Comunicação é um expoente da pesquisa em HQs no Brasil. Mas, o farol luminescente para a história começa a dar frutos com pesquisadores como Callari e Rodrigues (2021), Callari (2016), Lima (2017), Guerra (2016) e Gomes (2018) são alguns dos expoentes historiadores que vão tornando orientações para a pesquisa de HQs inseridas na História.

Assim empreendemos aqui uma História que “é uma história ‘sob vigilância’, a de testemunhas que podem contestar os registros históricos nos quais não se reconhecem” (2012, p. 15), o que torna precioso que pesquisadores/as articulem a História com outras ciências a fim de permitir a verificabilidade do que ali se encontra analisado. Conforme o historiador Guerra (2016), os praticantes de uma história do tempo presente são desafiados constantemente porque seus objetos de pesquisa não estão fechados em uma evidente cronologia, como é o caso de nossa pesquisa em HQs. Assim:

Desafio da História do tempo presente está em estudar um período que ainda não está encerrado, não existindo a alteridade própria do estudo de períodos mais remotos do tempo. Seria a mudança na noção de tempo e espaço que afetam a percepção do presente, do passado e do futuro. O centro da análise não seria o que aconteceu, mas o que é necessário reter como também os acontecimentos sobre os quais temos a capacidade de intervir. (GUERRA, 2016, p. 210)

2. A HOMOSSEXUALIDADE PRESENTE NAS HQS

Embarquemos em uma primeira aventura para entendermos quem foram os primeiros personagens homossexuais a habitarem as histórias em quadrinhos (HQs) e também o imaginário, pois a partir da década de 1970 os sujeitos homossexuais eram apenas imaginados por seus leitores e leitoras.

2.1. A impossibilidade de fala – Censura nos quadrinhos

Nas HQs *mainstream* das duas grandes editoras *Marvel Comics* e *DC Comics*, personagens homossexuais ali estavam presentes. Todavia, nunca de forma explícita, sobretudo por imposições de épocas e órgãos regulamentadores como o *Comics Code Authority* (CCA) que postulava o que poderia ter e não ter em uma publicação. Esse código nasce em 1954 após as repercussões do lançamento do livro a “Sedução dos Inocentes”, pelo médico Fredric Wertham, no qual afirmava com base em estudos, as mazelas que a leitura de HQs acarretaria em crianças e adolescentes. Esses pensamentos levaram a essa autocensura das editoras. Porém, os fatos não são tão simples assim.

A professora Carol Tilley ao investigar os escritos de Wertham que estão na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos aponta as inúmeras falhas que o livro apresentou: erros grotescos de metodologias; falhas em não levar em consideração o contexto social das crianças e adolescentes além de inconsistências nos relatos e transcritos no livro. Em sua maioria eram jovens afro-americanos, pobres, vivendo nas periferias das cidades estadunidenses com circunstâncias de uma vida saudável desfavorável. Tilley conclui que o livro de Wertham:

Em última análise, descobri que, apesar de seus elogios e de seu papel central em levar os quadrinhos ainda mais para a margem da cultura, a *Sedução* de Wertham incluía inúmeras falsificações e distorções. Este artigo documenta exemplos específicos de como Wertham manipulou, exagerou, comprometeu e fabricou evidências - especialmente aquelas que ele atribuiu à pesquisa clínica pessoal com jovens - para ganho retórico. Afirmo que Wertham privilegiou seus interesses nos elementos culturais da psiquiatria social e da higiene mental em detrimento da ciência sistemática e verificável, uma ação que acaba servindo para desacreditá-lo e às afirmações que ele fez sobre os quadrinhos (TILLEY, 2012, p. 386, tradução nossa).

As falácias do livro que tentou cercear as HQs. Todavia, abaixo destacamos o real papel escondido de Wertham e suas publicações na sociedade estadunidense naquele momento, o código argumentava que “todas as cenas de terror, excessivo derramamento de sangue, crimes hediondos, depravação, luxúria, sadismo ou sadomasoquismo não serão permitidas; nenhuma revista de história em quadrinhos poderá usar a palavra horror ou terror no seu título” (OLIVEIRA, 2001, p.108-109). Aqui um dos grandes pontos que levaram a essa censura, pois, naquele momento, década de 1950, as vendas de HQs do gênero heroico estavam em baixa.

A editora *EC Comics (Educational Comics)* fundada em 1933 por Maxwell C. Gaines, em um primeiro momento se dedicou a publicações educacionais e da Bíblia o que gerou déficit de dinheiro, com sua morte em 1945, seu filho William Gaines assume o negócio e de forma meteórica, “reinventa” as HQs com publicações do gênero de horror, suspense e ficção científica que vendiam grandes tiragens. Tendo submetido à *EC* e seu editor-chefe William Gaines como bode expiatório contra os HQs após a publicação pela *EC* do título “*Panic*” o qual suscitou a ira do estado de Massachussets por apresentar a história de um Papai Noel divorciado.

Assim, William foi submetido a séries de sanções e investigações no cenário político estadual e federal dos Estados Unidos. O resultado foi autocensura implementada pelas editoras, a fim de sanar as desconfianças da sociedade sobre as HQs. Em 1954 ganhava à luz o *Comics Magazine Association of America (CMAA)* onde definitivamente, os contos de horror, terror, suspense não tinham espaço. E com essa proibição os títulos da *EC* que, literalmente, levavam horror em seus títulos foram censurados, chegando ao desaparecimento. E, o *CMAA* precisava reter prestígio social para permanecer válido. Quatro dos seus fundadores eram donos das maiores editoras do período e que passavam por dificuldades em vendas justamente pelo sucesso de títulos de horror e suspense. Em conjunto, John Goldwater proprietário da *Archie Comics*, Jack Liebowitz cofundador da *DC*, Martin Goodman fundador da *Marvel*, e Leon Harvey proprietário da *Harvey Comics* se aproximaram do doutor Fredric Wertham para este ser o rosto público do *Comics Code Authority*, uma nova versão do *CMAA*.

No entanto, cabe salientar que este código não deve ser entendido como o único empecilho para o surgimento de personagens homossexuais como variadas pesquisas pressupõem. Dito isto, a partir dos anos 2000, as HQs *mainstream* tendem a uma mudança em sua abordagem da diversidade em suas publicações. Entretanto, antes do surgimento de Fredric Wertham e seu *Sedução dos Inocentes*, as publicações já passavam por uma espécie

de autocensura pré-*Comics Code Authority*. Jean-Paul Gabilliet¹⁴ afirma que no período de II Guerra Mundial, o principal alvo leitor de HQs eram os adolescentes. Pela falta de ocupação, pelos pais estarem lutando nas frentes de batalhas e as mães reclusas nos lares ou nas fábricas de armas e munições, o que restava aos jovens eram as HQs, que naquela época custavam 10 centavos de dólar. Sendo assim, os distribuidores visando atingir os adolescentes começaram os lançamentos que tinham como público alvo os pais e mães desses jovens leitores (GABILLIET, 2010, p. 43-44). Exemplificamos mais.

As retratações nos HQs daquele momento eram banais, descartáveis e para prevenir uma censura por parte de pais e mães, conseqüente houve queda nas vendas, três aspectos passaram a constar: o primeiro foi à introdução de narrativas e personagens centrados nos ajudantes, os famosos *sidekicks* sendo Robin o mais notório deles; o segundo centrou-se em publicações de uma ou duas páginas com conteúdo humorístico inserido dentro da publicação maior; enquanto o terceiro buscou a introdução de conteúdos educacionais, por exemplo, ensino de matemática e textos bíblicos.

No primeiro aspecto, as editoras, naquele momento se mantiveram centradas na busca por novos públicos leitores e na tentativa de manter aqueles que já consumiam. Surgem as personagens juvenis que inundaram as publicações. Robin apareceu em *Detective Comics* #38 (abril de 1940), seguido por Bucky Barnes ajudante do Capitão América, *Captain Marvel Jr.*, ajudante do Capitão Marvel e muitos outros¹⁵.

Já o segundo aspecto se deteve na inserção de páginas contendo “humor” nas publicações de super-heróis. Seguindo os passos de Walt Disney que vendiam grandes tiragens. Assim, as publicações heroicas buscaram por meio dessas páginas atrair os jovens, o maior público em potencial e, conseqüentemente, seus pais e mães sem os alienar. Somou-se ao sucesso dos desenhos animados produzidos por Walt Disney, Warner Bros. e 20th Century Fox, desde a década de 1930 para fazerem enorme sucesso, isto é, no entrecruzamento de quadrinhos, humor e animações, as editoras como DC, Archie Comics e outras buscaram angariar novos públicos e manter os já tradicionais.¹⁶ Os números de vendas durante o período da II Guerra Mundial apontam para o sucesso absoluto desta estratégia. Tendo no Capitão Marvel e suas histórias recheadas de humor o principal nome em vendas. Ora, qual criança não se identificaria com o indefeso Billy Batson que ao gritar “SHAZAM!” transforma-se em um deus?!

¹⁴ GABILLIET, Jean-Paul. *Of Comics and Men: A Cultural History of American Comic Books*. Tradução Bart Beaty; Nick Nguyen. 1. ed. Mississippi: University Press of Mississippi, 2010. v. 1

¹⁵ *Ibidem*. p. 44

¹⁶ *Ibidem*. p.45

O terceiro fator foi à inserção de conteúdos educacionais, com histórias reais e clássicos ilustrados (por exemplo, Casa Grande e Senzala, O diário de Anne Frank, O Capital, que foram adaptados e publicados neste formato) contando com histórias sobre doenças como a malária, esportes como a maratona ou de personalidades como Winston Churchill e Simon Bolívar, como resultado obtiveram “um sucesso comercial imediato com trezentos mil cópias vendidas em dez dias, embora se acredite que a maioria dos compradores das revistas eram os pais em vez de seus filhos (tradução nossa).”¹⁷ Com esses três novos conjuntos balizando as publicações estas vendiam, quando menos 300 mil cópias, no alvorecer das vendas ultrapassaram a casa dos milhões. Salientamos dessa forma, o perigo de pesquisas que apontam como único responsável pela desconfiança, insegurança, à figura do psiquiatra Fredric Wertham.

2.2. Os caminhos da homossexualidade nos quadrinhos

As narrativas contavam sempre com personagens principais sendo homens brancos, heterossexuais, cis gêneros, com corpos esculturais, sempre salvando as donzelas em perigo e lutando contra vilões. Um roteiro básico e um tanto clichê de muitas HQs de super-heróis que perdura por muito tempo, mas os desviantes destas normas também estavam ali. Muitas vezes nas sombras, com pouco ou nenhum destaque, os homossexuais figuravam nestas revistas e por tantas vezes estereotipados seja por suas roupas, poses ou por figurar como a escapatória homossexual de outros personagens. Os caminhos são turbulentos.

Elemento sempre presente nas HQs são as roupas dos personagens, muitas vezes com o intuito de esconder a identidade civil do humano por traz do super-ser, tantas outras vezes para sensualizar, sexualizar e, sobretudo se olharmos para as personagens femininas e suas roupas minúsculas que certamente são muito desconfortáveis. É o primeiro contato de leitores com as personagens. Precisam causar assimilação, familiaridade, repulsa ou ódio e dentre outras tantas vezes para marcar estereótipos de gênero. A indumentária heroica se torna uma oportunidade para o entendimento de elementos das personagens “indicador do sexo, idade, classe social, origem geográfica, histórica e de outras informações que um leitor perspicaz pode recolher. As roupas, junto com a postura e a linguagem, refletem opiniões e reafirma traços da personalidade” (SENNA, 2001, p. 1)

¹⁷ “an immediate comercial sucess with three hundred Thousand copies sold in ten days, although most buyers were certainly *Parents Magazine* readers rather than their children”

Gregorio de La Veja, codinome *Extraño*, uma personagem de HQs da DC, sempre fora retratado com estereótipos atribuídos ao sujeito homossexual; roupas extravagantes, modos de andar e falar que insinuavam sua homossexualidade, nada explícito, sempre nas entrelinhas, como era praxe em HQs. Dessa forma, *Extraño* enquadra-se no sujeito homossexual que foge à norma e é representado de modo estereotipado pelas mídias, “quando um sujeito do gênero masculino se distancia de uma aparência masculina esperada ele fica exposto aos preconceitos e à discriminação. Nestes termos, a discriminação se processa na ação de nomear algo que parece estranho, diferente do que se está acostumado” (FILHO, 2015, p. 48). Para além das roupas e do cabelo, Gregorio de La Vega é apresentado em um bar, em aparente estado de embriaguez, questionando a si mesmo e aos outros no recinto sobre a aparição repentina de dois outros seres como em um passe de mágica.

A reflexão de Baliscei sobre a dicotomia entre o herói x vilão nas produções Disney permite pensarmos nas caracterizações que os Outros recebem nas mídias, ou seja, aqueles com uma sexualidade suspeita. No argumento do autor:

Caracterizar como afeminadas, portanto, não hegemônicas, unicamente as masculinidades dos vilões, ao passo que as masculinidades dos heróis permanecem insistentemente viris. Avalio que essa dicotomia (herói-masculino/vilão-afeminado) reitera estereótipos de representação e acaba por prestar manutenção ao machismo e à homofobia. Ora, por meio da abjeção que o vilão representa, os corpos masculinos demonstram qualquer sinal de feminilidade podem ser lidos como risíveis, maus, imorais, perversos e passíveis de punição (BALISCEI, 2019, p. 66-67.)

Essa insistência em apresentar aqueles não heteronormativos, sejam os homens com traços feminizados, ou mulheres masculinizadas perpetua continuamente o grotesco acerca desses corpos. A manutenção de estereótipos autoriza que esses corpos sejam vítimas de ataques físicos e psicológicos daqueles que seguem a norma “os estereótipos têm como função primária facilitar e proteger a vida dos seres humanos.” (MEIRELES, 2020, p. 11)

Figura 1- Primeira aparição de Extrão (Gregorio de La Vega)



Quadro 1- Tradução figura 1

<p>Empresário: Bem, bem, bem! Há menos de cinco minutos, meu chefe de segurança estava me contando sobre sua aparição em Xangai, mas quem diria que você viria aqui? Quem é você, mulher, e o que você e sua anã azul querem?</p> <p>Nadia Safir: Escolhemos dez pessoas na terra para avançar a raça humana, e uma das dez é você!</p> <p>Herupa Hando Nu: O presente me cai perfeitamente bem. Anão... eu vou! O mundo precisa de uma demonstração de que qualquer grupo de pessoas precisa do homem branco para administrá-los!</p> <p>Extrãno: Ai ai ai, Geraldo! Finalmente, suas bebidas estão tendo o efeito desejado! Uma mulher de armadura e um homem pequeno!</p> <p>Nadia Safir: Gregório de la Vega... Escolhemos dez pessoas na terra para avançar a raça humana, e uma das dez é você!</p> <p>Herupa Hando Nu: Os heróis e heroínas da terra se juntam a nós para pedir que você deixe esta vida e entre no futuro!</p>
--

Fonte: GIORDANO, Dick; et. Al. Millennium #2, 1988, p. 18. (Tradução nossa)

No que se refere à figura 2 podemos notar em *Extraño* algumas quebras, que naquele momento eram usadas de forma estereotipada acerca dos sujeitos homossexuais, mas que na atualidade atuam como transgressões de dualidades. Consta-se que as:

[...] fissuras, as subversões, e as consequências de ousar transgredir esses padrões na contemporaneidade, abre um leque de possibilidades visuais/corporais que incluem estratégias superficiais de apresentação (o uso de determinados artigos do vestuário e acessórios) até as estratégias de modificações corporais mais incisivas como cirurgias estéticas, tatuagens, *body piercing* (FILHO, 2015, p.26).

Dentro das convenções estabelecidas da dicotomia entre os sexos, por exemplo, que homens não usam brincos por serem considerados artigos femininos podemos notar que além de suas roupas não usuais para personagens “sérios” de HQs, *Extraño* usa brincos, contrariando convenções, promovendo fissuras acerca dos sujeitos homossexuais. É o que Judith Butler (2003) convencionou chamar de performatividade dos corpos. Os corpos estão em constantes transformações, sempre subvertendo a ordem vigente, a norma estabelecida como meio para (re)existência.

Em 2016, após os acontecimentos de *Rebirth* (Renascimento), uma saga anual que contou com uma reformulação do universo *DC* e seus personagens. Pois, as HQs tendem de maneira exaustiva a manter os mesmos personagens em seu ideal de “imortalidade”, daí o resultante do sucesso e da longa vida das revistas perante o público, o fato dos heróis não morrerem, se manterem sempre joviais e fortes.

As grandes editoras sempre se reinventam em novas sagas com o intuito de atualizar suas personagens, uma destas atualizações de personagens foi *Extraño* que em 2016 passa por uma ressignificação nas HQs. *Extraño* surge com uma nova aparência, nova roupagem, nova significância e até mesmo não lembrando sua aparência quando de sua apresentação em 1988. Carrega um discurso que reforça a luta de grupos minorizados, sobretudo os homossexuais, Gregorio nos faz pensar nos inúmeros ataques violentos¹⁸ que sofrem aquelas pessoas destoantes da heterossexualidade, mas que com a união da comunidade poderia enfrentar essas violências cotidianas.

¹⁸ Em estudo publicado em 2021 pelo Grupo Gay da Bahia as mortes violentas de gays foram ultrapassadas pela de travestis, correspondendo a 70% no número de assassinatos. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/travestis-ultrapassaram-gays-em-numero-de-mortes-violentas-no-brasil/>. Acesso em: 09/12/2021.

Figura 2- O abandono de rótulos. O novo Gregorio de La Vega



Fonte: ORLANDO, Steve; et. al. *Midnighter and Apollo*. DC Comics, 2016, vol. 6, p. 12.

Quadro 2- Tradução figura 2

Apollo: Nós nos perguntamos quando vocês terminariam de falar sobre negócios.

Meia-Noite: Eu não.

Gregorio de La Vega: Tenho **certeza** que você sabia. Ouça ... é **bom** ter todos vocês aqui. Eu vejo rostos novos e antigos. Existem **mais** de nós. E isso é **importante**. Estamos aqui para dar as boas-vindas a **Meia-Noite e Apollo**. Eles caminharam por terras que **poucos** se atrevem a pisar. Revidaram a **própria morte**. Eles não pararam. E eu **agradeço** a eles por isso. Para ter inspiração para **continuar lutando**. Todos nós sabemos que este não é o fim. Mais **ataques** virão - amanhã, no próximo ano, daqui a cem anos. Mas eu olho em volta hoje e tudo que vejo são **más notícias** para eles ... porque estamos mais **fortes** do que nunca.

Nesse contexto de ressignificações que as personagens passariam, muito ligado ao contexto social e cultural da sociedade começam a “surgir imagens masculinas com marcadores ambíguos que buscam, ao mesmo tempo, desestabilizar as convenções em relação ao papel do ‘ser masculino’ e criar novos parâmetros de masculinidades” (FILHO, 2015, p.26). Abrem-se caminhos para que sejam discutidos fatos, normas impregnadas nas culturas como sendo a forma correta de comportamento. Gregório da la Vega como passa a se intitular abandonando, sempre que possível, o codinome *Extraño*, porta-se com adereços que visam subverter identidades. Assim, de maneira sutil, as personagens de HQs vão subvertendo normas. O que propicia uma instabilidade na teia social da sociedade.

Fonte: ORLANDO, Steve; et. al. *Midnighter and Apollo*. DC Comics, 2016, vol. 6, p. 12. (Grifos do autor; tradução nossa)

Figura 3- O estilo gótico de Wiccano



Fonte: HOWARD, Tini; ROCHE, Nick; ZAMA, Kei. Death's Head. Marvel Comics, 2019, p. 10 v. 2.

Quadro 3- Tradução figura 3

Death's Head: Eu perguntaria como te **chamar**, mas não vou dar um nome a algo que vou **despedaçar em partes**.

Wiccano: **Death's Head, NÃO!** Chame-o de **Vee**, seu **maníaco!**

Vee: Fique fora do meu caminho, orgânicos!

Hulkling: Ah, entendi, porque ele é a versão cinco.

Wiccano: Sim!

Hulkling: Você é muito inteligente. Embora isto de robôs tenha sido uma má ideia.

Wiccano: ... Sim.

Fonte: HOWARD, Tini; ROCHE, Nick; ZAMA, Kei. *Death's Head*. Marvel Comics, 2019, p. 10 v. 2. (grifos do autor; tradução nossa)

Por mais simples que possam parecer em um primeiro instante, esses figurinos, trajés, brincos, unhas postiças e afins são subversões de gênero que são impostas culturalmente por dadas sociedades. Se antes hábitos eram implicitamente tidos como coisas femininas, hoje, não se pode mais afirmar isto. O papel da mídia HQs, também na propagação de outras possibilidades para os sujeitos masculinos, para o sujeito ser homem, assim como a normalização do mero ato de viver e conseqüentemente de expressão corporal.

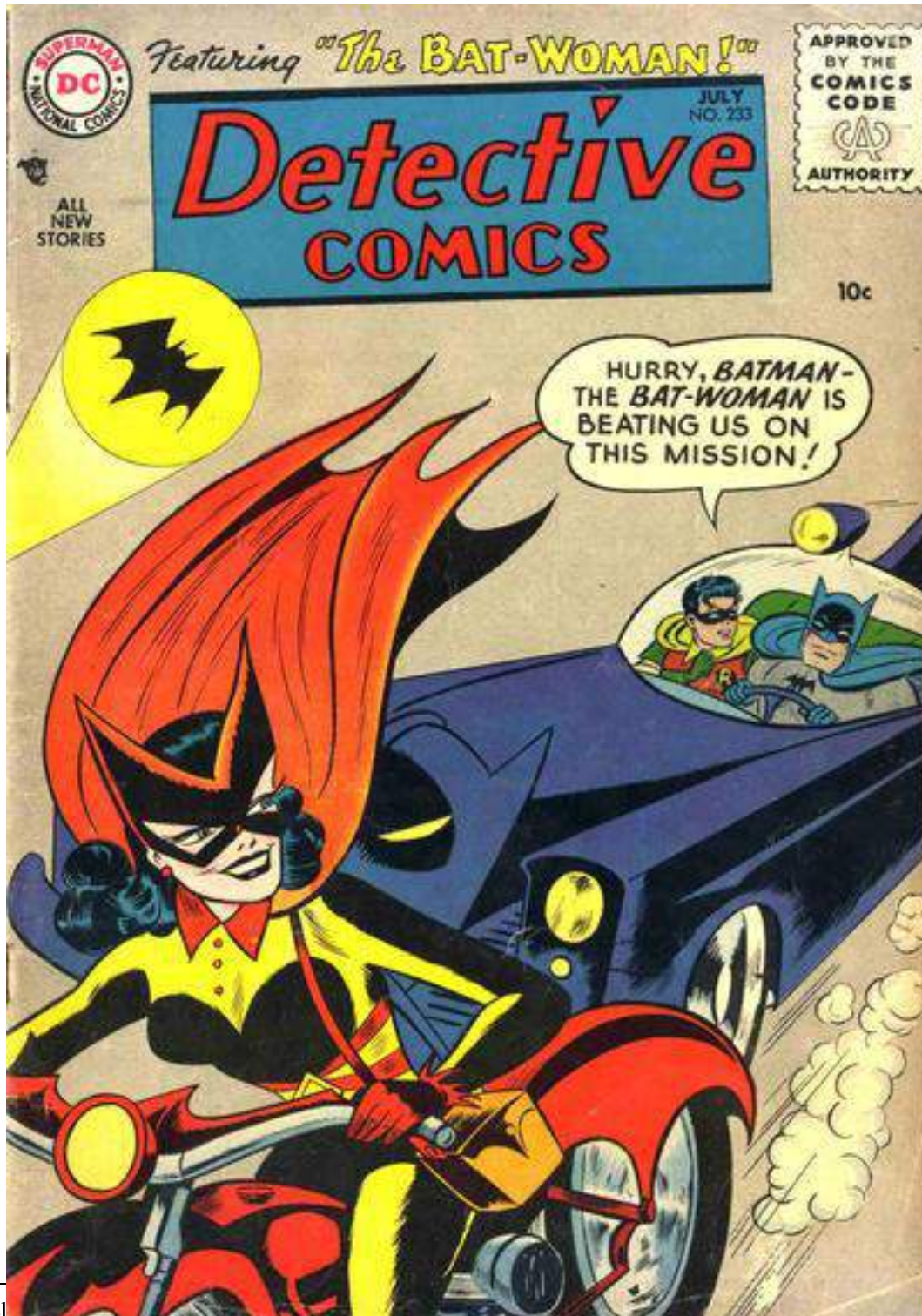
A (re)afirmação que os sujeitos homossexuais nas HQs não cessam de surgir e a notícia ruim fica para os contrários, para aqueles que muitas vezes são reprodutores de todo tipo de ódio e rancor. Mas, assim como o herói, os homossexuais não podem baixar a guarda porque novos ataques contra suas vidas sempre vão acontecer. Personagens femininas também passaram por seus momentos de estranhezas dentro das HQs. Uma dessas foi a *Batwoman* que surge frente ao medo da homossexualidade do Batman, e posteriormente renasce como uma potente mulher lésbica.

A *Batwoman* foi uma personagem que surge na década de 1960, numa tentativa de desviar as suspeitas sobre a homossexualidade de Batman e seu relacionamento com Robin. Dessa forma, a personagem feminina integra-se a dupla dinâmica, como mero interesse amoroso do homem morcego.

Assim como *Extrãno*, a *Batwoman* é retratada nessas primeiras décadas de vida de forma estereotipada do sujeito feminino. Se Batman possui seu cinto de utilidades com mil e uma funções, Kathy Kane possui uma linda bolsa feminina, carregada com itens considerados femininos para o combate ao crime, como estojo de maquiagem e esmalte disfarçados. Podemos concluir que “são representações que encarnam um conjunto de condutas sociais,

herdeiras de um longo processo de justificações de mais variadas formas para naturalizar a dominação do homem em relação à[s] mulher[es]” (BARBOSA; PASSOS, 2020, p. 186.)

Figura 4- Primeira aparição da *Batwoman*. Os estereótipos da representação feminina



¹⁹ Pel
que e
revist

Fonte: Disponível em: <https://www.comics.org/issue/12952/>

personagens da editora e posteriormente permitiu uma melhor clareza e cronologia para as publicações da editora e consequente leitura para os fãs.

C
om a
publi
caçã
o de
Cris
e nas
Infin
itas
Terr
as¹⁹
em
1985
, a
DC
Com
ics
apag
a da
exist
ênci
a
algu
ns

bagunça
gens nas
u vários

personagens. Essa primeira *Batwoman* é uma dessas personagens que deixa de existir, todos aqueles estereótipos do feminino ficam na lembrança. Saltemos alguns anos para uma nova aventura, e uma revigorada *Batwoman*. Em 2006, sobre a presidência de Dan Didio, a *DC Comics* apresenta nova *Batwoman*, uma nova Kathy Kane, retratada desde o início como lésbica e em entrevista ao periódico *Wizard*, Dan elucida as razões pelas quais a nova *Batwoman* é homossexual:

Foi a partir de conversas que tivemos para expandir o Universo DC, para olhar para níveis de diversidade. Queríamos ter um elenco que fosse muito mais reflexivo da sociedade atual e até da base de fãs de hoje. Uma das razões pelas quais a fizemos gay é que, novamente, quando você tem a Família Batman — uma série de personagens que não são superpoderosos e habitam o mesmo círculo e a mesma cidade — você realmente quer ter um ponto de diferença. Era muito importante para mim ter certeza que cada personagem se sentisse único²⁰ (MORSE, Ben. *Dan Didio talks Batwoman*, 2006, on-line, tradução nossa).

Ficam nítidas as aberturas no tecido denso e frágil que são as HQs, por meio de tinta e papel se começava a traçar novos caminhos para os sujeitos homossexuais, assim, a *DC Comics* vislumbrava um desses trilhos para a maior visibilidade e existência desses sujeitos. Para Cruz:

É bastante significativo, apesar de tudo, o fato de a DC revivê-la fazendo com que incorporasse seu contrário: uma representação do indivíduo homossexual – e que publicizasse isso desde o início, rechaçando os valores discriminatório que emanavam de sua encarnação anterior. A *DC Comics* refletia, portanto, os tempos de maior visibilidade do sujeito homossexual e, evocando a diversidade da sociedade para justificar sua criação, reflete uma vez mais as condições do meio que levam à emergência de determinados discursos (CRUZ, 2017, p.185).

A partir de 2006, a diversidade do mundo social começava a ganhar maiores espaços dentro das HQs. Depoimento semelhante é dada em 2012 pelo então diretor-chefe da *Marvel Comics*, a respeito do casamento do primeiro e mais velho herói homossexual da Casa das Ideias, o Estrela Polar (*Northstar*). O Estrela Polar pode ser entendido como uma espécie de guia para a homossexualidade retratada nas HQs. Experimentações diversas foram feitas com a personagem, até culminar em seu casamento.

²⁰MORSE, Ben. **Dan Didio Talks Batwoman**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080121160605/http://www.wizarduniverse.com/magazine/wizard/000326617.cfm>. Acesso em: 27 ago. 2021.

Jean-Paul Beaubier surge pela primeira vez em abril de 1979 na revista *Uncanny X-Men* #120, pelas mãos de Chris Claremont e John Byrne. É um mutante, ou seja, possui o gene X. Gene este que permite uma evolução além do *homo sapiens*, o *homo superior* e isso propiciaria um dos motivos para o ódio e medo dos humanos frente aos mutantes. Jean-Paul pode voar, possui força sobre-humana, além de ser esquiador e empresário. Possui um relacionamento com seu marido Kyle Jynadu, um humano sem poderes.

Estrela Polar ao longo das décadas sofre poucas variações em seus traços. Sempre sendo apresentado como um homem alto, forte, músculos definidos, ou seja, o padrão típico de masculinidade de HQs. Vale ressaltar que Estrela Polar não possui cabelos brancos. A cor branca em seus cabelos é por causa do brilho da luz ofuscante sobre a cabeça do herói. Vemos um personagem que traz consigo signos de uma heterossexualidade. E como demonstrar que o herói é homossexual sem dizer isso? Alguns caminhos foram insinuados. Um destes ocorreu ainda durante a vigência do *CCA*, lembremo-nos disso, a insinuação da falta de afeto do herói por mulheres.

Figura 5- Jean-Paul parece não gostar de mulheres



Fonte: Alpha Flight. Marvel, v. 01, n° 10, p. 21, 1984.

Quadro 4- Tradução figura 5

Entrevistador: "Oh, não fique tão surpreso, Jean-Paul. No começo eu não tinha certeza absoluta de que você possuía esse poder particular, voo, super-velocidade ... então eu verifiquei seu recorde esportivo, sua ascensão a campeão coincide exatamente com seu último ano de puberdade, precisamente quando os poderes mutantes normalmente se manifestam.

Deve ter sido um momento maravilhoso para você, Jean-Paul. De repente, o mundo era muito sua ostra, e se você tivesse que trapacear um pouco para ganhar a pérola... habilidades, ficando cada vez mais famoso e, uma vez que você se tornou profissional, cada vez mais rico. Você tinha todo o dinheiro, fama, mulheres..."

Embora as mulheres não pareçam ter interessado muito em você, suponho que como um monte de atletas, a vitória é tudo o que realmente importa, e fazer o outro cara comer sua poeira... ou neve. Bem, Jean-Paul, eu o convidei aqui para lhe oferecer uma oportunidade de fazer algo um pouco mais que valha a pena esse seu poder. Veja bem, estou reunindo aqui um time seletivo de pessoas muito especiais, o tipo de pessoas que o Canadá - e o mundo - precisa, para lutar o bom combate. Eu quero que você seja um deles.

Jean-Paul: Certamente você está brincando. Você me leu muito bem, Hudson. O que faz você pensar que o homem que você descreve estaria interessado em se juntar a este seu pequeno clube bobo?

Entrevistador: Talvez porque eu já tenho irmão.

Fonte: Alpha Flight. Marvel, v. 01, nº 10, p. 21, 1984. (tradução nossa)

Outro momento conturbado pelo qual Jean-Paul passou nos HQs foi o da epidemia de AIDS, sobretudo os Estados Unidos durante a década de 1980. Conforme Domingos “se a aids provocou na sociedade uma epidemia de informação e pôs em discussão temas tabus relativos à sexualidade, também trouxe o discurso estigmatizante às vítimas da doença” (2015, p.57). Os sujeitos homossexuais foram vistos pela sociedade, porém de forma desacreditada, preconceituosa, até mesmo associando a AIDS como sendo uma doença exclusivamente de homens gays. Dialogando com Adair Marques Filho concluímos que “Os meios de comunicação funcionam como canais ideológicos que propagam as informações a depender de um ponto de vista, em alguns casos. Foi o que aconteceu com o advento da AIDS e seus desdobramentos a partir dos anos de 1980” (FILHO, 2015, p. 18). A decisão,

controversa, tomada por roteiristas de associar a homossexualidade de Jean-Paul com o vírus conota esses estereótipos aos homossexuais.

Portanto, Jean-Paul durante a fase roteirizada por Bill Mantlo, a personagem sofre de uma tosse persistente que o acompanha por mais de dez edições, ou seja, um dos sintomas da AIDS é a tosse contínua. A ideia de Bill era que dessa forma fosse revelada a homossexualidade de Jean-Paul associada ao vírus, todavia, por imposições do conservador editor-chefe da *Marvel Comics* na época, Jim Shooter, a ideia foi descartada e como resposta para a tosse de Jean-Paul foi dito que era um sintoma derivado de sua anatomia, pois compartilhava sangue élfico por parte da sua mãe. Assim, Estrela Polar passou a ser meio elfo.

Porém, a intenção de revelar a homossexualidade de Jean-Paul não foi minada, e em edição de *Tropa Alfa* de março de 1992, Estrela Polar revela para o mundo ser um homem gay onde ao encontrar em uma lixeira, uma bebê recém-nascida e ao levá-la para o hospital descobre-se que a mesma é portadora do vírus HIV. Jean-Paul a adota, todavia, alguns dias depois de socorrê-la, a bebê morre. Levado por sua fama, riqueza e influência no mundo, Jean-Paul convoca uma entrevista coletiva e revela sua homossexualidade.

Figura 6- Estrela Polar é gay



Quadro 5- Tradução figura 6

Estrela Polar: Não **ouse** me dar sermões sobre as **dificuldades** que os homossexuais devem suportar. Ninguém os conhece melhor do que eu.

Pois enquanto eu não estou inclinado a discutir minha sexualidade com pessoas para quem não é da conta delas--

-- **Eu** sou gay!

Seja como for, a aids **não** é uma doença **restrita** aos homossexuais por mais que pareça, às vezes o **resto do mundo deseja** que assim seja!

Fonte: LOBDELL, S., PACELLA, M. Alpha Flight. Marvel Comics, 1992, n. 106, p. 20 (tradução nossa)

Guacira Lopes Louro afirma que a “saída do armário” é entendida como uma “afirmação da identidade supunha demarcar fronteiras e implicava numa disputa quanto às formas de representa-la” (LOURO, 2001, p. 543). A saída do “armário” pelo personagem Estrela Polar implica justamente essa afirmação de sua identidade homossexual, desviante, e como maneira de representar estes sujeitos, os homossexuais. Também é necessário entender que “para fazer parte da comunidade homossexual, seria indispensável, antes de tudo, que o indivíduo se ‘assumissem’, isto é, revelasse seu ‘segredo’, tornando pública sua condição” (LOURO, 2004, p. 32). Quantos meninos e homens não convivem diariamente com tais questionamentos internos sobre assumir ou não sua homossexualidade. Entendemos que o herói precisa revelar seu segredo numa tentativa de representar e se apresentar para a comunidade da qual faz parte. É intrínseco o imperativo de autoafirmação. Em outras palavras, as personagens em sua saída do “armário” possibilitam que os sujeitos desviantes da norma, os homossexuais, possam existir frente à sociedade.

As HQs manifestam que com o passar das décadas se levantaram novos questionamentos sobre as sexualidades ali presentes, sobretudo da homossexualidade dos personagens masculinos como foi evidenciado neste item. Januário ressalta que é preciso entender que:

No âmbito da multiplicação de formas de se vivenciar a masculinidade cabe a utilização do conceito no plural: apresentam-se novos olhares que nos propõem a exploração de processos históricos (sociais, políticos e culturais) de produção e divulgação de modelos e padrões de masculinidades. [...] torna-se essencial fomentar a discussão sob novos cruzamentos sociais, como etnia, classe social, identidades nacionais, subjetividades, gêneros, sexualidades (JANUÁRIO, 2016, p. 119).

Discutiremos mais adiante sobre as masculinidades, sobre as formas de viver dos sujeitos masculinos que sofreram transformações sociais, políticas, culturais e econômicas influenciando suas vidas pública e privada. Após essa jornada fantástica de “saídas do armário” podemos indagar: onde queremos chegar ao relatar esse histórico das personagens? Ora, pretendemos dessa forma demonstrar que, se a partir de 2005 as personagens aqui analisadas, Wiccano e Hulkling surgem, o que parece, de um lado, ser algo promissor para a diversidade da sexualidade nas HQs, de outro lado, transcorreu-se mais de uma década regada de estigmas, censuras, insinuações, para que, somente no ano de 2020, Wiccano esteja sendo representado de forma cada vez mais forte, um gay feminino.

O historiador Reinhart Koselleck, afirma que:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem (KOSELLECK, 2006, p. 309-310).

O passado, aquele no qual personagens foram criadas como meros pares românticos para despistar uma possível homossexualidade do personagem masculino principal – sim Batman, estamos falando de você! – *Extraño* e Estrela Polar que sofreram estereótipos, estigmas acerca de sua possível ou não homossexualidade, possibilitaram um futuro, uma expectativa como tão bem pontua Koselleck (2006) de que personagens homossexuais, homens gays seriam abertamente apresentados nas HQs.

O sujeito homossexual estava inserido nas HQs, como já salientamos, porém, devido a fatores sociais ligados às mentalidades conservadoras e aos estigmas do vírus HIV, as editoras naquele instante as mantiveram no armário, perpetuando a invisibilidade sobre os corpos divergentes. É perceptível que a capa da invisibilidade também embrulhou nossos jovens vingadores, Wiccano e Hulkling, em suas primeiras aparições. Um tanto discretos, é quase imperceptível - ao final da leitura do primeiro volume em 2005 - perceber que ali estava

contido um casal homossexual. Um ponto para pensarmos isto, e a falta de abertura para a possibilidade de dizer que os personagens são gays, possa ser os impedimentos da época, e mesmo o veículo de distribuição no qual se encontram. Conjecturamos que estratégias, referências discretas, subtextos que “deixem no ar” a homossexualidade fortemente codificada nos mais variados signos e símbolos são chamados para representar os sujeitos gays dentro de tal mídia (DENNIS, 2012).

Por que do abuso desses hieróglifos para retratar personagens masculinos gays nas HQs? Jeffery Dennis, pesquisador sobre gênero, ao abordar sobre a pouca presença de personagens gays nas tiras de jornais entre as décadas de 1950 a 2000, nos aponta uma direção em busca de inquietações. Analisando as tiras de jornais e as sessões de cartas enviadas por leitores para os criadores, percebe-se que as simples especulações e possibilidades de tirar uma personagem masculina do “armário” seriam suficientes para gerar enormes cancelamentos das tiras.

A histeria em torno do enredo fez outros cartunistas extremamente cautelosos sobre a introdução de novos personagens gays ou "tirar do armário" personagens existentes. Em 1998, Greg Evans [...] para testar a reação do leitor, dedicou muitas tiras a dar dicas amplas, e até fez os amigos de Aaron discutirem a possibilidade de que ele poderia ser gay. Centenas de e-mails chegaram, cerca de metade apoiando a homossexualidade de Aaron, os outros se opondo a ela. Metade foi suficiente [...] Como Evans não tinha a enorme base de assinantes de *For Better or For Worse*, mesmo uma dúzia de cancelamentos seria catastrófico. Ele decidiu que a diversidade não valia o risco (DENNIS, 2012, p. 305, tradução nossa).

Entende-se todos estes impedimentos como dispositivos que atuam justamente para impedir, ou possibilitar a aparição de sujeitos masculinos gays nas HQs. Consoante a Alain Grosrichard quando pergunta à Michel Foucault, sobre o que são estes dispositivos de poder, que:

Em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1998, p. 243).

O momento decisivo para a mudança na visibilidade homossexual nas HQs aparenta ser a partir dos anos 2000, mesmo que ainda de forma discreta, no “armário”. Envolve dispositivos, sobretudo políticos, como leis que julgavam se a união entre pessoas do mesmo

sexo deveria ser legal ou não, discursos religiosos, políticos, extremistas. Os personagens homossexuais começavam a abrir os seus armários.

Figura 7- Billy e Teddy de mãos dadas nas sombras



Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. Young Avengers. 2005, v. 1, p. 22.

Quadro 6- Tradução figura 7

Patriota: Boa sorte, pessoal.

Wiccano: Patriota, espere!

Patriota: Não posso. Eu tenho que chegar em casa antes que minha avó perceba que eu fui embora.

Rapaz de Ferro: Até amanhã...? Patriota?

Wiccano: Ele estará de volta.

Rapaz de Ferro: Espero que sim. Porque quando Kang nos encontrar, vamos precisar de toda a ajuda que conseguirmos.

Hulkling: Nesse caso... aqui... Jessica Jones quer que liguemos para ela.

Rapaz de Ferro: Jessica Jones como em...

Wiccano: Jóia, eu sei. Jessica Jones, quem somos nós para chamar Jessica Jones?

Hulkling: De acordo com a corneta, nós somos os jovens vingadores.

Wiccano: Ok, antes de ligarmos para ela, temos que pensar em um nome melhor.

Rapaz de Ferro: Qual é o ponto? Ela não vai acreditar em mim sobre Kang. Patriota também não acredita em mim.

Wiccano: Então, o que fazemos?

Rapaz de Ferro: Continuamos treinando... preparando para o ataque do Kang.

Wiccano: Mas não está noite, ok?

Hulkling: Escola amanhã.

Wiccano: Você vai ficar bem aqui sozinho?

Rapaz de Ferro: Não se preocupe comigo...

Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. *Young Avengers*. 2005, v. 1, p. 22. (tradução nossa)

A figura 7 pertencente ao primeiro volume da publicação dos *Jovens Vingadores* de 2005 e trabalha com a ideia da invisibilidade que personagens LGBTQIA+ suportam na mídia HQs. Os primeiro e o último quadros das páginas apresentam Billy e Teddy muito próximos um do outro, e a curvatura de seus corpos parecem se unir por meio do toque de suas mãos, mas a cena se apresenta toda nas sombras, os personagens estão sem cores, em tons de cinzas, tornando dificultosa a identificação de uma referência afetuosa entre os dois rapazes. Essas referências, em princípio trabalham no limite entre o que pode ser veiculado, ou seja, torna-se aceitável para a sociedade e o que é proibitivo sobre a homossexualidade. O historiador Fábio Vieira Guerra escrevendo sobre a história dos quadrinhos estadunidense afirma que:

O tema LGBT é um conceito novo nos quadrinhos. *Gays*, lésbicas e transgêneros foram historicamente omitidos intencionalmente devido a qualquer censura ou a percepção de que os quadrinhos eram para crianças. Qualquer menção à homossexualidade nos quadrinhos americanos assumiu a forma de dicas sutis ou subtexto sobre a orientação sexual de um personagem. (GUERRA, 2016, p. 390.)

Palmer-Mehta e Hay (2005) ao analisarem o caso de crime de ódio reproduzido nas HQs do Lanterna Verde, em 2002, chamam a atenção para as representações masculinas gays que estavam adentrando as grandes editoras, nesse caso a *DC Comics*. Na história em questão, o roteirista Judd Winick retrata um personagem gay sendo brutalmente espancado por dois homens, na rua, por dar um beijo em seu namorado. Porquanto, as autoras do artigo “*A Superhero for Gays? Gay Masculinity and Green Lantern*” fazem análise das cartas recebidas pelo autor da HQ. A maioria das correspondências apresentam discursos positivos pela retratação do viver cotidiano da comunidade gay. E, concluem que as portas para as representações das masculinidades de personagens gays estavam (com receios) abertas.

É refrescante notar que, no ano de 2002, até mesmo corporações tradicionais como a *DC Comics* estavam dispostas a assumir riscos e se envolver em questões sociais politicamente voláteis. Ao fazê-lo, eles arriscaram a redução de sua participação de mercado, perdendo anunciantes ou publicidade negativa. Nosso estudo, por outro lado, pinta o que pode parecer uma imagem excessivamente brilhante de um leitor que aprova em grande parte esses esforços e é principalmente incomodado pela decisão de seu super-herói para se vingar dos autores do crime de ódio. Esta avaliação deve considerar a natureza auto selecionada de nossos respondentes; eles eram os leitores que se importavam o suficiente para escrever uma carta. Nossa avaliação também deve considerar o nosso ambiente sociopolítico contemporâneo, no qual onze estados aprovaram legislação para proibir o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a nação em geral reeleger um presidente que apoia uma emenda constitucional para proibir o casamento entre pessoas do mesmo sexo, e as redes de transmissão estão cada vez mais hesitantes em comerciais e programas que podem ser considerados ofensivos porque eles alcançam a comunidade *gay*. Tal meio leva à pergunta: O que o futuro reserva para a representação da masculinidade *gay* na cultura dos quadrinhos? (PALMER-MEHTA; HAY, 2005, p.401, tradução nossa)

Levando em consideração a indagação proposta pelas autoras, percebemos que as editoras perderam o “medo” de introduzir e é preciso salientar, trabalhar as personagens gays em suas revistas e respectivas histórias. Assim, a partir de 2005 podemos notar um maior engajamento de movimentos por direitos de grupos marginalizados que começavam a ganhar

maior visibilidade e notoriedade, voz e direitos igualitários nas cortes de justiça ao redor do mundo. Para os autores Maslon e Kantor (2013), os referenciais para outros grupos além do heterossexual são importantes, pois aponta em direção de novos horizontes de convivência igualitária para grupos minorizados. “O universo Marvel e o Universo DC têm uns cerca de 50.000 personagens diferentes. O tamanho destas listas cria um lugar para pessoas de todos os tipos - mais particularmente gays - para se ligarem, imaginarem, e se projetarem num mundo que reflete a sua própria realidade” (MASLON; KANTOR, 2013, s/p, tradução nossa).

Lucas Dalbeto traz os números acerca dos personagens da Marvel e suas sexualidades, e aponta que ainda existe muito trabalho a ser feito acerca desta temática, para que de fato, as HQs passem a refletir a realidade de grupos não heterossexuais. Segundo o pesquisador, a Marvel conta:

Com 39.938 personagens entre protagonistas, coadjuvantes e pequenas participações. Deste montante, [são apresentados] 149 como representantes de sexualidades destoantes da heterossexualidade, dos quais 118 são caracterizados como homossexuais, 28 bissexuais, 3 personagens são pansexuais, 4 deles são travestis ou transexuais e 3 são *gender fluid* (contudo os personagens travestis, transexuais e *gender fluid* são caracterizados sob o viés de sua sexualidade, e não apenas pelo gênero, desta forma se enquadram em homo/bi/pansexuais) (DALBETO, 2014, p. 9)

O ambiente das HQs é riquíssimo em personagens que fogem a heterossexualidade. A Marvel com personagens como Estrela Polar e Kyle Jynadu, Wiccano e Hulkling busca levar uma maior atração sobre grupos minorizados, e questões raciais, como é o caso de Kyle um homem negro, marido do Estrela Polar. Conforme Guerra, esse maior povoamento destas sexualidades nas HQs estariam representando aquele imaginário social destes grupos marginais “[...] estes personagens são representações de nossos maiores anseios e, de certa forma, de nossa própria realidade” (GUERRA, 2016, p. 403).

Figura 8- Wiccano é muito gay!



Fonte: CORNELL, Paul; et. al. Dark Reign: Young Avengers. Marvel, v. 1, p. 22, nº4, 2009.

Quadro 7- Tradução figura 8

Wiccano: Quero que visualize a si mesma. Como se estivesse no alto.

Encantor: Ok. O que é que eu estou usando?

Wiccano: O que quiser. Algo fabuloso.

Encantor: Estou tentando, mas... É tão sossegado aqui dentro. Não podíamos ter algumas músicas?

Wiccano: Bem, não...

Encantor: Então, agora somos só nós. Acho que já sou mágica o suficiente. Não preciso de mais ensinamentos sobre... Eu quero te conhecer melhor.

Wiccano: Eu sou... Bem... Eu estou com alguém! E gay! Eu não indiquei isso?! Muito, muito gay!

Encantor: Bem, d'uh! Isso faz alguma diferença?

Fonte: CORNELL, Paul; et. al. Dark Reign: Young Avengers. Marvel, v. 1, p. 22, nº4, 2009. (tradução nossa)

Na figura 8 e em seu diálogo onde Wiccano exclama que é “muito, muito gay!” em conjunto com a figura 6 que ocorre a proclamação da homossexualidade do personagem Estrela Polar entendemos essas falas como importantes mecanismos daquilo que é chamado de “sair do armário”. Esta saída é motivo de inúmeros questionamentos, dúvidas, aceitações internas e externas dos indivíduos. O medo de pôr em risco sua vida como a de pessoas próximas; a exposição pública, no trabalho, nos transportes, na escola; a exposição privada, ou seja, a aceitação ou não das famílias. Estão entre algumas das consequências e medos que impedem que homossexuais se fixem fora deste involucro que é o armário, pois neste carregam a falsa sensação de segurança.

Eve Kosofsky Sedgwick (2007) menciona que alguns movimentos foram essenciais para que o ato de sair do “armário” por homens e mulheres homossexuais ganhasse fôlego, por exemplo, a revolta de *Stonewall* e reivindicações posteriores. Todavia, não ficou mais fácil sair deste encarceramento com o passar das décadas, porém, as redes de ajuda e aceitação passaram por transformações que possibilitam maiores abrangências.

Conforme Sedgwick, até mesmo aquelas pessoas mais abertamente fora do “armário” em algum momento irão se encontrar encurraladas frente a um retorno para aquele local de aprisionamento.

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói

novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. (SEDGWICK, 2007, p. 22)

Pensando nas falas de Wiccano e Estrela Polar é possível perceber uma demanda em se afirmar, em demonstrar vínculos de orgulho com suas homossexualidades. Conforme Sedgwick “a imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como uma certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equivocada oferecida pelo armário” (SEDGWICK, 2007, p. 27). Assim, o ato de fala gerado pela saída do armário permite que outras pessoas nestas mesmas condições se sintam confortáveis para continuarem a perpetuação de serem livres das falsas seguranças que o armário proporciona. Falsas, pois, em determinados momentos as sexualidades afloram e acabam por deixar marcas visíveis e/ou invisíveis nos corpos e mentes.

Em particular no caso de Estrela Polar e sua revelação acerca da homossexualidade o mesmo retornou ao armário das publicações da Marvel Comics sem ter grandes significâncias até o seu casamento em 2012, após 20 anos de exposição pública. Dalbeto (2015) afirma que mesmo com a boa recepção pelo público e pela imprensa não foram suficientes no entendimento da editora, “a Marvel não estava disposta a lidar com a repercussão de um super-herói gay, assim Jean-Paul, ao fim de Tropa Alfa, 24 edições depois, ficou relegado ao armário, desta vez dos personagens não utilizados da editora.” (DALBETO, 2015, p. 85). O mesmo não aconteceu com Wiccano, após sua aparição em 2005, viveu inúmeras aventuras com seu namorado, agora marido, Hulkling. Sedgwick menciona o quanto o armário e o ato de sair é formador e reformador para as pessoas homossexuais, mas também ocupa muito espaço e tempo destas vidas.

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (SEDGWICK, 2007, p. 22)

Para Teixeira e outros (2012, p. 21) esse ato de “sair do armário é também uma negociação política exercida cotidianamente e que, muitas vezes, implica ou pode implicar sofrimento para o sujeito que se revela”. Negociações estas que possibilitam ou impedem maior visibilidade. Atualmente nas HQs os exemplos de personagens LGBTQIA+ são

inúmeros. Para além destas páginas, os casos de esportistas, modelos, celebridades que após anos de convívio midiático revelam sua homossexualidade²¹, num grande salto do mundo privado para o mundo público no que tangencia sua sexualidade.

2.3. Os fantásticos anos 2000: os Jovens Vingadores

Os Jovens Vingadores (*The Young Avengers*) surgem em 2005, criados por Allan Heinberg e Jim Cheung. Podem ser entendidos em um primeiro momento como ajudantes dos Heróis mais Poderosos da Terra, Os Vingadores. Todavia, apresentam desenvolvimentos para, além disto. O objetivo do novo grupo é a proteção do planeta Terra em caso de separação, morte e desaparecimento dos Vingadores. Os membros do grupo são reunidos pelo viajante do tempo Nathaniel Richards conhecido como Rapaz de Ferro (*IronLad*) que originalmente é habitante do século 30. Ele volta para o passado/presente em busca dos Vingadores. Pois, Nathaniel Richards no futuro será o vilão antagonista de vários personagens da *Marvel Comics*, conhecido como Kang, O Conquistador. Ao chegar à Nova Iorque, Rapaz de Ferro começa sua busca pelos Vingadores, porém, eles não estão mais juntos. Com isso, acessa os arquivos do robô conhecido como Visão e encontra um programa secreto que visava começar uma nova equipe de vingadores para proteger a Terra.

Rapaz de Ferro em um primeiro momento recruta Teddy Altman (Hulkling) um jovem híbrido das raças guerreiras *Kree e Skrull*. Teddy é um jovem extremamente forte e que é destinado a se tornar imperador das duas raças. Possui entre suas habilidades, a capacidade herdada dos *Skrull* de mudança física, ou seja, é um ser metamorfo. Ao longo das histórias, Teddy transforma-se em outras pessoas, por exemplo, o Homem Aranha.

Billy Kaplan também é recrutado para o time, em um primeiro momento, Billy adota o nome de Asgardiano em alusão ao herói Thor e suas habilidades de controle da eletricidade, pois nessa fase, Billy ainda não conhece a magnitude de seus poderes e nem os controla (posteriormente, descobre-se que seu destino é tornar-se o ser conhecido como Demiurgo, uma das entidades mágicas mais poderosas do Universo Marvel). Ao longo das primeiras edições Billy altera seu codinome para um que trouxesse maior correspondência às suas

²¹ Algumas personas que podemos citar, o político Eduardo Leite governador do estado do Rio Grande do Sul, o ator Marco Pigossi personagem central do seriado “Cidade Invisível” entre muitos outros e outras que servem de caminhos para uma maior aceitação deste grupo minorizado socialmente. GUIA GAY SÃO PAULO. 46 LGBT famosos que se assumiram em 2021. Disponível em: <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/famosos/lgbt-que-se-assumiram-em-2021>. Acesso em: 3 fev. 2022.

habilidades mágicas. Passa a ser conhecido como Wiccano (*Wiccan*). Billy e Teddy formam o casal homossexual da equipe. Um dos casais mais conhecidos dentro do universo Marvel.

Figura 9- Primeira formação dos Jovens Vingadores



Qua
dro
8-
Trad
ução
figur
a 9

**Hul
klin
g: ...
Mal
poss
o
espe
rar
para
ver
o
que
aco
ntec
e a
seg
uir!**

Font
e:
HEI
NBE
RG,
Alla
n;
CHE
UNG,
Jim.
You
ng
Ave

ngers. Marvel Comics, v. 12, 2005, p. 24 (tradução nossa)

Da esquerda para a direita: Jessica Jones (figurante); Visão; Gaviã Arqueira (Kate Bishop); Estatura (Cassie Lang); Célere (Tommy Shepherd); Hulkling (Teddy Altman); Patriota (Eli Bradley); Wiccano (Billy Kaplan).

Outros membros originais do grupo são Elijah “Eli” Bradley conhecido como Patriota. Neto do Capitão América negro, que passa por experimentos do exército estadunidense com o intuito de desenvolver a arma suprema, um super-soldado. Cassandra “Cassie” Lang, filha do Homem Formiga Scott Lang, adota o codinome de Estatura devido às suas capacidades de aumentar e diminuir seu corpo, desde ficar microscópica até gigante. Gaviã Arqueira, codinome de Kate Bishop, não possui superpoderes, assim como Eli, abusando de sua forma física e armas, em especial o arco e flecha na luta cotidiana contra os malfeitores. O androide Visão também entra para o time após ser “revivido” pelo contato com a tecnologia do Rapaz de Ferro, que passa a ter características físicas do robô Visão, e emocionais do Rapaz de Ferro, Nathaniel Richards. E, por fim, Thomas “Tommy” Shepherd, irmão gêmeo de Billy, se junta ao time. É um velocista e irmão mais velho, como sempre pondera quando em conflito com o irmão.

Ao longo dos anos, novos membros entraram para a equipe. Em 2013, no segundo volume, personagens como Kid Loki (Loki), Miss América (América Chavez), Marvel Boy (Noh-Varr), e Prodígio (David Alleyne).

Billy e Tommy são filhos das personagens Feiticeira Escarlate (*Scarlet Witch*) Wanda Maximoff, e o robô Visão. Wanda após alguns eventos traumáticos cria sua própria realidade paralela, onde leva uma vida pacata com seu marido Visão. Neste mundo, Wanda gera seus dois filhos, Billy e Tommy. Porém, as almas (usadas) para gerar seus filhos são do demônio *Mephisto* que em outra história tivera sua alma repartida em cinco partes e espalhadas pelo mundo. Duas dessas partes dão origem aos gêmeos. *Mephisto* voltando a ter controle de sua alma começa a se reconstruir, conseqüentemente pega de volta suas duas almas (filhos da Wanda), o que gera um abalo na realidade criada pela Feiticeira, que culmina na exclamação das fatídicas três palavras mais poderosas e que reverberam ainda hoje nas histórias da Marvel, “Sem mais mutantes” (*No More Mutants*), com isso Wanda dá fim a milhões de vidas mutantes no planeta Terra. Esses acontecimentos são explorados nas sagas de 2010, *Vingadores: A Cruzada das Crianças*, onde os Jovens Vingadores, liderados por Billy e Tommy (que encarnam) para encontrarem sua mãe, a feiticeira escarlate.

2.4. Masculinidades nas histórias em quadrinhos

Constante devir, constantes transformações, são infinitas e complexas formas de pensar as formas de criação de si mesmo, em outras palavras, é a fuga da norma tida como único caminho correto das sociedades, por exemplo, a heterossexualidade. Isto é ocasionado pela repetição de atos performáticos ao longo do tempo, então, não deve ser entendido como algo fixo, mas que pode e vai mudar com o tempo e novas informações, novos entendimentos, novos fatos. Butler afirma que estes atos, a performatividade é:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substancia interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, 2003, p. 194)

São mecanismos derivados de uma idealização superficial, como uma espécie de fantasia usada por todos e esta pode ser modificada conforme surjam novos desejos, novos fatores ambientais. Ainda de acordo com Butler estes atos são formas repetitivas que geram consequentemente legitimação para os sujeitos. Meninos adquirem *status* social desde a tenra idade ao desafiarem outros meninos mais velhos para brigas e etc.

Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em forma do gênero, essa ação é uma ação pública. Essas ações tem dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequência [...].(BUTLER, 2003, p. 200)

As consequências destes mecanismos deixam marcas, visíveis ou não, naqueles corpos que não transparecem as características necessárias de legitimação social, por exemplo, o sujeito masculino com voz fina, com trejeitos femininos e etc. Conforme Raewyn Connell “o gênero é sempre uma estrutura contraditória. É isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias” (CONNELL, 1995, p. 189). O estudo das masculinidades presente na HQs se faz

importante, pois conforme argumenta Connel (1995) é por meio destas investigações que se pode melhor compreender o ato de se constituir enquanto sujeito masculino. Portanto:

Para os homens, a obtenção de uma compreensão mais profunda a respeito de si próprios, especialmente no nível das emoções, constitui uma chave para a transformação das relações pessoais, da sexualidade e da vida doméstica. As práticas de gênero dos homens levantam importantes questões de justiça social, considerando-se a escala da desigualdade econômica, a violência doméstica e as barreiras institucionais à igualdade das mulheres. As masculinidades estão profundamente implicadas na violência organizada; nas tecnologias e nos sistemas de produção que levam à destruição ambiental e à guerra nuclear (CONNELL, 1995, 186).

Entendendo que a leitura de HQs se volta para um público jovem e masculino (não unicamente) as demonstrações de afetos entre personagens masculinos, sobretudo homossexuais, elucidam um fato real transcriado nas páginas de uma publicação que alcança milhares de leitores. Assim, a dada importância da diversidade nestas mídias.

Segundo os pensadores (BALISCEI; CUNHA, 2021; CONNELL, 1995) cada cultura possui sua própria forma de definir o que é ser homem segundo seus valores. Mediados pelo Estado, pela Escola, pela Igreja, pela Família, diferentes entendimentos do que é ser masculino e feminino é repassado para meninos e meninas. Em geral, ser homem é não ser feminino. É necessário afastar da consciência masculina tudo aquilo que o lembra, que o tangencia a ser menos “macho”. A aprovação por outros grupos de homens reforça o fazer-se homem. Recorre-se rotineiramente à violência física, psicológica, simbólica (BOURDIEU, 2012) sobre outros homens “menos viris” e contra as mulheres e crianças.

Pierre Bourdieu convencionou de violência simbólica a dominação que alguns homens exercem sobre outras pessoas usurpando por meio de uma “[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2012, p. 08). Em atos que proíbem os meninos de chorarem, de brincarem com brinquedos e brincadeiras ditas femininas, no impedimento e divisão das cores, no clássico exemplo de “os meninos usam azul, e as meninas usam rosa” são elementos constitutivos de uma violência suave, simbólica como definiu o autor. Assim as estruturas que possibilitam a dominação masculina não são simples “ideias da cabeça”, antes um “sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos” (ibidem, p. 53-54).

Conforme Januário (2016) a divisão social do mundo ocidental em binarismos feminino x masculino, heterossexual x homossexual levam as pessoas a entenderem que as feminilidades e as masculinidades são pilares edificados culturalmente que “impõem um padrão normativo, sujeito à vigilância social. Nele, as emoções e o desejo inerentes à sexualidade do indivíduo são regulados e controlados pelas percepções culturais do que é ser homem e do que é ser mulher” (JANUÁRIO, 2016, p. 79)

Dessa forma, os sujeitos masculinos sofrem a incidência violenta dos “ritos de instituição” (BOURDIEU, 2012) que estão direcionados para a virilidade verdadeira que é antes de tudo produzida para os outros e para si mesmo sempre negando o feminino, em uma espécie de medo frente aos desejos do outro gênero. Conforme nas figuras 10 e 11 que tratam do cotidiano escolar de Billy e Teddy, cada qual experienciando um rito diferente acerca da sua vivência sobre as masculinidades. Essas regras podem ser entendidas como o norteamento para aquilo que é conhecido por heteronormatividade. Em união com Ruth Sabat entendemos a heteronormatividade sendo todo aquele conjunto de símbolos, normas, regras que norteiam os corpos e pensamentos na direção preferencial da heterossexualidade. É a junção de um:

Conjunto de normas, regras, procedimentos que regula e normaliza não apenas as identidades sexuais como também as identidades de gênero, estabelecendo maneiras usuais de ser, modos de comportamento, procedimentos determinados, atitudes específicas, dirigindo-os ao encontro do gênero/sexo oposto (SABAT, 2003, p. 68.)

No que se refere às masculinidades e domínio do masculino na sociedade ocidental, Baliscei afirma que:

Desde o final do século XIX, de formas assimétricas, os movimentos feministas e gay têm se dedicado a denunciar a opressão que o patriarcado acarreta às mulheres e aos homens gays em âmbitos domésticos, trabalhistas, escolares, políticos, afetivos e sexuais como estratégia à manutenção dos privilégios concedidos ao homem branco, cristão, heterossexual e de classe média – o que implica dizer que, em qualquer cultura, época e região, determinadas masculinidades são valorizadas em relação a outras (BALISCEI, 2019, p. 52.)

Seguindo esta linha de pensamento, Januário esclarece que a partir dos anos 1970 dada a maior importância aos estudos feministas, aos movimentos sociais de negros, mulheres, e de homossexuais onde “as discussões envolvendo o espectro social e político sobre o domínio masculino e seu caráter ‘universal’ trouxeram valiosas discussões sobre a identidade masculina e o que é ser homem” (JANUÁRIO, 2016, p. 97). A autora afirma ainda que nos dias atuais, uns dos importantes pontos levantados pelos estudos das masculinidades “é a de

entender como ocorre a construção, produção e reprodução das masculinidades” (ibidem, p. 109).

Marko Monteiro aponta que os caminhos para se interrogar as masculinidades e também as feminilidades foram redesenhadas entre as décadas de 1960 e 1970, e que continuam a serem interrogadas nos dias atuais.

O final dos anos 60 assistiu a um assalto surpreendente do machismo tradicional, que começa com a chamada “Revolução Sexual” e a liberação dos costumes. Logo depois, de forma mais radical e politizada, surgem os movimentos feminista e gay que, ao reivindicarem maior equidade nas relações de gênero, bateram de frente com os modelos de masculinidade tidos como aceitáveis na época (MONTEIRO, 2000, p. 11)

Com isso, o homem passar a objeto de discussão. Com estes movimentos e seus questionamentos sobre o domínio masculino, o homem teria perdido posições de privilégios o que gerou uma perda de “seu estatuto universal e abrangente, para ser, cada vez mais, objeto de discursos questionadores advindos desses movimentos” (MONTEIRO, 2000, p.14).

É importante salientar que a masculinidade deve ser tratada no plural: masculinidades. Conforme Baliscei relatou, o domínio do homem, muitas vezes se restringe “ao branco, cristão, heterossexual e de classe média” confeccionando o que entendemos por masculinidade hegemônica e todos os outros homens que não alcançam estes requisitos ficam, portanto, subordinados e submissos, em uma espécie de masculinidade periférica, subordinada e cúmplice.

Não impede que todos os homens retirem proveitos do domínio masculino, o que Connell chamou de “dividendos patriarcais”, que são todas aquelas vantagens que homens possuem simplesmente por serem homens, principalmente para aqueles que são brancos, empresários, controladores de armas e de formas de violências. Contudo, nem todos os homens ou grupos de homens conseguem usufruir desses dividendos de forma igualitária, por exemplo:

outros grupos de homens pagam parte do preço, juntamente com as mulheres, pela manutenção de uma ordem de gênero não-igualitária. Os homens gays se tornam alvos sistemáticos do preconceito e da violência. Homens efeminados e débeis são constantemente humilhados. Os homens negros, sofrem, massivamente, de níveis mais altos de violência letal do que os homens brancos (CONNELL, 1995, p. 197.)

Mesmo usufruindo destes dividendos algumas formas de masculinidades se sobressaem frente outras e é o caso da masculinidade hegemônica, que não é fixa podendo variar de sociedade para sociedade e entre décadas.

Januário ressalta que a modalidade hegemônica da masculinidade é abocanhada e torna-se tão socialmente aceita que leva a se acreditar que seja ‘natural’ o domínio de um grupo de homens sobre uma sociedade. Assim, “a masculinidade hegemônica seria uma representação da forma de masculinidade dominante que, em um determinado período da história e em determinada cultura, se destaca em relação a outras” (JANUÁRIO, 2016, p. 121). Por mais que seu *status* seja quase inalcançável se exerce muita pressão sobre os homens para manter-se como o dominante sobre as mulheres, e sobre outros homens inseridos em masculinidades não hegemônicas.

A autora elucida que outras masculinidades podem existir. A masculinidade cúmplice é formada por aqueles homens que “percebem e desfrutam de algumas vantagens do patriarcado sem defenderem publicamente tal posição”, o que gera benefícios para estes. A masculinidade subordinada é referente à “existência de relações específicas de dominação entre grupos de homens”, por exemplo, a dominação que homens heterossexuais exercem sobre homens homossexuais, ou entre o próprio grupo de homens homossexuais e seus padrões de beleza, mas também afeta homens heterossexuais como menor poder de capital, de diferentes etnias em relação a raça branca. A masculinidade marginalizada ou subalterna é produzida pela marginalização “dos grupos explorados ou oprimidos que podem compartilhar muitas das características da masculinidade hegemônica, mas que são socialmente desautorizadas”, tal como, homens negros frente homens brancos.

Monteiro enfatiza que as mudanças ocorridas acerca do domínio masculino não geraram uma ruptura da dominação masculina, mas sim uma rearticulação das formas de domínios, isto é:

Não houve, como buscaram os movimentos de contestação, um fim do patriarcado ou um fim da dominação do homem sobre os “não-homens” (mulheres, crianças) e sobre os “menos homens” (*gays*, homens efeminados, bissexuais, enfim, masculinidades desviantes da norma), apesar de haver ocorrido mudanças na masculinidade tradicional. Houve, sim, a rearticulação da dominação do discurso machista, sobre novas bases. Se a dominação patriarcal se tornou menos óbvia que antes - com o homem heterossexual sendo o único sujeito possível da história, o “Sujeito” universal e genérico -, as novas identidades e os novos discursos passam a ser incorporados ao sistema de cognição, mas de forma subordinada. Não há mais universais, há uma pluralidade de identidades e de possibilidades discursivas na representação do gênero, o que já se configura numa mudança importante.

Mas algumas identidades ainda são mais legítimas, superiores às demais (MONTEIRO, 2000, p. 15).

Em outras palavras, o sujeito universal masculino agora divide seu poder com outros sujeitos, por exemplo, homens gays detêm maiores poderes sobre mulheres lésbicas, porém, homens gays ainda estão sujeitos à subordinação de outros homens tidos como “verdadeiros” os heterossexuais.

Figura 10- Billy sofre ataques homofóbicos na escola



Quadro 9- Tradução figura 10

Jessica Jones: "E você, Billy?"

Billy: "Eu nunca tive problema em ser diferente das outras pessoas. As outras pessoas que têm problema comigo."

Feiticeira Escarlata: Com licença... você está bem?

Billy: Eu vou ficar bem. Obrigado.

Feiticeira Escarlata: Você está sangrando.

Billy: Desculpe. Achei que tinha parado.

Feiticeira Escarlata: O que aconteceu?

Billy: Eu meio que levei um soco na cara repetidamente.

Feiticeira Escarlata: Por quê?

Billy: Porque eu sou diferente.

Feiticeira Escarlata: Um mutante?

Billy: Eu gostaria.

Feiticeira Escarlata: Não, você não gostaria. Acredite em mim... ser um mutante só faz as pessoas quererem te dar mais socos.

Billy: Oh, meu Deus... você é... a Feiticeira Escarlata. Você é minha vingadora favorita. Não acredito que acabei de dizer isso em voz alta.

Feiticeira Escarlata: Não se preocupe...

Fonte: Heinberg, Allan; et. al. Young Avengers: Special. 2006, p. 15 (tradução nossa)

Vejamos dois casos de masculinidades presentes em uma publicação dos Jovens Vingadores. Em um primeiro momento podemos pensar sobre os corpos masculinos, possíveis piadas e associações com a homossexualidade. Por exemplo, no caso em que Billy (Wiccano) sofre violência física na escola em detrimento de sua orientação sexual. A HQ em questão é um especial publicado em 2006 e conta a vida dos integrantes dos Jovens Vingadores antes de serem recrutados por Nathaniel (Rapaz de Ferro). Billy é retratado como um jovem que não sabia da sua condição de possuir poderes. É encontrado por Wanda Maximoff (Feiticeira Escarlata), com ferimentos no rosto, em decorrência de agressões do valentão do colégio. É aconselhado pela Wanda a não correr de seus problemas, mas enfrentá-los.

Encontra-se em Billy uma masculinidade subalterna contra uma masculinidade hegemônica que é o caso do valentão da escola e um típico caso retratado em filmes juvenis.

Como contra-ataque, Billy tenta enfrentar o outro menino nas páginas seguintes, porém perde o pouco controle que tinha sobre seus poderes, e quase leva a óbito o seu agressor. De vítima, Billy passa a agressor, a dominante. Verifica-se que a masculinidade hegemônica não é fixa, mas deriva conforme os grupos sociais, as regiões, as mentalidades. “É uma forma de masculinidade que ocupa a posição hegemônica num dado momento e espaço e em relações de gênero, sendo por isso uma posição contestável” (JANUÁRIO, 2016, p. 124). E Billy contesta a posição dominante usando de violência, de agressividade, da perda de controle sobre seu próprio corpo. Em um ato desesperado de se apropriar a qualquer custo das propriedades distintivas dos dominantes a fim de se sair de dominado para também dominante.

Pensando em conjunto com o que Baliscei e Cunha (2021) nomearam por “projeto de masculinização dos meninos”, os autores entendem esse fenômeno, que não é novo, como mecanismos, símbolos, signos que visam transformar os meninos em Homens, portanto, se refere:

ao conjunto de ações, pedagogias culturais e enunciados endereçados aos garotos, desde o nascimento, na expectativa de que eles, ao longo da vida, assumam habilidades, comportamentos, gostos, profissões, espaços e a (hétero)sexualidade que a sociedade valoriza como “apropriados” aos sujeitos masculinos (BALISCEI; CUNHA, 2021, p. 368).

Billy em sua vivência escolar é sempre perseguido por outro menino, aparentemente heterossexual, porque este não gosta da forma como aquele se comporta ao apresentar jeitos e trejeitos de homossexuais. Entram em cena todas estas construções das masculinidades que visa afastar dos meninos seu lado feminino desde a infância. Nesse aspecto, Bourdieu auxilia ao tratar sobre a dominação do masculino em torno do feminino, sobretudo dos perigos da feminilização dos corpos masculinos. O autor entende que:

A definição dominante da forma legítima desta prática, vista como relação de dominação do princípio masculino (ativo, penetrante) sobre o princípio feminino (passivo, penetrado) implica o tabu da feminilização, sacrilégio do masculino, isto é, do princípio dominante, que está inscrito na relação homossexual (BOURDIEU, 2012, p. 144.)

Isto é, torna-se de extrema importância afastar os fantasmas do mundo feminino para longe dos meninos, como forma de se formar homens e manter o *status quo* intocável por meio das variadas formas de violências. Indo aos escritos de Andréo, e outros (2016),

[...] uma das premissas básicas para a construção do “homem” é a imediata diferenciação com relação às mulheres e o ódio contra os homossexuais, levando muitos meninos a passarem por sofrimentos psicossociais e corporais, sendo orientados a serem agressivos, viris, e competitivos, para manter certo distanciamento da mútua troca de sentimentos e aproximações entre eles (ANDRÊO et al., 2016, p. 61).

De modo que “as representações de feminilidade e de masculinidade são constituídas pelo que se pensa e fala sobre o feminino e o masculino” (NUNES, 2010, p.57). Indagar a existência de personagens masculinos homossexuais nas HQs, já pressupõe quebras de paradigmas nas construções de masculinidades. Mas, também perpetuam marcadores sociais, como corpos belos e esculturais, modelados milimetricamente em árduos treinos físicos. Devido a esses dilemas, os sujeitos:

São produzidos nas práticas culturais que vivenciam cotidianamente, e é nessas práticas que estão inscritas as relações de poder, através das quais o sujeito institui maneiras de olhar a si mesmo e o mundo ao seu redor. O sujeito torna-se participante de uma cultura porque passa a compartilhar significados e a interpretar o mundo de maneira semelhante (NUNES, 2010, p. 59).

Essas práticas sîgnicas de construções dos sujeitos masculinos precisam ser instituídas como problemas que afetam a todos, mas principalmente os próprios meninos. Por exemplo, o caso de Teddy (Hulkling) que é apresentada também na revista de 2006, *Young Avengers: Special*. Teddy encontra-se no vestuário da escola, no que aparenta ser uma crise com o próprio corpo em comparação com a dos demais meninos. Usando de suas habilidades metamorfias, transforma seu corpo de magro, fraco e franzino para um corpo atlético, musculoso, esculpido, que tão bem conhecemos por ser típico das HQs. Bourdieu nos lembra como os corpos são construídos socialmente, pois “a representação social do corpo é, assim, obtida através da aplicação de uma taxonomia social”. Essa taxonomia tem no ato de “ver” um pilar de sustentação, pois:

O olhar não é apenas um simples poder universal e abstrato de objetivação; é um poder simbólico cuja eficácia depende da posição relativa daquele que percebe e daquele que é percebido, e do grau em que os esquemas de percepção e de apreciação postos em ação são conhecidos e reconhecidos por aquele a quem se aplicam (BOURDIEU, 2012, p. 80-81.)

Um corpo mais forte, ereto e viril desperta maior respeito, maior tolerância e mais pertencimento a um grupo hegemônico. Januário perspicazmente elucida que os corpos, nesse

caso, os masculinos, não são fixos, mas altamente moldáveis a depender dos usos e abusos para os quais se submete. Para tanto “através das práticas corporais e sociais é moldado e desenhado ao longo da história, transformando-se em símbolos, significados e posições no discurso” (JANUÁRIO, 2016, p. 143). Deste modo, por intermédio de variáveis trabalhos sobre o corpo, o indivíduo o ressignifica e até vê seu auto representação restabelecida frente aos outros corpos masculinos. Sendo “uma imagem cultural passível de sofrer mudança, o corpo tornou-se um objeto a disciplinar, manipular e encenar. Uma imagem domesticada, culturalmente imposta a homens e mulheres” (JANUÁRIO, 2016, p. 145).

Chris Wienke (1998) estudou o ideal cultural sobre o corpo e constatou que, para os homens, o ideal de corpo é o cheio de músculos. Este corpo estaria representando o reflexo soberbo de dominância no mundo social e aponta nos músculos uma idealização central, uma etiqueta a ser seguida, centralizadora dos representantes de masculinidade na cultura popular. Conforme aponta o pesquisador:

Os homens que confiam na masculinidade hegemônica como base para compreenderem a si próprios demonstram uma sensibilidade acrescida para com os pontos de vista dos outros sobre a sua masculinidade e para satisfazerem as expectativas da masculinidade hegemônica. Além disso, eles acreditam que, conformando-se aos padrões dominantes de masculinidade, neste caso, os padrões corporais, eles podem ganhar aceitação de si mesmos e dos outros (WIENKE, 1998, p. 270).

Entende esse padrão como “estratégia de confiança”. Os homens tendem a se adaptar a um padrão hegemônico por meio de mimetismo, para se sentirem seguros de si frente aos outros e ao próprio espelho. Gerador de algumas consequências, entre elas o encarceramento de sentimentos por não se adequarem perfeitamente nessas masculinidades dominantes. Portanto, “é muito provável que interiorizem os seus sentimentos de inadequação e procurem compensa-los. Como tal, esta estratégia de enfrentamento ajuda-os a ocultar inseguranças sobre si mesmos” (WIENKE, p. 270.)

Teddy, ao inevitavelmente comparar seu corpo com o dos outros rapazes absorveu que o corpo perfeito que o faria ser aceito seria o corpo musculoso, o corpo esculpido. A aceitação social estaria passando obrigatoriamente pelo corpo, mas não qualquer corpo, um cheio de músculos, assim obtendo a aceitação dos outros, e conseqüentemente a aceitação de si mesmo.

Figura 11- Teddy transforma seu corpo para ser aceito socialmente



Quadro 10- Tradução figura 11

Teddy (Hulkling): "Sempre foi **dolorosamente** óbvio para mim que eu era **diferente** dos outros caras... se apenas porque eu tinha o poder de **mudar** a mim mesmo para que eu pudesse me parecer com eles. Greg Norris era o capitão do time de basquete, presidente da turma, e logo se tornou meu melhor amigo... então um dia, eu disse a ele a verdade sobre mim. Parte disso, de qualquer maneira.

Greg Norris: Você é um **metamorfo**?

Teddy (Hulkling): Sim. Então... estamos bem? Ou--

Greg Norris: Você está brincando, Teddy? Somos imparáveis.

Fonte: Heinberg, Allan; et. al. Young Avengers: Special. 2006, p. 20 (grifos do autor, tradução nossa)

Bourdieu salienta que por meio dos corpos que adentramos e somos aceitos no mundo social, “é através do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo inclinados e aptos a entrar nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade: a política, os negócios, a ciência etc.” (BOURDIEU, 2012, p. 71). Em um ambiente de convívio diário e problemático, os sujeitos buscam adaptações diversas para sua inclusão, desde o uso da força física e violenta até o mimetismo dos corpos. Dessa forma, dissipando e impedindo que os sujeitos masculinos sejam eles mesmos, vivenciem suas próprias experiências. Ainda de acordo com o pensador, simples formas de apresentação dos corpos - postura, forma de falar, de andar, etc. – podem significar o sucesso social.

A experiência prática do corpo, que se produz na aplicação, ao corpo próprio, de esquemas fundamentais nascidos da incorporação das estruturas sociais, e que é continuamente reforçada pelas reações, suscitadas segundo os mesmos esquemas, que o próprio corpo suscita nos outros, é um dos princípios da construção, em cada agente, de uma relação duradoura para com seu corpo: sua maneira particular de aprumar o corpo, de apresentá-lo aos outros, expressa, antes de mais nada, a distância entre o corpo praticamente experimentado e o corpo legítimo, e, simultaneamente, uma antecipação prática das possibilidades de sucesso nas interações sociais, que contribui para definir essas possibilidades (BOURDIEU, 2012, p. 81).

Em nossa atual sociedade do consumo percebemos uma centralização na figura do corpo e suas modelagens, conforme Januário (2016, p. 300) o corpo precisa ser sempre “jovem, saudável e robusto, [...], além disso, o corpo musculado passou a ser sinônimo de sucesso e fama”. A autora elucida que o corpo funciona como uma figura de comunicação, ou

seja, por meio de olhares, fisionomia os corpos se comunicam. Funcionam como “instrumento de comunicação não-verbal, além de exprimir a identidade e podem indicar posição social, ocupação ou pertença a determinado grupo” (2016, p. 302).

Nos dois quadros finais da figura 11 Teddy menciona que contou a verdade para seu melhor amigo, Greg Norris, capitão do time de basquete da escola, presidente da turma, aliás, apenas “metade da verdade”. A verdade dita era somente sobre sua parte alienígena, ou seja, que possui a capacidade de mudar a aparência de seu corpo. Contrapõe-se esta situação com a evidenciada por Billy sofrendo violência física na escola devido a sua homossexualidade. Naquele contexto em específico, sobretudo de uma realidade social vinda de 2006, seria mais aceitável e palatável ser alienígena do que homossexual.

Cresce no interior do sujeito homossexual uma “relação de poder de conformidade, que se dá quando queremos nos ajustar ao grupo e sermos iguais aos demais, com medo de sermos diferentes ou de não nos misturarmos. Ir contra a conformidade pode provocar fofocas, indiretas, ostracismo e exclusão social” (MIORANDO, 2020, p. 115). Neste mesmo raciocínio, os pesquisadores Fernando Teixeira e outros afirmam que “assim, muitos jovens não heterossexuais se sentem na obrigação de agradar os outros por medo de virem a serem rejeitados em função de seus desejos homoeróticos” (TEIXEIRA et al., 2012, p. 22). Afirmam ainda, que estes jovens homossexuais bombardeados com imagens negativas acerca da homossexualidade acabam por se entenderem como anormais e/ou inadequados para a convivência em sociedade, pois “tais valores sociais levam o jovem homossexual ao sofrimento, à dor e, muitas vezes, a tentativas de suicídio” (2012, p. 23).

Consoante a isso, Bourdieu afirma que neste ambiente de exclusão os dominados tendem a se submeter aos requisitos dos dominantes, por verem nestes a forma “correta” de convivência. Deste modo,

[...]o dominado tende a assumir a respeito de si mesmo o ponto de vista dominante: através, principalmente, do *efeito de destino* que a categorização estigmatizante produz, e em particular do insulto, real ou potencial, ele pode ser assim levado a aplicar a si mesmo e a aceitar, constrangido e forçado, as categorias de percepção *direitas* (*straight*, em oposição a *crooked*, tortas), e a viver envergonhadamente a experiência sexual que, do ponto de vista das categorias dominantes, o define, equilibrando-se entre o medo de ser visto, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido pelos demais homossexuais (BOURDIEU, 2012, p. 114, grifos do autor.)

O mundo de super-heróis abriga os mais variados contos, diferentes e mirabolantes aventuras. Os corpos das personagens são sempre belos, idealizados em limites inalcançáveis

para pessoas comuns. Homem de Ferro, o Incrível Hulk, o Tocha Humana são alguns exemplos de super-heróis da Marvel. Todos bastante conhecidos devido a várias adaptações para o cinema, por exemplo. Tony Stark, sem a armadura do Homem de Ferro, é um “gênio, bilionário, playboy, filantropo”; semelhantes traços notamos no professor Bruce Banner que divide o corpo com o gigante esmeralda Hulk, de um lado a inteligência acima da média, do outro a força destrutiva de um exército; nesse trio temos o Tocha Humana, codinome de Jonathan "Johnny" Storm, brincalhão e galanteador, conquistador de mulheres com todo o seu charme. Os três adotam traços de uma masculinidade dominante, tida como hegemônica que se molda conforma os traços culturais. Ricos, inteligentes, belos, corpos milimetricamente esculpados fazem do trio homens dominantes.

Após revelar que é alienígena para seu amigo, este o vê como uma oportunidade para conseguir algumas vantagens na vida cotidiana. Por meio do superpoder transformo de Teddy, os dois saem para curtir a vida. E, Teddy transmuta seu corpo justamente nos três personagens acima citados referências para uma masculinidade hegemônica, Tocha Humana, o Incrível Hulk, e o Homem de Ferro.

Figura 12- Masculinidades dominantes - Teddy



Quadro 11- Tradução figura 12

Teddy (Hulking): "E nós estávamos. Juntos, não havia nada que não pudéssemos fazer. Contudo que eu fingi

sse
 ser
 John
 ny
 Stor
 m...
 Ou
 O
 Incrí
 vel
 Hulk
 ...
 Ou
 Ton
 y
 Star
 k."
Fotó
graf
os:
 Ton
 y.
 Sr.
 Star
 k!
Ted
dy
(Hul
klin
g):
 Greg
 ,
 espe

re...
Ho
me
m
de
Ferr
o
(tele
visã
o):
A
Fun
daçã
o
Star
k
está
traba
lhan
do
com
a
cida
de
para
decl
arar
a
man
são
dos
ving
ador

es
um
marc
o
públ
ico e
mem
orial
...
porq
ue
os
ving
ador
es se
sepa
rara
m
ofici
alme
nte.
**Ted
dy
(Hul
klin
g):**
Oh,
meu
Deu
s.
**Gre
g
Nor**

ris:
Ach
o
que
é
hora
de
fazer
mos
uma
visit
a à
man
são
dos
ving
ador
es...
não
é,
"Sr.
Star
k"?

Fonte: Heinberg, Allan; et. al. Young Avengers: Special. 2006, p. 21 (tradução nossa)

Os corpos discursam, performam, são vistos e necessitam ver. Januário (2016) promove que “para perceber estes discursos é necessário entender o que impede e lhe permite essa enunciação. Sujeito ao regime de dominação masculina, o corpo passa por regularidades que o limitam e que o disciplinam” (JANUÁRIO, 2016, p. 134). Os corpos discursam, porém, seguem um roteiro pré-concebido de como devem se enunciar. Por meio “das práticas corporais e sociais é moldado e desenhado ao longo da história, transformando-se em símbolos, significados e posições no discurso” (ibidem, p. 134) riqueza, inteligência e beleza são signos de prestígio e sempre alvos de buscas como forma de dominação.

O corpo estaria funcionando como uma tela de ateliê que pode ser desenhado, traçado, apagado, confeccionado, seguindo um modelo idealizado referente à norma, isto é, a masculinidade hegemônica, a heterossexualidade. Nas páginas seguintes, Teddy acaba por desfazer a amizade com o capitão do time, quando este propõe roubar a mansão dos Vingadores pra conseguir dinheiro, logo em seguida surge Rapaz de Ferro e recruta Teddy.

Contudo, o próprio nome heroico escolhido por Teddy mascara uma subordinação masculina. O sufixo “ling” é entendido como diminutivo, isto é, Teddy seria uma forma diminuta do Incrível Hulk. Conforme escreve De Dauw por ser um “personagem gay, ele pode se aproximar de uma masculinidade, especialmente quando comparado com Billy, mas a sua masculinidade é também questionada quando isolado de um contraparte feminizada” (DAUW, 2017, p. 8). A busca em espelhar um ideal de corpo. Um corpo branco, jovem, atlético, sem defeitos e sempre apto para ficar em evidência no mundo. Ser o centro dos olhares. Se os corpos são reflexos da sociedade que tipo de sociedade seria está?

Os belos corpos, sempre esculpido, magros e rejuvenescidos, estão a serviço do consumo e refletem o desejo de uma sociedade que busca no imediatismo a eternização da juventude. São corpos-imagem que se definem como estampa idealizada e ilusória pautada em um processo de projeção do corpo promovido pelas mídias. O foco está na aparência que o corpo traduz e nos símbolos contemporâneos de valorização: imediatismo, juventude, liberdade, magreza e músculos proeminentes e definidos (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011, p.74).

Figura 13- O corpo de Hulkling



Fonte: Lords of Empire: Emperor Hulkling, 2020, p.8

Quadro 12- Tradução figura 13

Princesa Anelle (narrando): "...Talvez um dia, através das estrelas, nosso príncipe perdido possa retornar."

Hulkling: Suspirar

Fonte: Lords of Empyre: Emperor Hulkling, 2020, p.8

A figura 14, extraída da revista da saga *Guerra Civil*, conta com um especial entre os Jovens Vingadores e Os Fugitivos, outro grupo de jovens da *Marvel Comics*. Nela se percebe o quanto as HQs enquanto produções midiáticas de uma cultura da mídia tendem a realizar algumas representações. Da forma como nos é apresentado:

As mídias demarcam e refletem, a todo o momento, lugares, espaços e definições que influenciam os indivíduos, apontando para a formação de imagens nem sempre condizentes com uma imagem corporal já por eles construída. Desta maneira, a imagem corporal aparece como incongruente com as demais imagens reveladas pelas mídias, que abarcam símbolos representativos da contemporaneidade: busca imediata por corpos esculpido e artificializados, sinais de status e perfeição (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011, p.73).

Corpos grandes, robustos, rostos marcados com expressão de ódio, de virilidade são expressões que giram em torno das personagens de HQs, principalmente das de super-heróis. Januário compreende estas representações corporais como culturalmente construídas e constituídas de significados, muitas vezes falando sem emitir sons. Dessa forma o “corpo tornou-se um objeto a disciplinar, manipular e encenar. Uma imagem domesticada, culturalmente imposta a homens e mulheres” (JANUÁRIO, 2016, p. 145).

Figura 14- Adolescentes vingadores



Fonte: WELLS, Zeb; CASELLI, Stefano. Civil War: Young Avengers & Runaways. Marvel, 2006. v. 1, p. 21

Quadro 13- Tradução figura 14

Molly Hayes: Três segundos... eu te darei para sempre, seu idiota...

Patriota: Oi. Você deve ser a Molly. Nós somos os Jovens Vingadores. Você precisa vir conosco.

Wiccano: Eu lhe disse que meu feitiço de localização funcionava.

Fonte: WELLS, Zeb; CASELLI, Stefano. Civil War: Young Avengers & Runaways. Marvel, 2006. v. 1, p. 21 (tradução nossa)

Contrariamente ao que ocorre nas páginas da revista, adolescentes na faixa etária dos quinze anos muito provavelmente não terão corpos esculpidos e artificializados como as editoras insistem em evidenciar. Corpos masculinos precisam apresentar os famosos gominhos no abdômen, técnicas caseiras, assim como a medicina, ensinam exercícios para ter o maxilar de astros de *Hollywood*, cirurgias plásticas são itens quase que obrigatórios para a construção do corpo ideal, além desses corpos serem brancos, lisos, ou seja, sem a presença de pelos. Conforme Oliveira, os personagens das HQs estão:

Protegidos pela tinta e pelo papel, [...] materializam representações que são constantemente retomadas, reatualizadas e normatizadas sob a forma de um simples exercício de leitura; do jogo lúdico entre palavra e imagem que, aparentemente desvinculado do mundo real, retoma, recria e fundamenta modelos e saberes. Modelos, ou antes, representações ou falas que ecoam do discurso das histórias em quadrinhos e saltam de suas páginas para ordenar o nosso imaginário e constituir o real, como sublinha Jodelet: ‘Pode-se entender que as representações sociais, enquanto sistemas de interpretação, regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando nossas condutas e as comunicações sociais (OLIVEIRA, 2001, p.14).

As HQs convertem-se em possibilidades de naturalização de valores, modelos e paradigmas que são decalcados na memória coletiva sob a forma de representações, que são absorvidas como normas e verdades. Filho (2015) elenca de forma precisa esse imaginário em torno das construções dos corpos diariamente, minuto a minuto principalmente com as redes sociais, assim, essa enxurrada de imagens permeia sempre o jogo “continuamente em papéis socialmente aceitos e cristalizados do homem médio europeu branco, heterossexual e de classe média. [...] a aposta se dá na massificação e difusão de modelos passíveis de serem controlados por uma indústria que irão se beneficiar de um consumidor homogêneo” (FILHO, 2015, p.29).

Em meio a esse mar de corpos esculpidos, brancos, magros, que são reproduzidos consistentemente pelas HQs, devemos pensar como é feito tais representações. Analisando o texto de Kathryn Woodward no que convém pensar as identidades e representações, entende-se que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. E por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tomam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2014, p. 17-18).

Observando brevemente os dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), nos últimos 10 anos o número de cirurgias plásticas teve um salto de 141% entre adolescentes de 14 a 18 anos. Em 2016, haviam sido feitas mais de 1 milhão de cirurgias nessa faixa etária, dando ao Brasil a liderança mundial neste quesito. As mais procuradas, em termos estéticos, são a rinoplastia (correção estética do nariz) e o implante de silicone nos seios²². Torna-se necessário investigar e apontar como estes

Personagens de história em quadrinhos são como pequenos *franksteins*, construídos por partes. Eles são idealizados a partir de certos atributos físicos ou psicológicos, como cabelo, altura, tipo físico, postura ou temperamento, que não são simples características, mas sentidos que se integram à redes de significações; estas, por sua vez, são constantemente retomadas, esquematizadas, generalizadas e, por meio dos processos de objetivação e ancoragem, são, finalmente, transformadas em supostos reflexos de real, relacionados a valores e práticas sociais. Isso equivale a dizer que a simples escolha do formato do rosto de um personagem é orientada não por seu valor puramente estético, mas por experiências e valores do autor que são socialmente compartilhadas pelos leitores. Assim, o processo de produção de um personagem de história em quadrinhos é, na verdade, o processo de produção de uma representação, engendrado coletivamente na prática social (OLIVEIRA, 2001, p. 177-178).

Se personagens se apresentam brancas, com físico escultural, com cabelo da moda não é mero acaso, são idealizações que provêm desta relação com o real, com uma dada época e seu modo de pensar. A próxima figura (15) nos ajuda a verificar o encontro, um dos espelhamentos que as HQs levam para suas páginas para representar os sujeitos.

²² BASSETTE, Fernanda. **Número de cirurgias plásticas entre adolescentes aumenta 141% em 4 anos.** Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-cirurgias-plasticas-entre-adolescentes-aumenta-141-em-4-anos-imp-,1048786>. Acesso em: 27 ago. 2021.

Figura 15- O real encontra o ficcional: os cabelos dos super-heróis



Quadro 14- Tradução figura 15

Wiccano: “Quão rápido você consegue nos levar a **Vegas?**”

Wiccano: Isso é doidera. Você é **doido**. Como... como sequer sabia que esse lugar existia...?

Hulkling: Éramos da **I.M.A.**, lembra? Aprendi a sempre ter **plano absurdo** pronto.

Allan: **Ei rapazes!** A papelada vai estar pronta em **cinco minutos**, tá legal? Aí podemos começar com seu casamento!

Hulkling: Valeu, Allan. Billy... liga para a **galera**, eles vão querer ver ao vivo. Então chama a **equipe**.

Wiccano: Até **Vegas?** Em **cinco minutos?** Isso... é bem pouco tempo, Teddy, eles nunca vão conseguir...

Hulkling: **Billy**, metade de nossos amigos são **velocistas** e **teleportadores**, e eles nos **amam**. Pode **confiar**...

Fonte: EWING, Al; et. al. Avengers: Empyre. Marvel, 2020, vol. 5, p. 11

O encontro proporcionado pelo ato de trazer a tendência de cortes de cabelo masculinos ficcionais com os reais como na figura 16, disponível no sítio da internet “manual do homem moderno”. O “corte estilo americano” é tendência que perdura já há alguns anos e é descrito como um corte despojado, mas tradicional e comportado. Januário afirma que:

Além da modelagem física, conseguida através do esporte e atividades físicas, foi com o advento das tecnociências biomédicas que o caráter mutável do corpo se evidenciou como nunca antes. O desenvolvimento destas técnicas trouxe a discussão sobre a representação do corpo noutras esferas, incluindo as do sexo e do gênero. “Por intermédio de um trabalho sobre o corpo, o indivíduo pode reestruturar ou reconstruir sua identidade e até mesmo restabelecer sua autorrepresentação (JANUÁRIO, 2016, p. 144-145).

Figura 16- Cabelo de história em quadrinhos



Fonte: Disponível em:
<https://manualdohomemmoderno.com.br/cabelo/cortes-masculinos-para-2020>

Partindo dessas veiculações midiáticas proporcionadas pelas HQs e tendo em vista seu alcance, isto é, como atingem os mais variados públicos, amplia-se o espelhamento social desses corpos, imaginados como perfeitos. Acarretando em um trânsito global de imagens de corpos masculinos tidos como os ideais.

Dessa forma, “nas histórias em quadrinhos, onde temas como ciência, violência e poder exercem grande influência nas representações e no imaginário de autores e leitores, o corpo é objeto e alvo de poderes que transitam entre os muitos tipos e categorias de personagens” (VIEIRA, 2008, p. 4), pois, é no corpo que temos marcada nossas identidades. Nosso contato com o mundo acontece pelo corpo, em outras palavras, o(s) corpo(s) são políticos.

Nas primeiras páginas da publicação *A Cruzadas das Crianças* vemos os Jovens Vingadores enfrentando alguns inimigos que portavam armas de fogo. Atenção para Hulkling: o mesmo está enfrentando um capanga da Serpente (uma organização criminosa) e é confrontado sobre sua homossexualidade, sendo chamado de sodomita, e como justificativa para isso, ouve um versículo da bíblia sendo recitado pelo atirador.

A homofobia é uma das principais causas de assassinatos de pessoas homossexuais, para expulsão filhos e filhas homossexuais de suas casas, entre outras violências simbólicas e físicas. Para Rodrigo Lima Maciel “volta a crescer no Brasil, e em várias outras democracias, a força de um discurso conservador em relação às liberdades sexuais. Como consequência desse enfrentamento, os crimes de homofobia têm se intensificado pelo mundo.” (MACIEL, 2019, p. 68).

Figura 17- A verbalização da homofobia com princípios bíblicos



Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. Os Vingadores: especial- A Cruzada das Crianças. Panini Comics, 2012, p. 4, v. 1.

Quadro 15- Tradução figura 17

Hulkling: “...olho por olho.”

Assaltante: Vá em frente, faça de mim um **mártir** e mostre ao mundo o tipo de **monstro** que você é.

Hulkling: Já que insiste.

Assaltante: Você queimará no inferno por isso.

Hulkling: Espera aí—você gasta seu tempo livre matando pessoas, mas **eu** vou pro inferno por te **beijar**? Nem ao menos foi um beijo bom.

Assaltante: Provérbios 12:28. “Nas veredas da justiça, está à vida eterna, porém o caminho do ímpio terminar em morte.”

Miss Marvel: Tenho que admitir que **subestimei** vocês. Achei que os filhos da serpente fossem **racistas** o bastante pra saber que Hulkling é metade *Kree*, o que o faz invulnerável.

Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. Os Vingadores: especial- A Cruzada das Crianças. Panini Comics, 2012, p. 4, v. 1. (grifos do autor, tradução nossa)

Teddy é chamado de “monstro” em analogia a sua homossexualidade e responde com um beijo no rosto, no qual é replicado com afirmações que irá queimar no fogo do inferno por tal injúria contra os escritos sagrados. Teddy responde em forma de pergunta: “Espera aí. Você gasta seu tempo livre matando pessoas, mas eu vou pro inferno por te beijar?” Um discurso muito próximo ao de parte da população de algumas sociedades, inclusive a brasileira que alegam que a homossexualidade é um desvio da ordem natural estabelecida, e que a consequência, a punição, independentemente de qualquer outro agravador, é a morte.

De acordo com essa concepção, a prática de atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo é entendida como moralmente reprovável e, no plano religioso, pecaminosa. Assim, toda prática sexual não reprodutiva é qualificada negativamente, levando a transgressão do plano divino e afastamento espiritual. No universo judaico-cristão, a primeira fonte de condenação à homossexualidade é a bíblia, cuja invocação de algumas passagens tem sido interpretada como condenatória destas práticas (MARTINS, 2015, p. 36).

Têm-se nisso uma das facetas da homofobia. Ataques simbólicos, verbais, que em um primeiro momento não resultam em agressões físicas, mas provocam graves sofrimentos psíquicos em quem as sofre. Concordamos com Borrillo que a:

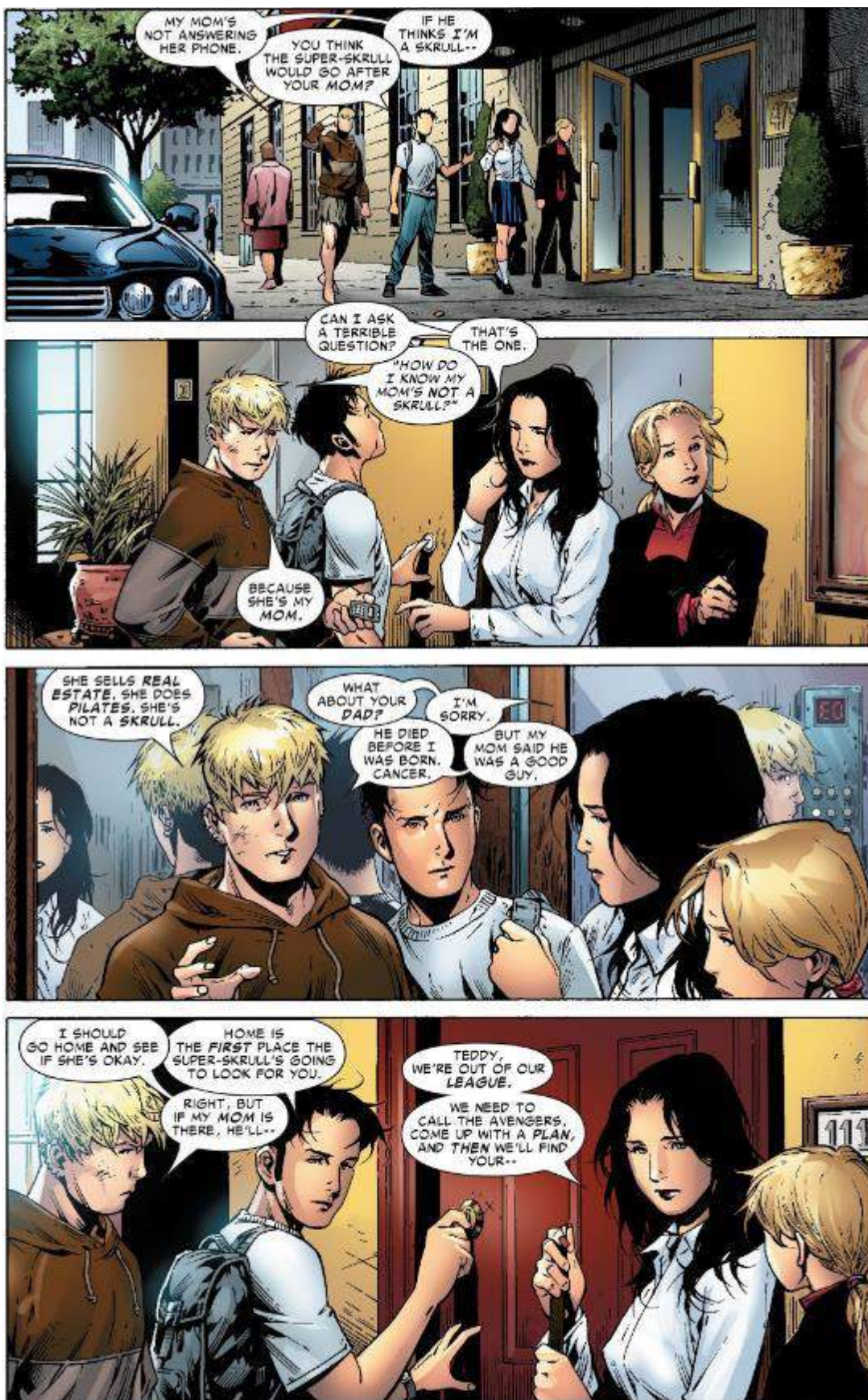
A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas

sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas (BORRILLO, 2010, p. 34).

São várias as possibilidades, intrigas e indagações que a HQs nos permite estudar. Ao estabelecer uma leitura atenta, o historiador pesquisador analisa como estas construções, estas “verdades” ditas e aquelas escondidas acerca dos sujeitos e seus corpos são representados nas HQs e como estas trazem para os mais variados leitores, considerando que esta mídia acompanha o mundo sócio-político-cultural. Ser homem é um fato determinado pelas culturas que se está inserido. Faz-se necessário questionar tais construções.

Questiona-se, representação para quem? Em concordância com Woodward que “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (WOODWARD, 2014, p. 18). Wiccano e Hulkling são brancos, classe média, moradores em localizações privilegiadas de Nova Iorque, com pais em empregos de renda alta. Em outras palavras, parecer insignificante, mas é importante perceber quem está incluído e excluído das representações nas HQs. Wiccano e Hulkling definitivamente estão incluídos dentro de significados que possibilitam que existam sem maiores dificuldades mesmo pertencentes a uma comunidade marginal e estigmatizada, como a comunidade gay.

Figura 18- Profissões de alto padrão



Quadro
16-
Traduçã
o figura
18

Hulkli

ng:

Minha
mãe
não
atende
o
telefon
e.

Wicca
no:

Você
acha
que o
Super-
Skrull
iria
atrás
de sua
mãe?

Hulkli

ng: Se
ele
pensa
que eu
sou um
skrull..

**Gaviã-
Arque**

ira:

Posso
fazer
uma
pergun
ta
terrível
?

Hulkli

ng:

"como
eu sei
que
minha
mãe
não é
skrull?
"

**Gaviã-
Arque**

ira.:

Isso
mesmo
.

Hulkli

ng:

Porque
ela é
minha
mãe.
Ela

vende

imóvei

s. Ela

faz

pilates

. Ela

não é

uma

Skrull.

Gaviã-

Arque

ira.: E

o seu

pai?

Hulkli

ng: Ele

morreu

antes

de eu

nascer.

Câncer

.

Gaviã-

Arque

ira. Eu

sinto

muito.

Hulkli

ng:

Mas

minha

mãe

disse

que ele
era um
cara
legal.

Eu
deveri
a ir
para
casa e
ver se
ela
está
bem.

Wicca

no: A
casa é
o
primei
ro
lugar
que o
super-
skrull
vai
procur
ar por
você.

Hulkli

ng:
Certo,
mas se
minha
mãe

estiver
 lá, ele
 vai...
**Gaviã-
 Arche
 ira:**
 Teddy,
 estamos
 fora
 do
 nosso
 alcance
 e.
 Precisamos
 ligar
 para os
 Vingadores,
 bolar
 um
 plano,
 e então
 encontraremos
 você...

Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. Young Avengers. vol 9, 2005, p. 16 (tradução nossa)

A figura 18 condicionante de indagação. Ao falar sobre sua mãe, Hulkling afirma que ela vende imóveis e pratica pilates que podem ser entendidos como profissão e lazer para pessoas com um certo poder financeiro. Também salienta a própria ênfase dada pelos roteiristas nas palavras pelo uso do negrito. E quanto a família do Billy? Não é diferente.

Figura 19- A família abastada do Billy Kaplan



Quadr
o 17-
Traduç
ão
figura
19

**Wicc
ano:**
Eu
sou
Billy
Kapla
n,
meus
pais
são
Jeff e
Rebe
cca.
Ele é
cardi
ologi
sta.
Ela é
psicól
oga.
Dois
irmão
s
mais
novos
,

ambo
s
detest
áveis.
.. Isso
signif
ica
algu
ma
coisa
para
vocês
?
**Capit
ão
Amé
rica:**
Não,
sinto
muito
.
**Jessi
ca
Jones**
: E
quant
o aos
seus
poder
es,
Billy
?
Você

gera
eletri
cidad
e?
Raio?
Wicc
ano:
Hum.
..
sim.
tipo.
Jessi
ca
Jones
. : E
você
Hulkl
ing?
Hulk
ling:
Meu
nome
verda
deiro
é
Tedd
y
Altm
an.
Eu
tenho
super
-

força.

..

**Jessi
ca
Jones**

:

Algu
m...
probl
ema
de
raiva
?

**Hulk
ling:**

Eu
não
sou o
Hulk.
Se é
isso
que
você
quer
dizer.
Pelo
meno
s não
mais
do
que a
maior
ia dos

joven
s de
dezes
seis
anos.

**Capit
ão**

**Amé
rica:**

Com
o
você
conse
guiu
seus
poder
es:
Radia
ção
ou...?

**Hulk
ling:**

Não
sei.
Nenh
um
de
nós
sabe.
Excet
o
patrio
ta.

<p>Capitã América.: Patriota? Por que você não se senta e nos fala sobre você, filho?</p>
--

Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. *Young Avengers*. vol 3, 2005, p. 6 (tradução nossa)

Ao ser questionado pelo Capitão América sobre sua família, Billy responde que seu pai é cardiologista e sua mãe psicóloga. Portanto, entende-se que o casal gay provém de uma família estável às questões financeiras, e os dois meninos não rompem com norma quando se trata de homens gays, ou seja, pensa-se em uma heteronormatividade, já que em poucos ou nenhum momento as personagens derrubam balizas das normas e vivências heterossexuais. Em comum acordo com os escritos de Dauw entende-se um pouco mais das normas pelas quais o casal é circulado. Também se indaga o local de moradia das personagens e seus familiares.

O Upper West Side é um bairro de luxo, com áreas principalmente residenciais, e é conhecido como um centro cultural e intelectual perto da Universidade de Columbia. Esta colocação geográfica de Billy e Teddy claramente os liga à classe média e os enquadra como adolescentes gays brancos e de classe média. Todos os membros da equipe são de Nova York, que não é apenas um centro urbano metropolitano, é *O* centro urbano da América, conhecido por sua política progressista e liberal, especialmente em oposição à atmosfera mais conservadora do Centro-Oeste americano e do Cinturão da Bíblia. Com os Jovens Vingadores em Nova York, Billy e Teddy são enquadrados como brancos, de classe média, gays urbanos e se

encaixam em ideias culturais generalizadas da cultura gay branca, de classe média que realizam heteronormatividade não apenas através de seu enquadramento do homem gay ou mulher lésbica como povo americano comum, branco de classe média, mas também como urbano, intelectual, artístico e rico²³ (DAUW, 2017, p. 5, tradução nossa).

Por tudo, como historiadores precisamos sempre interrogar as fontes com o intuito de extrair o máximo de questionamentos possíveis e que muitas vezes podem passar despercebidos para os públicos. O público leitor de HQs casual, que por variados motivos desconhece as estruturas de tal mídia – o uso de cores, posição-forma dos balões, a grafia de palavras em destaque com o recurso do negrito – não verá que, talvez, a representação homossexual não seja para todos, como as editoras muitas vezes afirmam. Por um breve momento pensemos no cenário brasileiro e transportemos nossos jovens vingadores e suas famílias para terras tupiniquins. Certamente estariam representando uma parcela um tanto diminuta da população, ainda menos de homens gays, ao pensar a pluralidade de corpos, jeitos, trejeitos, etc.

Salienta-se que com o passar das décadas e com as várias discussões acerca do mundo dos homens, as formas de se vivenciar as masculinidades foram mudando, abrindo espaços para mais afeto, mais feminilidade. E isso pode ser visto em publicações de HQs dos *Jovens Vingadores*. Bourdieu relata que as discussões sobre a dominação masculina e a mudança de *status* que esta abrange se iniciaram com o “enorme trabalho crítico do movimento feminista” que conseguiu romper com estereótipos acerca dos espaços destinados às mulheres e àqueles dos homens. Com a formação de novos modelos de famílias, como as famílias compostas, as famílias homossexuais, e o acesso público desses novos modelos, de mesmo modo que a ascensão feminina para o espaço público (BOURDIEU, 2012, p. 106-107).

Januário (2016) aponta que as distinções que entre as esferas privada e pública durante o século XIX, isto é, uma maior influência do capitalismo acarretou em mudanças “intensificadas e concomitantemente os indivíduos passaram a ser influenciados pelo desenvolvimento tecnológico e pela industrialização. A figura do homem modelo, aristocrata, refinado e elegante, foi substituída pelo empreendedor” (JANUÁRIO, 2016, p. 130), o que

²³ The Upper West Side is an upscale neighbourhood, with mostly residential areas, and is known as a cultural and intellectual hub close to Columbia University. This geographical placing of Billy and Teddy clearly ties them to the middle-class and frames them as white, middleclass gay teenagers. All the team members are from New York, which is not only a metropolitan urban centre, it is the urban centre of America, known for its progressive, liberal politics, especially in opposition to the more conservative atmosphere of the American Midwest and the Bible Belt. With the Young Avengers in New York, Billy and Teddy are framed as white, middle-class, urban gay boys and fit into widespread cultural ideas of white, middle-class gay culture that perform heteronormativity not only through its framing of the gay man or lesbian woman as ordinary, white middleclass American people, but also as urban, intellectual, artsy and affluent.

acabou por gerar uma massificação dos padrões, ou seja, pelo consumismo da sociedade capitalista. Dessa forma foi necessário provocar, sobretudo nos homens um “ímpeto de individualização, de personalização” (2016, p. 130).

A autora aponta que os caminhos foram árduos até que as discussões sobre o domínio masculino fosse objeto de estudos sérios, apenas após a década de 1970 “com o avanço dos movimentos sociais, movimentos feministas e movimento gay e as discussões envolvendo o espectro social e político sobre o domínio masculino e seu caráter ‘universal’ trouxeram valiosas discussões sobre a identidade masculina e o que é ser homem” (JANUÁRIO, 2016, p. 97). Ainda segundo a autora, a constituição do que é ser homem sofreu mudanças com o passar das décadas.

Os padrões estéticos masculinos sofreram profundas mudanças ao longo das últimas décadas. Tome-se como exemplos desta evolução o recurso à depilação, a preocupação com a manicure ou em arranjar sobrancelhas; todas estas necessidades recentes têm provocado uma entrada massiva de homens em centros de estética. Este cenário é rico em pistas inéditas relativas a novas formas pelas quais a masculinidade se manifesta (JANUÁRIO, 2016, p. 148).

Porém, não é por homens adentrarem e usufruírem de elementos ditos femininos, que irão deixar ou perder seu domínio sobre outras parcelas sociais como as próprias mulheres, outros grupos de homens, e crianças, entre outros. Michel Maffesoli (1999) chamou essas condutas de “feminização do mundo” (MAFFESOLI apud JANUÁRIO), já que esse ato de tornar feminino foi acarretado pela moda, pelas mídias, e as novas formas de retratação das masculinidades, sobretudo na tentativa de afastar que ser homem automaticamente é ser violento ou agressivo.

E esses traços femininos também apareceram nas HQs. Billy com o passar dos anos teve seus traços mais amenizados, ficando mais feminino do que o habitual para uma personagem masculina. Em *Cruzada das Crianças*, quando Billy e Tommy partem em busca de sua mãe, a Feiticeira Escarlata, Billy enfrenta o tempo todo o medo de perder o controle sobre seus poderes e acarretar nos mesmos resultados de sua mãe (a Feiticeira Escarlata ao perder o controle de suas habilidades acabou matando vários membros dos Vingadores e dizimando cerca de 90% da população mutante do planeta, o que gerou a disputa entre os Vingadores e *X-Men*, sobreviventes, para aniquilar a Feiticeira). Vale lembrar que assim como a Feiticeira Escarlata é irmã gêmea de Mércurio (Pietro Maximoff), Billy é irmão gêmeo de Tommy, o primeiro possui poderes mágicos assim como sua mãe, o segundo possui

habilidades relacionadas a velocidade assim como seu tio Pietro. Tommy e Pietro são brincalhões, mais espontâneos. Billy e Wanda são sóbrios, sombrios, contidos. A todo instante há o medo da história se repetir e Billy cometer crimes contra uma parcela da humanidade.

Assim, ocorre a feminização de Billy, não necessariamente em seus traços, mas em suas atitudes. Na publicação fica evidente o desconforto do herói Wolverine perante Billy. Seus diálogos sugerem abertamente que tanto Billy quanto Wanda precisam serem mortos a fim de evitar uma nova tragédia. Para De Dauw isto é bastante significativo, pois apresenta o quanto o mundo feminino ainda gera temores no mundo patriarcal²⁴, porque “o perigo do feminino, especialmente o excesso de feminilidade, torna-se evidente quando considerado como, em muitas narrativas, o poder feminino é excessivo e precisa ser destruído a fim de manter o *status quo* ou proteger o mundo existente patriarcal” (DAUW, 2017, p. 09)

Quando recordamos as aparições de Billy desde 2005 até 2020 se percebe que seus traços, a fisionomia, o próprio corpo ficou mais feminino, não significando que deixou de compartilhar alicerces com a masculinidade hegemônica, mas que acompanhou o desenrolar do mundo social e passou a dispor de mais acessórios de moda, como brincos, unhas, cabelo. Para o historiador Fábio Vieira Guerra as qualidades que são apresentadas por esse ou aquele personagem estão interligadas com o ambiente social em que estão sendo construídos.

As representações femininas e masculinas, com as quais nos deparamos nos quadrinhos não são fixas, pois elas se arranjam e desarranjam lugares sociais em disposições que são sempre transitórias, pois vão se transformando ao longo do tempo. É por meios de modelos que a sociedade e os indivíduos determinam sua identidade, estabelecendo papéis e distribuindo as posições sociais (GUERRA, 2016, p. 356).

Estas novas representações do que é ser homem e ser mulher no seio social acarretam em abalos nas estruturas do sujeito universal masculino. As discussões sobre as sexualidades humanas para além da heterossexualidade e homossexualidade contribuem para estas mudanças. A independência cada vez maior das mulheres é um outro fator de importância para se aprofundar no estudo das masculinidades. Em concordância com Monteiro:

Na verdade, toda a crítica à masculinidade tradicional só faz tornar a masculinidade objeto dos discursos, ou seja, torna *objeto* aquilo que sempre foi *sujeito*. Aqui a questão do outro é essencial: se o homem sempre foi o sujeito universal e genérico, como vou propor, o surgimento do *outro* como crítica (*gays* e feministas, nesse caso) afeta o arranjo tradicional das

²⁴ Bastar lembramos o caso da última temporada do seriado televisivo *Game of Thrones* (GoT) em que a rainha Daenerys Targaryen detendo todo o poder e com a ajuda de seus dragões ameaçou toda uma sociedade, e foi impedida sendo morta por um homem.

categorias e força uma mudança, a chamada crise da masculinidade (MONTEIRO, 2000, p. 66, grifos do autor).

Com o aumento de personagens homossexuais ganhando destaque nas HQs possibilita que questionamentos novos surjam. Não somente estes personagens e a forma como são representados, mas também os moldes de personagens tradicionais já consagrados como Capitão América, Batman, e Super-Homem, para ficarmos em apenas alguns.

Figura 20- Masculinidades dominantes - Billy



Fonte: EWING, Al; et. al. Avengers: Empyre Aftermath. Marvel, 2020, p. 11

Quadro 18- Tradução figura 20

Juiz de paz: Diante de suas famílias e amigos - e diante daqueles aqui reunidos que os escolheram para acabar com a guerra deles e trazer a paz - reafirmo seu casamento um com o outro. Você pode beijar seu noivo!

Fonte: 1Fonte: EWING, Al; et. al. Avengers: Emphyre Aftermath. Marvel, 2020, p. 11

3. OS PÚBLICOS E OS JOVENS VINGADORES

3.1. Casamento(s) do século

As HQs tendem a veicular fatos do mundo real em suas páginas. No que concerne às personagens homossexuais, sempre há expectativa por algum grande casamento, que abala as estruturas do universo da editora. Foi assim com o casamento do Estrela Polar e Kyle Jinadu, primeira união gay da *Marvel Comics* e com o mais recente duplo casamento de Wiccano e Hulkling, também o primeiro casamento da editora, porém entre dois super-heróis, já que Kyle é um civil.

A luta por direitos humanos básicos, direitos garantidos constitucionalmente não se resume somente ao ideal de constituir uma família, mas também nas construções de identidades. Em outras palavras, homossexuais ao lutarem, vencerem e terem direitos instituídos solidificam identidades como sujeitos de direitos. Sujeitos estes que existem frente ao Estado, a Igreja, a sociedade em geral e as Leis. Pessoas que ainda são estereotipados pela sociedade, vistos com reprovação, ter direitos ao casamento, à constituição de família plena, se torna valorativo em inúmeros graus, conseqüentemente provocando mudanças nas tessituras sociais.

Mudanças político-socio-culturais que atingem as sociedades, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo, provocam o que Miskolci (2007) chamou por pânico morais, o medo de determinada camada da sociedade frente ao desconhecido, até mesmo pelo medo perante algo tido como ameaçador de uma ordem.

O casamento gay se tornou uma possibilidade que evoca temores com relação à sobrevivência da instituição em seu papel de mantenedor de toda uma ordem social, hierarquia entre os sexos, meio para a transmissão de propriedade e, principalmente, valores tradicionais. Assim, se a rejeição ao casamento gay reside neste pânico da mudança social, isto se dá porque nossa sociedade construiu historicamente a imagem de gays como ameaça ao *status quo* (MISKOLCI, 2007, p. 104)

O casamento entre pessoas do mesmo sexo é motivo para fervorosos debates e embates ao redor do mundo. Na Europa é visível uma linha que divide o Velho continente entre aqueles países favoráveis e que já possuem leis para resguardar os direitos de homossexuais, e aqueles do outro lado que são contrários a qualquer diálogo. Decisão histórica tomou em 2013 a Corte Europeia de Direitos Humanos ao regulamentar que países

membros não poderiam proibir os casamentos entre pessoas do mesmo sexo²⁵. Na sentença, os juízes decidem que homossexuais também possuem o direito de formar família e que os países não podem proibir união sem motivos razoáveis para isto.

Nas últimas décadas ocorreram mudanças culturais, sociais, econômicas que permitiram que homossexuais ao menos mantivessem seu direito mais básico, da liberdade. O que acaba por gerar ainda mais lutas no sentido de conquistar direitos plenos frente as sociedades. Em acordo com Guerra:

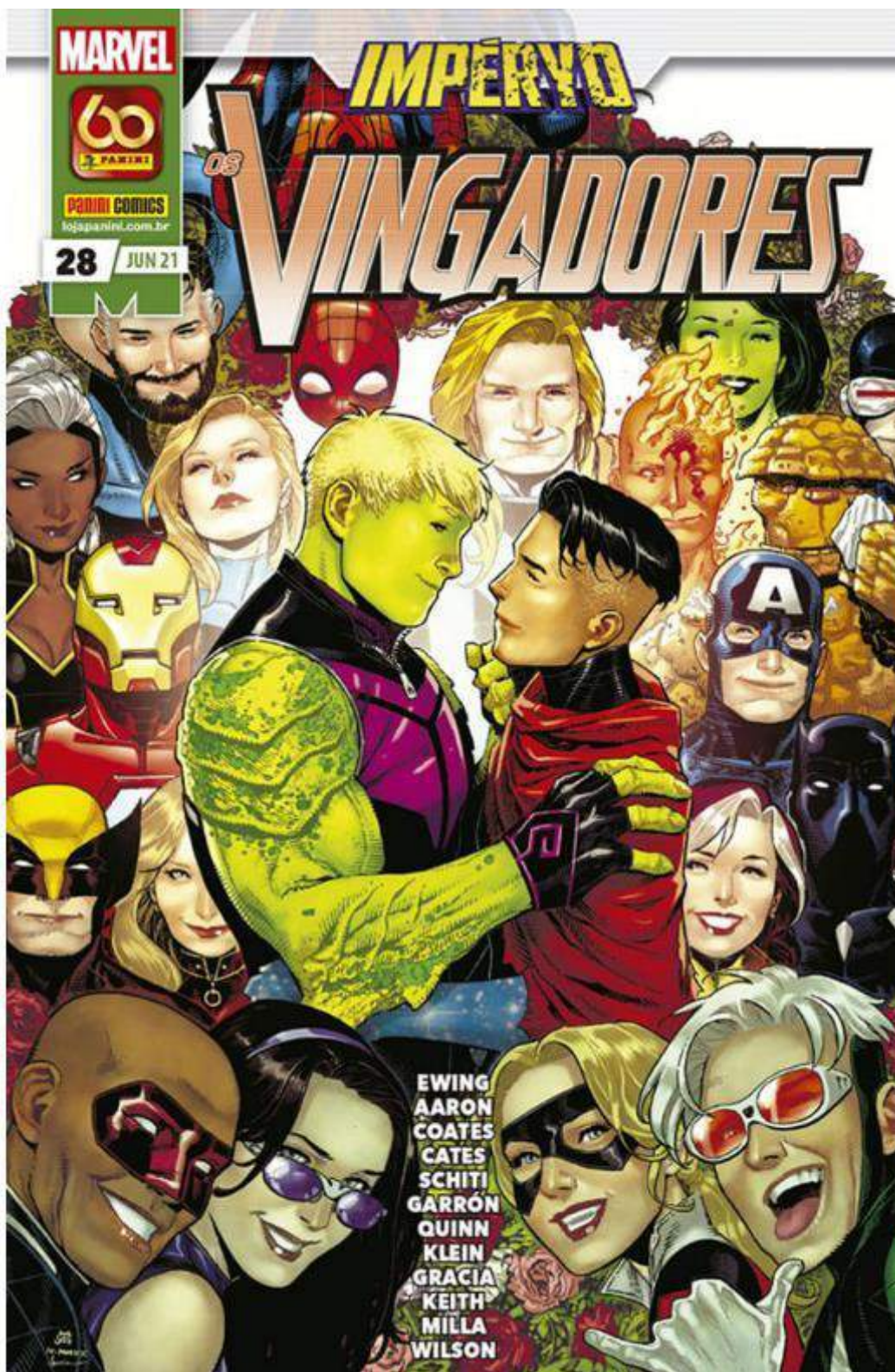
As narrativas dos quadrinhos costumam seguir determinado padrão, adequando seus personagens de acordo com as normas vigentes na sociedade, porém, os leitores também têm um papel ativo em relação ao conteúdo da obra, trocando opiniões e informações. [...] moldados nessa lógica lúdica [de trocas de informações], as narrativas de super-heróis se estabeleceram na cultura juvenil e se alimentaram da própria cultura e situação histórico-social ao seu redor. Com isso se reconfigurou com o passar dos anos, ampliando e explorando suas possibilidades temáticas, marcando o posicionamento de suas editoras diante dos temas retratados (GUERRA, 2016, p. 392-393).

Salienta-se que o maior poder aquisitivo de bens de consumo por esta fatia social, os grupos que englobam a sigla LGBTQIA+, sobretudo no que concerne a lésbicas e gays, ainda a fatia com maior representação, acende o sinal de que possuem capital para a aquisição de bens de consumo. O que reflete em produtos voltados para tal grupo, por exemplo, em maiores explorações de personagens que não seguem a norma heterossexual. Segundo pesquisas²⁶ dos últimos anos, este grupo gera em torno de meio bilhão de reais para a economia brasileira.

²⁵ PINHEIRO, Aline. **Corte europeia reconhece direito de gays formarem família**. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-nov-07/gays-tambem-direito-formar-familia-decide-corte-europeia>. Acesso em: 27 ago. 2021.

²⁶ GONTIJO, Pedro. **Público LGBT cada vez tem mais peso no mercado de consumo**. Disponível em: <https://www.ibes.med.br/publico-lgbt-cada-vez-tem-mais-peso-no-mercado-de-consumo/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

Figura 21- Wiccano e Hulking - o primeiro casamento gay de super-heróis da Marvel



Fonte: SLOTT, Dan; et al. Império: Os Vingadores. 28. Panini Comics, 2021.

Também na Europa, na virada do milênio, na Holanda, em 1º de abril de 2000, era aprovada uma lei que permitia união matrimonial entre pessoas do mesmo sexo²⁷. Vinte anos mais tarde, a sombra que durante muito tempo cercou os homossexuais e aqui é necessário incluir não somente gays e lésbicas, mas transexuais, travestis e todos aqueles outros corpos que são vítimas de violências discriminatórias volta a deturpar direitos conquistados por meio de muitas lutas, sangue, pólvora, algemas, torturas, mortes com a ascensão de governos autoritários de extrema-direita, nos Estados Unidos com o trumpismo, no Brasil com o bolsonarismo, na Europa, especificamente a Polônia, onde o governo aprova “zonas livres de LGBT+”²⁸. O continente europeu considerado marco-zero para direitos cerca-se pelo medo da extrema-direita.

Percebe-se é que a virada no mundo social se consolida pelas buscas dos movimentos sexuais por direitos. Em um primeiro momento, a partir da década de 1960 até inícios dos anos 2000, os movimentos buscavam direitos político/ideológicos. A partir dos anos 2000, a movimentação muda suas buscas, e os sujeitos passam a objetivar discursos voltados para o direito/cidadania. Conforme bem pontua Domingos:

Dentro dessa relação serial de acontecimentos, vemos se articular várias composições discursivas de onde lugares enunciativos do sujeito gay foram derivando: podemos observar que num primeiro momento a saída do armário sustentou uma discursividade em torno do ser gay pautada na *liberdade* de expressão da sexualidade; em seguida, o discurso do armário foi enfatizado pela ideia da *diversidade* sexual, a afirmação pela diferença; mais recentemente, ao discurso da *liberdade* e da *diversidade* acerca da homossexualidade coaduna-se outra prática discursiva, esta sustentada em saberes relativos à *igualdade* de direitos e cidadania (DOMINGOS, 2015, p.73-74).

²⁷SIMÕES, Rogério. O século do casamento gay: onde ocorreram as primeiras cerimônias, há exatos 20 anos. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56004287>. Acesso em: 27 ago. 2021.

²⁸HERVÁS, Maíra. **Polônia entra na mira da Comissão Europeia ao permitir “zonas livres de LGTB+”**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/polonia-entra-na-mira-da-comissao-europeia-ao-permitir-zonas-livres-de-lgtb-24643118>. Acesso em: 27 ago. 2021.

O casamento gay nas HQs só foi possível porque movimentos sociais no mundo real lutaram para que isto fosse idealizado. O criador das personagens, abertamente gay, Allan Heinberg, foi possibilitado em escrever uma história como a dos jovens vingadores, criando personagens gays porque o contexto era de rupturas sociais. Em importante aditivo, Guerra (2016) propicia pensarmos o quanto as HQs refletem sobre as mudanças sociais:

As histórias em quadrinhos são um produto midiático capaz de retratar mudanças sociais e assuntos atuais, e dessa forma podem levar os leitores a questionar seus valores e ideias preconcebidas. O universo criado nestas narrativas é um produto típico da cultura da mídia que, como tal, mostra, por meio da arte, questões emergentes e importantes da sociedade (GUERRA, 2016, p. 403)

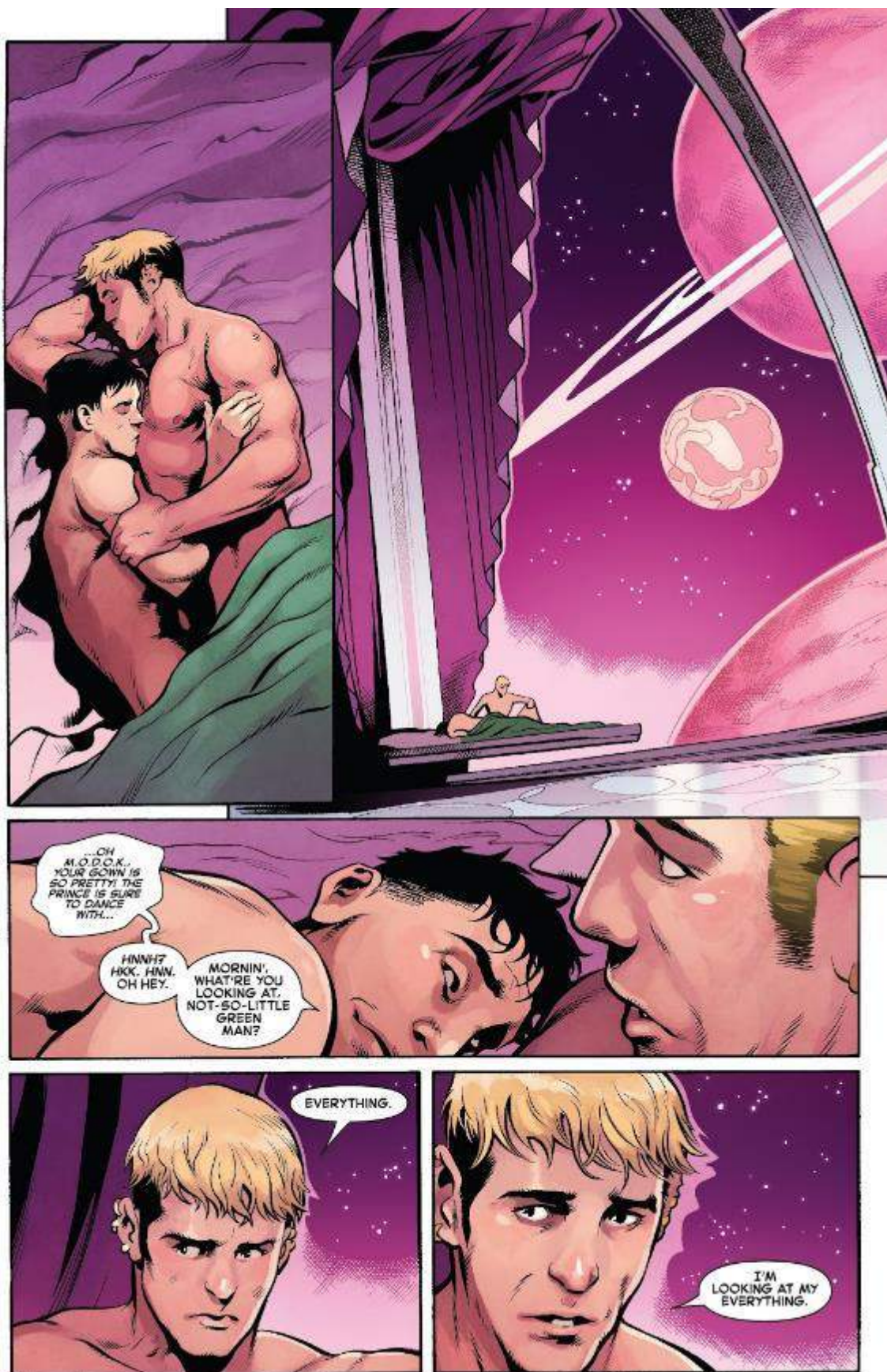
Como afirmado, o direito ao casamento igualitário estabeleceu vindouros frutos na Europa. Nos Estados Unidos, o mesmo só foi implementado em todos os cinquenta estados, no ano de 2015, após decisão da Suprema Corte de Justiça. Antes disso, o estado de Nova Iorque por meio de votação aprovou a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo em junho de 2011, quatro anos antes da decisão da Suprema Corte de Justiça.

No dia 24 de junho de 2011, por 33 a 29 votos, o Senado Estadual de Nova Iorque aprovou a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo [...] A lei foi aprovada graças aos votos de quatro senadores republicanos conservadores. Por causa de seus votos, tiveram que enfrentar consequências nada surpreendentes para políticos com um eleitorado conservador. Em contrapartida há quem acredite que o custo político da decisão não é tão elevado quanto se imagina, pois a opinião pública com relação à homossexualidade está mudando muito rápido nos Estados Unidos (MARTINS, 2015, p. 99).

Os fantasmas que assombram as decisões políticas e o quanto estas reverberam nas HQs. Em outras palavras, reforçamos a centralidade das HQs como objetos políticos, inseridos em sociedades, e acompanham constantemente as modificações destas. Quando Dennis (2012) relata que a diversidade nos HQs não vale o golpe em perder patrocínios, enfrentar discursos contrários os mais variados, vê-se nessas posições acanhadas, discretas de líderes políticos o medo de enfrentar reações contraditórias, impeditivas de legislação e perda de apoio governamental. Quando Martins (2015) faz a assertiva sobre as mudanças da opinião pública sobre a homossexualidade, também constata-se isso na HQs. Guerra também é assertivo sobre os retratos sociais e suas mudanças levadas para esta mídia, conforme se nota nas figuras 22 e 23.

Os quadrinhos se mostraram como espaço criativo e reflexivo que influencia e reverbera em novas gerações de produtores, que se espalham e criam novas obras. É possível perceber ainda que o contexto histórico social é pertinente na avaliação da forma como são abordadas determinadas temáticas. Os relacionamentos afetivos sempre permearam os quadrinhos da *Marvel* durante toda sua trajetória. Logo a exposição do sexo passaria a ir além do conteúdo das narrativas e seria abordada também nas capas, com beijos e carícias mais intensas (GUERRA, 2016, p. 403).

Figura 22- Billy e Teddy entre lençóis



Fonte: ZDARSKY, Chip et al. Lords of Empire: Emperor Hulkling. Marvel Comics, 2020, v. 1, p. 27.

Quadro 19- Tradução figura 22

Wiccano: ...Oh M.O.D.O.K., seu vestido é tão bonito! O príncipe com certeza vai dançar com... Hnh hkk hnn Oh hey. Bom dia, o que você está olhando, não tão pequeno homem verde?

Hulkling: Tudo. Estou olhando para o meu tudo.

Fonte: ZDARSKY, Chip et al. *Lords of Empyre: Emperor Hulkling*. Marvel Comics, 2020, v. 1, p. 27.

Evidencia-se aspectos de mudanças, até de rupturas acerca dos sujeitos gays inseridos em HQs. Estrela Polar sofreu durante décadas para poder finalmente se libertar das amarras que o mantinha no armário é o exemplo mais significativo. A figura 22 da publicação *Imperador Hulkling* traz de forma explícita os dois homens, aparentemente nus, deitados, abraçados na cama. No que Billy acorda e se depara com Teddy o observando, no que este diz que estava olhando o seu mundo todo. De meras centelhas no século passado, para uma fogueira explícita de sexualização em 2020.

Possuindo centenas de milhares de personagens sob sua propriedade, e a maior parte residindo no estado de Nova Iorque, a *Marvel Comics* tendo em vista as reverberações da legalização do casamento homossexual naquele estado, entra para as comemorações com uma edição especial do grupo mutante *X-Men*, protagonizada pelo seu primeiro super-herói gay, Estrela Polar, e seu noivo Kyle Jynadu.

Na época, o então editor-chefe da Casa das Ideias, Axel Alonso, concedeu entrevista à revista *Rolling Stone* comentando acerca da publicação sobre o primeiro casamento gay da editora e a importância social do mesmo.

Quando o casamento gay se tornou legal no estado de Nova Iorque, isso levantou questões óbvias, já que a maioria de nossos heróis reside no estado de Nova Iorque. Estrela Polar é o primeiro personagem abertamente gay nos quadrinhos e ele tem um relacionamento de longo prazo com seu parceiro Kyle, então a questão era: como isso mudaria seu relacionamento? Nossos quadrinhos são sempre melhores quando respondem e refletem os desenvolvimentos no mundo real. Fazemos isso há décadas e esta é apenas a expressão mais recente disso²⁹ (PERPETUA, 2012, s/p., tradução nossa).

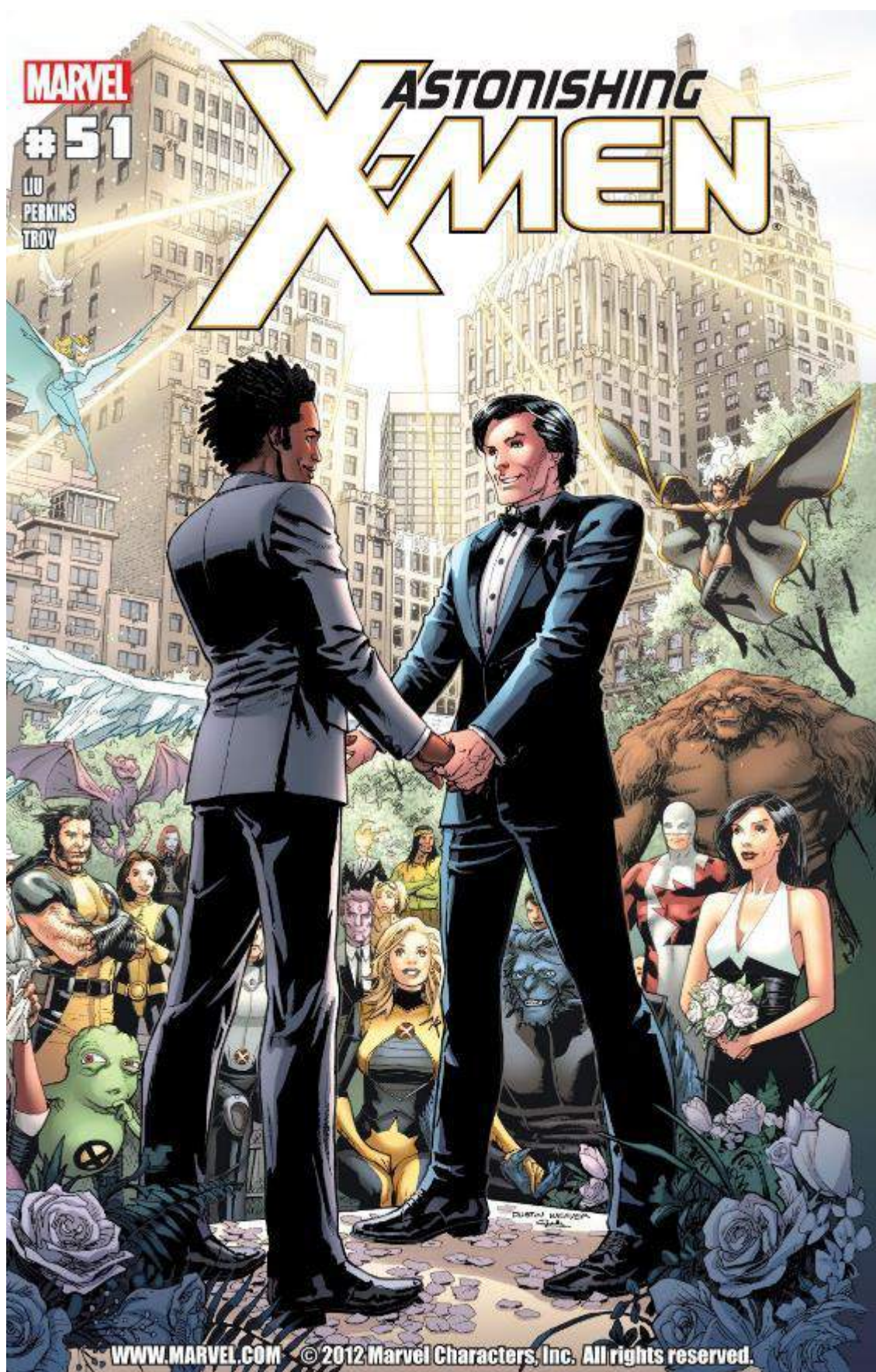
²⁹ PERPETUA, Matthew. **Marvel Comics Hosts First Gay Wedding in “Astonishing X-Men”**. *Rolling Stone*. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/culture/culture-news/marvel-comics-hosts-first-gay-wedding-in-astonishing-x-men-235209/>. Acesso em: 27 ago. 21.

As demandas do mundo real sendo levadas para as HQs, questionando, mirando uma idealização de sociedade com mais igualdade, equidade, menos preconceituosa. A roteirista desta publicação, Marjorie Liu também concedeu entrevista, e para ela tal retratação nas HQs significa:

Que são duas pessoas tentando viver suas vidas – mutantes e gays, negros e gays – com poder em seus próprios caminhos, mas também moradores marginais. E eles estão fazendo isso acontecer. Eles estão vivendo a vida em seus próprios termos. Não importa que seja uma história em quadrinhos de super-heróis, a mensagem é: você pode fazer a mesma coisa (PERPETUA, 2012, s/p., tradução nossa).

“Você pode fazer a mesma coisa” tal frase tão simples, mas ao mesmo tempo tão potente e significativa para sujeitos marginais. Oito anos mais tarde seria o momento de unir alianças entre o príncipe guerreiro herdeiro dos dois maiores impérios galácticos – *Kree* e *Skrull* – Hulkling, e Wiccano, a encarnação da entidade mais forte do Universo *Marvel*, o Demiurgo.

Figura 23- Capa da revista do casamento Estrela Polar (Northstar)



Fonte: LIU, Marjorie; et. al. Astonishing X-Men. Marvel, 2012, v. 51.

Também em 2012, no mês de março, foi o momento de os jovens heróis protagonizarem um breve momento de afeto entre quatro paredes. Sete anos após a primeira aparição, Wiccano e Hulkling dão seu primeiro beijo. Mais um nas HQs. Em diferentes direções começavam a caminhar as HQs após a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo no estado de Nova Iorque, e posteriormente, no ano de 2015, em todo o território que compõe os Estados Unidos.

Este primeiro beijo marca o início de muitos. Raras exceções são as revistas que contam com os dois personagens em que não se beijam ao menos uma vez. Interessante como um simples beijo entre seres humanos possa levantar variados debates. Este foi o caso ocasionado por este juntar de lábios masculinos. Salientamos que a mesma é uma publicação com classificação etária “T+”, ou seja, para pessoas acima dos 13 anos, no modelo estadunidense de classificação.

O medo imaginado por uma suposta desordem social, a ameaça às famílias, geram os pânicos morais frente aos grupos marginalizados. Se opondo a estas representações, os mais variados agentes públicos, figuras políticas de diferentes escalões e a grande mídia passam a discutir este fato dado. Foi este o caso ocorrido em 2019, na Bienal do Livro, da cidade do Rio de Janeiro. Cohen nos ajuda a nos posicionarmos perante o ocorrido:

Uma condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas passa a ser definido como um perigo para valores e interesses societários. Sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa. As barricadas morais são preenchidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas de Direita; especialistas socialmente aceitos pronunciam seus diagnósticos e soluções; recorre-se a formas de enfrentamento ou desenvolvem-nas. Então a condição desaparece, submerge ou deteriora e se torna mais visível. Algumas vezes é algo que existia há muito tempo, mas repentinamente ganha notoriedade. Algumas vezes o pânico passa e é esquecido, exceto no folclore e na memória coletiva. Outras vezes ele tem repercussões mais sérias e duradouras e pode produzir mudanças tais como aquelas em política legal e social ou até mesmo na forma como a sociedade se compreende (COHEN, 2011, p. 11).

Figura 24- O primeiro beijo de Wiccano e Hulking



Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. The Avengers special- The Children's Crusade. Marvel, 2012. v. 9, p.20

Quadro 20- Tradução figura 24

Miss Marvel: Desculpe interromper, rapazes... mas o Capitão precisa de vocês na mansão.

Hulkling: Mas—

Wiccano: Mas—

Miss Marvel: Uniformizados. Agora.

Capitão América: “obrigado por virem logo após o chamado.”

Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. *The Avengers special- The Children’s Crusade*. Marvel, 2012. v. 9, p.20

O grupo de pessoas entendidas naquele momento como perigosas foram os homossexuais, na revista em específico, o primeiro beijo gay entre Wiccano e Hulkling, apresentados como ameaças para as famílias, as crianças e os bons costumes. Logo surgiram os impedimentos, entre eles a união, naquele momento, da política com a religião, na figura pública do bispo-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella. Porque para este, essas leituras eram “perigosas”. Conforme Ivan Lima Gomes:

As preocupações quanto às leituras perigosas – e os leitores perigosos – são um capítulo fundamental para a história da leitura. Devem servir, hoje, de alerta sobre as perseguições sofridas por obras literárias, *graphic novels*, e livros infanto-juvenis que, acusados de promoverem o “homossexualismo” e outros valores antagônicos a certa moral conservadora, são alvo de censura e objeto de instrumentalização política (GOMES, 2021, p. 76.)

O instrumento político encontrado foi à censura contra a ameaça fantasma do inimigo homossexual. Em ato de abuso de poder e contra a liberdade de expressão, o bispo mandou recolher todos os livros com a temática LGBTQIA+ da bienal. Em ação de enfrentamento, o influenciador digital Felipe Neto, comprou todos os livros com aquela temática e os embrulhou em saco preto de “lixo” e posterior distribuição para quem tivesse interesse. Todos os livros foram rapidamente presenteados para quem quisesse³⁰.

Salienta-se que a devida publicação especial dos Vingadores *A Cruzada das Crianças* foi publicada originalmente em 2012, ou seja, ao menos 7 anos antes da perseguição político-ideológica do bispo-prefeito. Como resultado, esta publicação teve todas suas unidades

³⁰ O ESTADO DE SÃO PAULO. “Mandamos um recado claro para a censura”, diz Felipe Neto após distribuir livros LGBT na Bienal. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,mandamos-um-recado-claro-para-a-censura-diz-felipe-neto-apos-distribuir-livros-lgbt-na-bienal,70003002119>. Acesso em: 27 ago. 2021.

vendidas em pouco menos de 2 horas³¹, gerando repercussão nacional e mundial contra a censura da prefeitura do Rio de Janeiro. Cohen é preciso em suas afirmações sobre o pânico moral e suas repercussões no mundo social.

Figura 25- O polêmico beijo gay censurado



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/02/beijo-gay-vence-grande-premio-em-ano-de-series-e-inovacoes.shtml>

Porquanto, “as transformações na estrutura familiar, no casamento e o advento de novas técnicas reprodutivas e de diferentes formas de parentalidade é vista por muitos como ‘culpa’ de gays, lésbicas e transgêneros” (MISKOLCI, 2007, p.119). É o entendimento sobre o caso acima com a tentativa de censura embasada na justificativa da proteção de crianças contra possíveis iniciações sexuais contidas na revista, que como apontado, já tinha mais de sete anos de publicação, e era destinada para um público leitor maior de 13 anos. O resultado foi maior visibilidade para o casal gay, até o momento, mais famoso da editora, que alguns anos depois viria a protagonizar um duplo casamento gay.

³¹ ROUVENAT, Fernanda; TORRES, Lívia; VON SEEHAUSEN, Lucas. **Livro que Crivella mandou recolher se esgota na Bienal do Rio**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/06/livro-que-crivella-mandou-recolher-se-esgota-na-bienal-do-livro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2021.

Figura 26- Antes invisíveis, agora explícitos



Fonte: EWING, AL; et. al. Avengers: Empyre. Marvel, vol. 5, p. 2, 2020.

Quadro 21- Tradução figura 26

O apartamento do Wiccano em Nova York

Wiccano: Foi a derradeira missão secreta de largar tudo. Teddy tinha... uma hora, antes de ir para o espaço. E... bem, usamos cerca de metade disso. E eu apenas olhei para ele. E...

Wiccano narrando: "E eu não poderia manter isso, tudo o que eu sentia sobre ele, sobre este-- este inacreditável príncipe espacial... simplesmente derramou de mim.

Wiccano: Você é um milagre, Teddy Altman. Você é tudo. Eu juro que quando tudo isso acabar...

Hulking:... Por que esperar?

Wiccano narrando: Ele diz. E ele apenas... olha para mim. Com aqueles olhos -- quero dizer, você viu os olhos dele. Certo?"

Inquisidora: Talvez não do jeito que você vê.

Tocha Humana: Sério? Você nunca notou os olhos?

Wiccano: Ele olha para mim e diz -- Dessa forma que ele tem, ele diz, "Billy?"

Fonte: 2Fonte: EWING, AL; et. al. Avengers: Empyre. Marvel, vol. 5, p. 2, 2020.

Em acordo com Louro quando afirma que “‘minorias’ sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores” (LOURO, 2001, p.542). Com explicitado acima, o beijo entre dois homens ainda é tido por parte da sociedade com algo anormal que contraria os postulados da norma moralmente aceita. E essa visibilidade gera alguns caminhos e desafios, conforme Louro, o primeiro deles é a comoção, simpatia, aceitação e entendimento por partes da sociedade frente essas ‘minorias’ sexuais, o segundo ponto é o reforço por partes conservadoras da retomada de discursos ideológicos, normalizadores dos valores tradicionais e sagrados que devem conduzir a sociedade. Domingos (2015) discute sobre a importância das mídias como meios para deixar visível os invisíveis (figura 26):

Portanto, a mídia constituída enquanto espaço de visibilidades em torno do casamento gay, reverbera determinados sentidos sobre o acontecimento: a revelação pública do sujeito homoafetivo. Sua produção enunciativa controla, ordena e classifica fatos na história. Ao enunciar, as revistas investem seu discurso de uma vontade de verdade cujos efeitos produzem sítios de significações para o sujeito contemporâneo possibilitando-o um instante na história (DOMINGOS, 2015, p. 83).

Em consonância com pensamentos da História Pública, as HQs abrem portas para que sujeitos impedidos durante décadas sejam ouvidos. Possam falar. Possam ouvir. Passem a serem vistos, e se reconheçam como agentes político-social-cultural-econômicos pertencentes a uma dada sociedade. É possibilitado o direito de (re)existir.

Desde que as HQs de super-heróis são elas mesmas – com o surgimento do Super-Homem em 1938 -, as demonstrações de afetos estavam obrigatoriamente direcionadas para os personagens heterossexuais. Pelos reforços que aqui evidenciados, isto tem mudado e de forma rápida. Personagens gays estão cada vez mais presentes, e sobretudo, possuem histórias que são importantes, não estando apenas como meros enfeites, apenas peso de papel.

3.2. A domesticação dos inaceitáveis

Como pontuado em itens anteriores, a primeira aparição do casal Wiccano e Hulkling em 2005 foi um tanto discreta, até mesmo podendo considerá-los apenas bons amigos, mas perceptível é a normatização desses corpos gays nos espaços públicos e privados. O filósofo Michel Foucault (1999) argumenta como a partir do século XVIII, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, se iniciam novas formas de vigilância e punição. Não mais aqueles atos que puniam os corpos com desfiles em praça pública, demonstrações sangrentas de poder por parte dos governantes, mas as novas formas de punir e vigiar se davam por meio do corpo e da alma, uma vigilância velada. Era necessário que os corpos fossem vigiados e aqueles que saíssem do caminho correto requeriam punição, que antes era a morte, agora na maioria das vezes uma multa.

Surgiam novos mecanismos de poder, um micro poder que idealizava os corpos. Que os vigiava de longe, sem ser visto. Estes mecanismos de poder usam de “disposições, manobras, táticas, técnicas, fundamentos” (FOUCAULT, 1999, p. 26), para atingir e dominar a todos os corpos. Em diálogo com o filósofo essa microfísica do poder:

É produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos – de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência (ibidem, p. 28).

Figura 27- Os Vingadores não reconhecem o namoro de Wiccano e Hulkling



Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. The Avengers special- The Children's Crusade. Marvel, 2012. v. 1, p.21

Quadro 22- Tradução figura 27

Capitão América: “...Vou pedir ao Jarvis que prepare seu quarto.”

Wiccano: Camas de solteiro?

Hulkling: Isso é um quarto de hóspedes ou uma cela?

Wiccano: Falta um pouco de magia. Só isso. Melhor?

Hulkling: Balas de menta nos travesseiros. Belo detalhe.

Wiccano: Não pude evitar.

Hulkling: Não estou reclamando.

Wiccano: Me desculpe por hoje.

Hulkling: Você não podia evitar.

Wiccano: O que acha que vão fazer conosco?

Hulkling: Vão fazer alguns testes—você vai se consultar com o Dr. Estranho – e daí a gente vai embora.

Wiccano: Promete?

Hulkling: Prometo.

Wiccano: Nós vamos mesmo dar uns amassos no QG dos Vingadores?

Hulkling: Assim que você parar de falar.

Wiccano: Eu já parei. Tá bom essa foi a última fala.

Célere: Mas que diabos vocês pensam que estão fazendo?

Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. *The Avengers special- The Children’s Crusade*. Marvel, 2012. v. 1, p.21

No primeiro volume do especial dos *Vingadores: A Cruzada das Crianças*, nas páginas finais, após luta contra alguns malfeitores que tentavam acabar com uma parada do Orgulho gay, os jovens vingadores são convidados a se retirarem do serviço de heroísmo a pedido do Capitão América e outros heróis. Como forma de impedir futuras fugas, os vingadores levam Wiccano e Hulkling para a mansão dos Vingadores. São encaminhados pra um quarto que possui em seu interior duas (Billy) “camas de solteiros” / (Teddy) “Isso é um quarto de hóspedes ou uma cela?” Subentende-se que Capitão América e os outros heróis não aceitavam o relacionamento gay dos dois jovens vingadores.

Uma vez que nossa percepção da realidade depende totalmente da aparência, e, portanto, da existência de uma esfera pública na qual as coisas, possam emergir da treva da existência resguardada, até mesmo à meia-luz que

ilumina a nossa vida privada e íntima deriva, em última análise, da luz muito mais intensa da esfera pública. No entanto, há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo público; neste, só é tolerado o que é tido como relevante, digno de ser visto ou ouvido, de sorte que o irrelevante se torna automaticamente assunto privado (ARENDETT, 2007, p. 61).

Observa-se a normatividade por parte do Capitão América e demais vingadores em negar, ou não visualizar a sexualidade dos dois jovens heróis. A continuação da cena também é significativa por demonstrar a impaciência do irmão mais velho do Wiccano, Célere, em ao vê-lo em momento de intimidade, e acaba por interromper o que seria um momento de afeto, carinho entre Billy e Teddy. De encontro ao que De Dauw entende por domesticação da homossexualidade. Uma “estrutura em que o homossexual aceitável está em um relacionamento sério, diferenciando-se daquele homossexual inaceitável cuja conduta sexual está fora do ambiente privado e ainda pode ser considerada criminosa” (DAUW, 2017, p. 4).

A figura 28 transpõe esse cerceamento acerca da homossexualidade dos dois jovens vingadores. Ao enfrentarem alguns malfeitores, Wiccano é salvo por Hulkling. Os dois trocam algumas frases que denotam um afeto, um amor entre os dois. Hulkling pergunta se Wiccano está “sentindo cheiro de fumaça”, que pode ser interpretado como um questionamento com teor sexual, já que onde existe fumaça também há fogo. Os dois jovens se apresentam com os rostos sorridentes, e antes de responder à pergunta de Hulkling, os dois são, mais uma vez, interrompidos, neste momento pelo Patriota, que alega que o cheiro de fumaça nada mais é do que fogo causado pelos raios que Wiccano descarregou no local.

Figura 28- Patriota vigilante: interrompe a troca de afeto entre Wiccano e Hulkling



Quadro 23- Tradução figura 28

Hulkling: Huh, isso não foi tão ruim.

Bandido: Acredite em mim, vai ficar pior.

Wiccano: Garoto Hulk! Atrás de você!

Hulkling: Eu o peguei! Sim, graças a você.

Wiccano: Não, graças a você.

Patriota: Pessoal!

Hulkling: Está sentindo cheiro de fumaça?

Wiccano: Sim... Talvez...

Patriota: É porque esses últimos relâmpagos seus começaram um incêndio.

Wiccano: Meu erro.

Rapaz de Ferro: Eu cuido do fogo. Vocês pegam os bandidos...

Wiccano: Oh certo. Os bandidos...

Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. The Young Avengers. Marvel, 2005. v. 1, p.14

As HQs durante décadas mantiveram os sujeitos homossexuais encurralados no “armário” impossibilitados de falarem e serem ouvidos. Recentemente, dado que muitos personagens surgiram em inícios da década 1970, aos sujeitos homossexuais foi permitido que falassem nos cenários públicos. Assim sendo, nos alicerçando em Hannah Arendt sobre os conceitos de públicos e privados, entende-se que:

O termo público denota dois fenômenos intimamente correlatos, mas não perfeitamente idênticos. Significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmo – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre de fato de que algo é visto e escutado [...] de modo a se tornarem adequadas à aparição pública. A mais comum dessas transformações ocorre na narração de histórias e, de modo geral, na transposição artística de experiências individuais. [...] A presença de outros que veem e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos. Em segundo lugar, o termo público significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens (ARENDRT, 2007, p. 59-60).

Após décadas de invisibilidade, existindo apenas no privado os sujeitos homossexuais saem para o(s) público(s). A esfera pública como mecânica de existência. De condição humana para a vida em sociedade. Possibilitando, assim, que os “outros” passem a conviver, a (re)existir (DOMINGOS, 2015). Em tudo isso se torna necessário entender “a distinção entre o público e privado, [fato que] assola o espaço legal contemporâneo do ser gay” (SEDGWICK, 2007, p. 25). Em outras palavras, o entendimento para boa parcela da sociedade é que o lugar da homossexualidade é o privado, enquanto o público é automaticamente investido para a heterossexualidade.

Assume-se que ao propor publicidade para a homossexualidade estaria, assim automaticamente falando sobre sexo, deturpações variadas. Consequentemente afetariam as fronteiras do tecido social, permitindo que a homossexualidade fugisse do particular para o(s) público(s). E as HQs terraformam o espectro que permite que todos, ou ao menos uma boa parte dos públicos tenham uma representação de seu mundo, de suas angústias, de seus romances, etc. Estes meios que estão sob constante vigias e olhares diferenciados de leitores. Em consequência, levam a quebras, rupturas de antigas normas. Os próprios sujeitos homossexuais aí presentes, de invisíveis para visíveis e personagens principais em suas próprias revistas. Conforme aponta Rovai, a História Pública é aquele campo da História,

Que compreende posicionamento político – e não se confunda este termo com partidarismo ou doutrinação –, responsabilidade e compromisso em relação à produção, divulgação e circulação sobre os acontecimentos históricos, entendidos não mais na sua dimensão exclusiva da macro história e nem do privilégio de poucos, mas em experiências cotidianas que são valorizadas e significam as vidas de ‘pequenos e grandes’. Trata-se de ‘trazer a vida para dentro da história’, em suas versões, de forma mais múltipla possível, fugindo dos ‘perigos de uma única história’ (ROVAI, 2018, p. 186).

3.3. Do ficcional para o mundo real: discursos sobre as HQs na sociedade brasileira

05 de setembro de 2019:

“Livros assim precisam estar em um plástico preto, lacrado, avisando o conteúdo. Pessoal, precisamos proteger as nossas crianças. Por isso, determinamos que os organizadores da Bienal recolhessem os livros com conteúdo impróprios para menores. Não é correto que elas tenham acesso

precoce a assuntos que não estão de acordo com suas idades.” Marcelo Crivella então prefeito do Rio de Janeiro³².

Um alerta aos pais! Assista e compartilhe o discurso contra o livro infantil da Marvel que propaga o homossexualismo para as CRIANÇAS! A história em quadrinhos está sendo vendida lacrada na Bienal do Livro e nas livrarias, os pais só percebem o conteúdo depois. Um crime absurdo! O autor, que é assumidamente gay, coloca dois super-heróis se beijando e tendo relação homossexual. Não dá para admitir covardia contra as nossas crianças. Propagação e divulgação homossexual para as crianças. Os pais estão comprando achando que é um livro infantil. Cada um faz o que quiser da sua vida. Agora, descer goela abaixo para nossas crianças é coisa de bandido e covarde. Estou apresentando uma moção de repúdio. Alexandre Isquierdo (Democratas) vereador no Rio de Janeiro³³.

25 de setembro de 2021:

O prefeito anunciou que na Bienal do ano que vem não terá censura e elogiou Felipe Neto, um livro do Felipe Neto. Que ano que vem não vai ter censura. Que ano que vem, o livro que foi barrado no ano passado estará liberado na próxima Bienal. Então, vocês que são pais como eu, temos de ter cuidado quando a gente liberar para ir na Bienal. Que livro que o nosso filho vai ter acesso? Eu não quero que o meu filho tenha acesso. Eu não quero que um professor coloque na cabeça do meu filho ou da minha filha o Dia das Lésbicas, o Dia do Gay, o Dia do Queer... eu não quero. É um direito que eu tenho de ter. Felipe Michel (Progressistas) vereador no Rio de Janeiro.³⁴

Lê-se acima a revolta banalizada em torno de um livro, ou melhor, uma HQ, publicado em 2012, isto é, lida, relida, distribuída, reimpressa diversas vezes, mas que contém em seu título o termo “crianças” e em seu conteúdo um único beijo gay em uma única página e pouquíssimos diálogos com teor homossexual. Mas isso bastou para gerar uma profusão de reações contrárias a este livro. E quase uma década após sua publicação ainda é utilizada como bandeira contrária a pautas relacionadas à diversidade humana, no caso em questão, de 25 de setembro de 2021, a HQ foi usada pelo vereador como argumento para seu voto contrário à criação de um dia de visibilidade lésbica, que não seria feriado, mas um marco, como mecanismo para maiores informações sobre esta forma de vivenciar a sexualidade humana.

³² O discurso do ex-prefeito pode ser acessado na rede social Twitter pelo seguinte endereço eletrônico, disponível em: <https://twitter.com/MCrivella/status/1169752491178831873?s=20&t=1Py0pInU-LPIp2TNSCHmng>. Acesso em: 01/02/2022.

³³ A fala completa do vereador Isquierdo pode ser acessada pelo seguinte endereço eletrônico, disponível em: <https://twitter.com/Isquierdoriorio/status/1169635698078617603?s=20&t=-rNud6ff9QAznqljsBBg8A>. Acesso em: 01/02/2022.

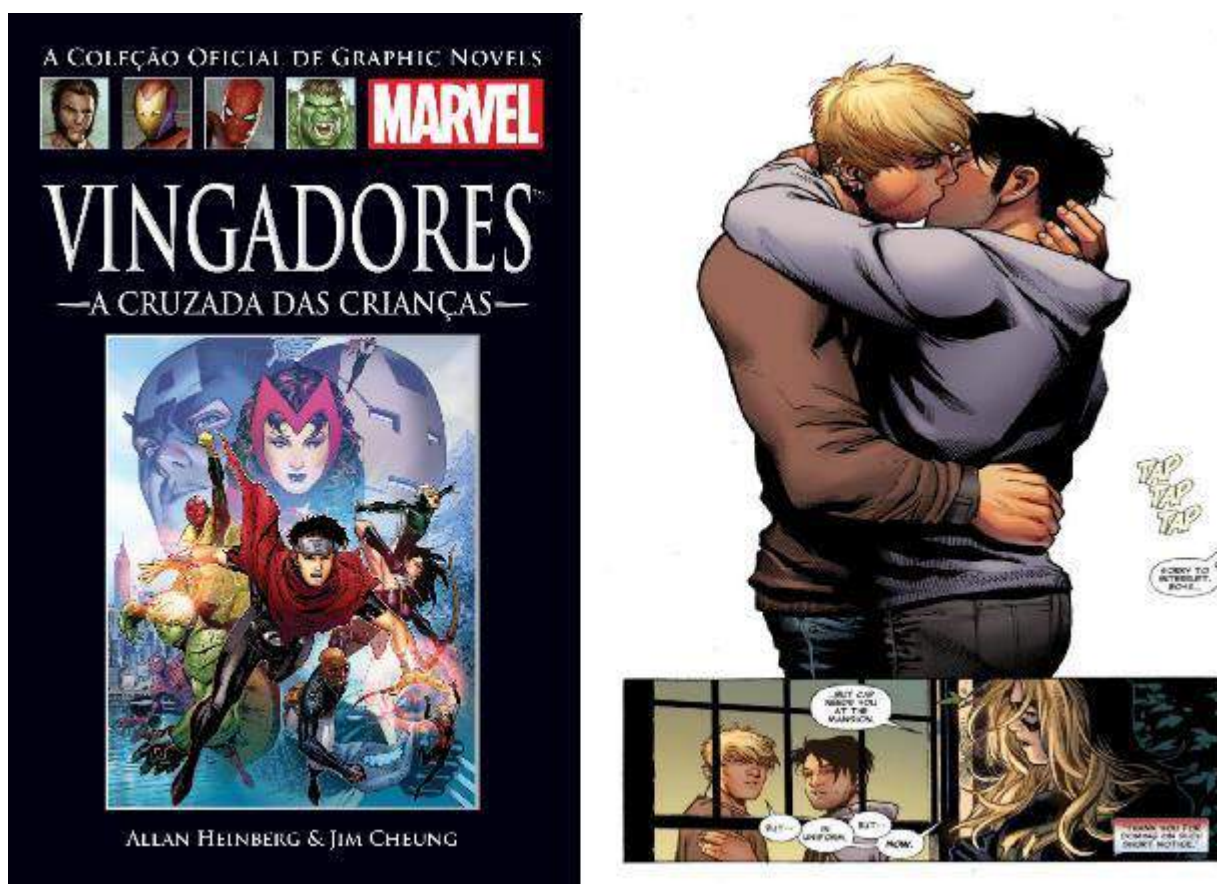
³⁴ A fala do vereador pode ser acessada pelo seguinte endereço eletrônico, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E_zysKC6aeE&t=7132s. Acesso em: 01/02/2022. O discurso exaltado começa a partir do marco de 2 horas de gravação.

Como argumenta Foucault (1998), (1999) os corpos passam por processos de docilização, ou seja, tentativas de transformar o grotesco, o abjeto em algo passível de viver em sociedade, de ser controlados pelos mecanismos de vigilância e punição, entre eles a Escola, a Igreja, o Estado e a Família. Louro enfatiza sobre estes mecanismos de controles sociais,

As discontinuidades, as transgressões e as subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico. Para garantir a coerência, a solidez e a permanência da norma, são realizados investimentos - continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos produzidos a partir de múltiplas instâncias sociais e culturais: postos em ação pelas famílias, pelas escolas, pelas igrejas, pelas leis, pela mídia ou pelos médicos, com o propósito de afirmar e reafirmar as normas que regulam os gêneros e as sexualidades. As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicarlhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos - e sujeitos - ilegítimos, imorais ou patológicos. (LOURO, 2004, p. 82).

Sujeitos imorais, patológicos. Pessoas que escapam a normatização sexual, que rompem com a heteronormatividade são entendidas como aqueles sujeitos fronteiraços que ameaçam toda uma estrutura “segura”, como é o caso das falas em apontar que a simples leitura de uma HQ com um beijo gay faria aflorar pensamentos, atitudes homossexuais em crianças e adolescentes.

Figura 29- O beijo censurado. Usos da HQ no mundo real



Fonte: HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. Vingadores - A Cruzadas das Crianças. Salvat, 2016. (Montagem nossa)

Segundo Mateus Guimarães Meireles esses mecanismos são constituídos por meio “dos discursos que se tem conhecimento de quais comportamentos sociais são adequados e quais, supostamente, comprometem a integridade da organização social vigente” (MEIRELES, 2020, p. 4). Moscovici (2017) lembra de que essas formas panfletárias afloram quando uma sociedade fica diante de uma mudança brusca, o que pode ocasionar em “pânico moral”.

Vale ressaltar que a censura desta HQ não foi à primeira tentativa orquestrada na cidade do Rio de Janeiro pelo ex-prefeito Marcelo Crivella. Em 2017, a proibição recaiu sobre a exposição *Queermuseu- Cartografias da diferença na arte brasileira*, após ter sido cancelada no estado do Rio Grande do Sul, devido a uma onda de manifestações

conservadoras, a exposição foi censurada também no Rio³⁵. Na ocasião Crivella disse que “a população do Rio de Janeiro não tem o menor interesse em exposições que promovam zoofilia e pedofilia. Saiu no jornal que vai ser no MAR. Só se for no fundo mar” (CRIVELLA, 2017). A exposição aconteceria no Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR) patrimônio municipal e por isso suscetível às ordens da prefeitura.

Ressalta-se ainda outros casos persecutórios que ganharam notoriedade nestes últimos anos no Brasil, associados a pensamentos e ideologias conservadoras de direita. Em 2017 a filósofa Judith Butler foi perseguida e agredida verbalmente no aeroporto de Congonhas³⁶ por, segundo os manifestantes, promover uma suposta ideologia de gênero. Portavam cartazes com palavras de ordem em tom de clara ameaça contra a vida da filósofa. Em 2020, outro exemplo de prática censória ocorreu, este no estado de Rondônia governado pelo coronel Marcos Rocha (PSL), segundo a lista elaborada pela Secretaria de Educação daquele estado, algumas obras literárias deveriam ser censuradas, pois continham “conteúdos inadequados” para crianças e adolescentes. Entre os livros perseguidos, se encontravam clássicos da literatura nacional e internacional, como Machado de Assis, Caio Fernando Abreu, Euclides da Cunha, Frankz Kafka, e Edgard Allan Poe³⁷, entre outros.

Tanto as falas de Crivella quanto à dos vereadores apresentam-se em seleta confluência. Argumentam que é necessário impedir que as crianças entrem em contato com material que tragam um abraço ou um beijo entre pessoas do mesmo sexo. Concluí que o impedimento também abarca o afeto entre pessoas. Este mesmo afeto é transmitido, sem censura, em novelas cotidianamente, em seriados televisivos, sem levantar maiores preocupações daqueles grupos detentores do poder.

O vereador Isquierdo vai mais além, e em seu pronunciamento na Câmara dos vereadores promove uma associação de gays, da homossexualidade com a figura de um molestador de crianças. Associando também a simetria de crianças como sendo seres fracos e por isso necessitam de toda a defesa de outros contra um determinado mal, neste caso os gays. Para Meireles, o vereador Isquierdo:

³⁵ MARTÍN, María. Crivella veta no Rio a exposição Queermuseu, censurada em Porto Alegre. El País Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/04/cultura/1507068353_975386.html. Acesso em: 12 fev. 2022.

³⁶ G1. Filósofa Judith Butler é agredida em aeroporto de SP e mulher leva tapa ao defendê-la. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/filosofa-judith-butler-e-alvo-de-ofensas-em-aeroporto-de-sp-e-mulher-e-agredida-ao-defende-la.ghtml>. Acesso em: 01 fev. 2022.

³⁷ REDAÇÃO PRAGMATISMO. Clássicos da literatura brasileira e mundial são censurados pelo governo de RO. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/02/governo-rondonia-censura-livros.html>. Acesso em: 01 fev. 2022.

Afirma que a HQ é uma forma de divulgação da prática homossexual e que esta estaria sendo obrigada a “descer goela abaixo” para as crianças. Há nessa a propagação de ideia de que cisgeneridade e a heterossexualidade são as normas a serem seguidas e o que escapa a esses padrões é imoral, sujo e deve ser feito de maneira escondida. A publicidade dos afetos entre pessoas LGBTTQIA+ é motivo de vergonha (MEIRELES, 2020, p. 10).

A heterossexualidade é tida com a norma, o caminho a ser seguido por todos sem questionamentos. Em contrapartida, a homossexualidade é o caminho da perversão, do pecado e este deve ser evitado. Tendo estes dois caminhos em conflitos, as falas destas figuras públicas reiteram estigmas acerca da homossexualidade e dos gays, parcela minorizada da sociedade, e alvo de violências físicas e mentais, a homofobia.

Fábio Silveira (2011) analisando a representação dos homossexuais no cinema, o que aqui também inferimos as HQs, - por exemplo, no desenvolvimento de personagens homossexuais com o caso de *Extrãno* – conclui que “De uma forma geral, porém, o registro dominante era somente um: se um homem tivesse trejeitos femininos ou se ele ousasse vestir-se de mulher, o único efeito que se poderia esperar era o da comédia. O homossexual pressupunha e representava alívio dramático e nada além” (SILVEIRA, 2011, on-line), e acrescentamos ainda, a transformação em vilão, em grotesco, em ser apto a domesticação. Desse modo, estes agentes públicos detentores do poder colocam em funcionamento estratégias para “criar sentidos sobre os LGBTTQIA+ para que a abjeção de seus corpos seja naturalizada e os seus discursos e produções de conhecimento sejam desautorizados” (MEIRELES, 2020, p. 12).

As justificativas para a censura da HQ recaiam sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seus artigos 78 e 79 que mensuram sobre publicações e produções de revistas, os textos versam sobre:

Art. 78. As revistas e publicações contendo material impróprio ou inadequado a crianças e adolescentes deverão ser comercializadas em embalagem lacrada, com a advertência de seu conteúdo.

Parágrafo único. As editoras cuidarão para que as capas que contenham mensagens pornográficas ou obscenas sejam protegidas com embalagem opaca.

Art. 79. As revistas e publicações destinadas ao público infante-juvenil não poderão conter ilustrações, fotografias, legendas, crônicas ou anúncios de bebidas alcoólicas, tabaco, armas e munições, e deverão respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Em nenhum momento a HQ, *Vingadores: A Cruzada das Crianças*, publicada originalmente nos Estados Unidos em 2012, possui nudez, pornografia, diálogos, ilustrações ou quaisquer

outras coisas que poderiam ser abarcadas juridicamente pelos citados artigos evocados pela prefeitura do Rio de Janeiro. A única coisa que a HQ possui é um momento de afeto entre dois homens. O que observamos da referida polêmica, é um resultado de uniões de diversos grupos contra uma prática censora que buscava reprimir um livre direito de expressão e liberdade. “Pôde-se observar o grande impacto que a HQ ‘Vingadores: A cruzada das crianças’ e sua objetificação reuniu, em conteúdo, significado e materialidade, a personificação de lutas, ataques e resistência acerca da censura do prefeito Marcelo Crivella” (GALVÃO; VIEIRA, 2020, p. 206).

Aquilo que nos propomos ao longo desta dissertação ganhou forma e nome, Wiccano e Hulkling, por meios autoritários de uma autoridade política pública religiosa e conservadora. Conforme a historiadora pública, Camila Onofre, “As práticas culturais e sociais estão baseadas nas produções de representações pelos indivíduos constituintes de uma sociedade, essas representações do real conferem sentidos à vivência das/os sujeitas/os, formando a concepção destes acerca de seu espaço e sua ocupação no meio em que vivem” (ONOFRE, 2021, p. 206).

Miorando (2021) compreende que estes atos censórios que buscam o silenciamento de determinados grupos, sobretudo aqueles que de alguma forma ameaçam uma falsa estabilidade do grupo dominante, acabam por gerar uma união daquele grupo alvo, convertendo a proibição em atos de revoltas, de visibilidade.

Por muito tempo, as pessoas *queer* foram silenciadas. Os discursos, sentidos e contextos que regiam a sociedade vinham das camadas legitimadas desta, das quais as pessoas *queer* não faziam parte e por isso muitos dos seus direitos de expressão eram negados, silenciosamente, através de uma política do silêncio. [...] dessa forma, rompe com o consenso do silenciamento, permitindo com que o sujeito desenvolva e construa sua identidade através de sua própria relação com os sentidos que experimenta ao longo de sua existência. (MIORANDO, 2021, p. 119)

E alguns resultados destes atos censórios, foram justamente o rompimento deste silêncio em torno da vivência de pessoas homossexuais. Segundo Vitória Melo Galvão e Manuela do Corral Vieira (2020), o rompimento deste silenciamento resultaram em três eventos durante a Bienal do Livro, a saber, “o esgotamento das edições da HQ, as ações do *youtuber* e influenciador digital Felipe Neto e o beijato que foi movimentado pelas redes sociais.” (GALVÃO; VIEIRA, 2020, p. 193)

No dia 6 de setembro de 2019, Felipe Neto postou em seu canal no *Youtube* um vídeo³⁸ em que o direcionava para o prefeito Marcelo Crivella e seus atos de censura. Felipe Neto dissera que compraria todos os livros com temática LGBTQIA+ e os distribuiria gratuitamente para todas as pessoas interessadas. Para Galvão e Vieira (2020), Felipe Neto “ao comentar e se manifestar sobre as ações da prefeitura do Rio, o *youtuber* e influenciador digital leva para o seu público o tema e pode levar a conhecer e questionar sobre ações repressivas” (2020, p. 202). Ao analisarem o esgotamento da HQ censurada, *Vingadores: A Cruzadas das Crianças*, em poucas horas, as pesquisadoras assumem a importância deste bem de consumo não simplesmente como um conteúdo vazio de significado, mas carregado de luta e resistência de todo um grupo minorizado. Todo o cenário de proibição pelo município se “tornou uma forma de demonstrar que essas pessoas e comunidades estão presentes e atuantes no corpo social de tal forma que não deixarão as suas orientações sexuais e políticas serem consideradas e taxadas como impróprias” (2020, p. 204). Em relação ao beijato, evento organizado primeiramente pelas redes sociais, o Facebook, pela ativista LGBTQIA+ Giowana Cambrone e posteriormente levado para o espaço físico da Bienal, sugere o uso político dos corpos, esses corpos abjetos, grotescos como material de combate, de luta contra opressões. O próprio corpo como objeto de protestos. “A utilização e mobilização dos corpos dos participantes da manifestação do beijato traz mostras [...] destes sujeitos enquanto mediadores e objetos, os corpos em si, comunicacionais como materialização de uma luta” (2020, p. 205), luta está contra a homofobia, contra assassinato de pessoas deste grupo marginal.

Butler (2019) entende esses corpos clandestinos como uma “vida precária”, aqueles sujeitos irreais, que são tachados por já estarem “mortos”, silenciados, conseqüentemente sem qualquer geração de benefício para uma comunidade. “Aqueles que são irreais já sofreram, de certo modo, a violência da desrealização. [...] Se a violência é cometida contra aqueles que são irreais, então, da perspectiva da violência, não há violação ou negação dessas vidas, uma vez que elas já foram negadas” (BUTLER, 2019, p. 54).

Pelos afirmativos ao longo desta dissertação, e todas as conseqüências – tais como os atos censórios - advindas da luta dos movimentos por direitos sociais e liberdade sexual, se compreende que os “irreais” de outrora, são agora bastante reais, pulsam socialmente, e geram temores naqueles que os veem como ameaças a determinadas hierarquias. E com isso, estes censores precisam ser punidos ao rigor da lei, pois ao associarem homossexuais a abusadores de crianças, entre outros males, autorizam que todos aqueles com pensamentos e sentimentos

³⁸ Vídeo em que Felipe Neto confronta a prefeitura do Rio contra as ameaças de censura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=meqsHqP4Qw4>. Acesso em: 01/02/2022.

semelhantes, ataquem de maneiras diversas entre grupo minorizado da sociedade, aumentando exponencialmente o número de assassinatos de pessoas LGBTQIA+³⁹, casos de expulsões de suas casas por seus familiares, maiores casos de suicídios decorrente destas violências.

Em concordância com Miorando (2021), concluímos que a mídia formada pelas HQs são importantes veículos comunicacionais que possibilitam a ressignificação de momentos traumáticos da vivência LGBTQIA+ em sociedade, grupo este sempre à margem dos demais. Portanto, “esse esforço representativo desmitifica ideias preconceituosas sobre o que é ser *queer* e forja novas identidades através da arte e da mídia quadrinhos, desenvolvendo novas memórias sobre o significado da *queerness* na sociedade” (MIORANDO, 2021, p. 134).

³⁹ OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil - 2019**: Relatório do Grupo Gay da Bahia. Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fgrupogaydabahia.files.wordpress.com%2F2020%2F04%2Frelatc3b3rio-ggb-mortes-violentas-de-lgbt-2019-1.doc&wdOrigin=BROWSELINK>. Acesso em: 01 fev. 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, um número cada vez maior de HQs está sendo lançado.

A leitura dos mesmos transforma-se em uma ação democrática dentro de uma sociedade com sujeitos de deveres e direitos, pois muitos estão acompanhados de alguma discussão política que acaba por se tornar um gatilho gerador de polêmicas. Poderíamos aqui citar o recente caso da revelação da bissexualidade por parte do Super-Homem, Jonathan Kent, filho de Kal-El.

No cenário brasileiro, a grande mídia abusou de títulos sensacionalistas para dizer que o Super-Homem não gostava mais de mulheres, assim como aconteceu com o personagem Estrela Polar – semelhante ao ocorrido com os jovens vingadores, Wiccano e Hulkling, objetos desta pesquisa – Jonathan foi abusado por políticos brasileiros que queriam reforçar um ideal de masculinidade tida como a hegemônica e correta, além de professar discursos homofóbicos.

Uma imagem ganhou espaço nas redes sociais e logo um recorte de cartaz promocional do filme Liga da Justiça (Joss Whedon, 2017) foi usado para compartilhar uma montagem no qual se via Michelle Bolsonaro com seu rosto inserido no corpo da Mulher-Maravilha (Gal Gadot) e o rosto de Jair Bolsonaro no corpo do Super-Homem (Henry Cavill). O intuito era promover e tornar verdade o caminho da heterossexualidade compulsória para o personagem em quadrinhos, Jonathan Kent. Ressaltamos aqui a pouca profundidade metodológica da montagem, pois como divulgado anos antes (em 2016 o roteirista Greg Rucka afirma que a personagem não é heterossexual, agregando maior dinamicidade e profundidade às suas histórias), a Mulher Maravilha é uma personagem bissexual.

Reafirmamos o poder e a influência que as histórias em quadrinhos possuem nas sociedades e o seu vasto alcance. Os produtos aqui analisados são produzidos pela sociedade estadunidense, mas são apropriados e ressignificados pelos variados grupos no cenário brasileiro. Manifestações, discussões a favor ou contrárias às representações de grupos marginalizados como o LGBTQIA+ permeiam as HQs, sobretudo as produções de super-heróis.

Ao buscarmos a análise de publicações de dois personagens ainda recentes dos quadrinhos, Wiccano e Hulkling, buscamos demonstrar como a sua homossexualidade foi abordada pela editora Marvel e as possibilidades de abertura e mecanismos que possibilitam que estes personagens existam no ambiente ficcional. Diretamente interligadas ao mundo real,

compreendemos que as reverberações no tecido social, lá no início das manifestações no bar Stonewall até as discussões acaloradas e o apoio de figuras importantes como o próprio ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, foram importantes para uma maior visibilidade dessa parcela social que vinha direcionada para a marginalidade. As discussões e posterior legalização do casamento homoafetivo em 2015 naquele país, entendemos como um elemento importante para esta maior representação homossexual nos quadrinhos Marvel. Tanto que buscamos demonstrar como até 2012, momento do primeiro beijo gay em Vingadores: A Cruzada das Crianças, os dois personagens tinham pouca interação pessoal ficando na subjetividade. Posterior a este ano até 2020 quando se realiza sua união matrimonial, os personagens postulam variados momentos de afetos, sem falar em incontáveis beijos.

Entendemos que estes maiores momentos afetuosos não significaram em quebras de algumas regras tidas como normas e buscamos demonstrar como Wiccano e Hulkling são em maior ou menor grau normativos. São herdeiros daquilo que Connel (1995) nomeou de “dividendos patriarcais”, ou seja, normas, possibilidades, méritos adquiridos simplesmente por serem homens.

Importante salientarmos sobre os mecanismos utilizados para vigiar e punir (FOUCAULT, 1999) os corpos dissidentes que ousem fugir à norma, ou seja, a heterossexualidade. Notamos personagens como Capitão América, Patriota, Célere sempre interrompem Wiccano e Hulkling em momentos nítidos de referenciais afetuosos, tal processo semelhante acontecia durante o século XX como buscamos demonstrar com o auxílio das personagens *Extrãno* e Estrela Polar.

Quando analisamos a figura 29 salientamos que a mesma significava uma desconfiança por parte dos Vingadores em não reconhecer o relacionamento de Wiccano e Hulkling, ou seja, era algo falso, não legitimado. Todavia, como se pode notar na figura 22, os dois membros mais importantes da equipe Vingadores, Homem de Ferro e Capitão América estão cada qual ao lado de Billy e Teddy enquanto estes se beijam, liberando ares de aprovação, de legitimação da homossexualidade por meio do casamento.

A parceria civil (ou casamento) entre pessoas do mesmo sexo beneficiará com maior aceitação social um grupo privilegiado e mais convencional de gays e lésbicas, enquanto pouco ou nenhum benefício trará para os não enquadrados, quer os que recusam a institucionalização e normalização de suas vidas amorosas, quer aqueles para os quais ainda restará o estigma da perversão sexual (MISKOLCI, 2007, p. 106).

Transexual, travestis e outros podem continuar à margem da sociedade, sempre na fronteira, uma vez que não se enquadram nesses mecanismos de controle, sendo o casamento um deles. “Nesse sentido, a vida não heterossexual tende a homogeneizar-se e projetar-se de maneira pouco radical em relação à heteronormatividade” (OLIVEIRA, 2019, p. 71).

Um caminho que os quadrinhos *mainstream* podem buscar para de fato pensar, e reproduzir representações mais fidedignas com a realidade LGBTQIA+ pode estar atrelado ao movimento da teoria *Queer*. Originalmente um termo ofensivo ressignificado para romper com estigmas normativos, por exemplo, a compulsoriedade da heterossexualidade. O pressuposto é a pauta “menos pela demanda de aceitação ou incorporação coletiva e focar mais na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas” (MISKOLCI, 2018, p. 25).

A editora, roteiristas, desenhistas, de fato abriram espaços para personagens homossexuais. Mas ainda falta um pouco mais. É necessário, para uma melhor inclusão pensar nas vivências cotidianas desses grupos e suas lutas. Em tempos atuais de aumento de violência contra estes grupos, nos quais chefes de Estado proferem falas legitimando a violência contra mulheres, negros e negras, homossexuais, transexuais, travestis e outros marginais, é extremo que as mídias, as HQs tendo no horizonte seu alcance, tracem representações mais reais de pessoas reais.

Em suma, a dissertação aqui não teve a audácia de encerrar as discussões sobre história pública, sobre HQs, e sim o objetivo de problematizar e analisar um pouco mais as relações da homossexualidade em papel, na sarjeta, na nona arte. Futuros pesquisadores e pesquisadoras poderão se debruçar por perguntas ainda sem respostas: As HQs são progressistas ou conservadoras? Por intermédio da História Pública, o/a historiador/a poderá retomar um espaço de maior legitimidade na sociedade? Incutimos aqui alongar um pouco mais os horizontes da pesquisa com histórias em quadrinhos, e a história pública. Até a próxima saga e por ora sejamos como Wiccano, “muito gay(s)!”

FONTES

HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 1.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 2.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 3.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 4.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 5.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 6.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 7.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 8.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 9.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 10.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 11.

_____. **Young Avengers**. 1. ed. New York: Marvel Comics, 2005. v. 12.

HEINBERG, Allan; CHEUNG, Jim. **Os Vingadores: especial- A Cruzada das Crianças**. Panini Comics, 2012. v. 1.

_____. **Os Vingadores: especial- A Cruzada das Crianças**. Panini Comics, 2012. v. 2.

HOWARD, Tini; ROCHE, Nick; ZAMA, Kei. **Death's Head**. Marvel Comics, 2019. v. 2.

SLOTT, Dan et al. **Impéryo: Os Vingadores**. 28. ed. [S.l.]: Panini Comics, 2021.

PAKNADEL, Alex et al. **Impéryo**. 3. ed. [S.l.]: Panini Comics, 2021. v. 3.

WELLS, Zeb; CASELLI, Stefano. Civil War: **Young Avengers & Runaways**. Marvel Comics, 2006. v. 1.

ZDARSKY, Chip et al. Lords Of Empyre: **Emperor Hulkling**. [S.l.]: Marvel Comics, 2020. v. 1. (Lords Of Empire).

REFERÊNCIAS

ALBIERI, Sara. História Pública e consciência histórica. *In*: ALMEIDA, Juniele Rabêlo De; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo- SP: Letra e Voz, 2011. v. 1p. 220. (História Pública).

ALMEIDA, Juniele Rabêlo De; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”. **XXVII Simpósio Nacional de História**, [S. l.], n. Conhecimento histórico e diálogo social, p. 10, 2013.

ANDRÊO, Caio; PERES, Wiliam Siqueira; TOKUDA, André Masao Peres; SOUZA, Leonardo Lemos De. Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 46–67, 2016.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed., Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007. (Ciência política).v. 1. (Ciência política).

BALISCEI, João Paulo. O vilão suspeito: o que há de “errado” com a masculinidade dos vilões da Disney? **Revista Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 45–70, 2019.

BALISCEI, João Paulo; CUNHA, Susana Rangel Vieira Da. “Faça como homem”: cultura visual e o projeto de masculinização dos meninos. **Textura**, [S. l.], v. 23, n. 54, p. 367–391, 2021.

BARBOSA, Taynah Ibanez; PASSOS, Mateus Yuri. Libertando-se da sombra do palhaço: a reinvenção de Arlequina no Novos 52. **Revista Sociopoética**, [S. l.], v. 1, n. 22, p. 184–196, 2020.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. (Ensaio Geral 1). (Ensaio Geral 1).

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 1.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de leituras**, [S. l.], v. 78, n. Chão da feira, p. 16, 2018.

BUTLER, Judith. **Vida precária: Os poderes do luto e da violência**. 1. ed., Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

CAUVIN, Thomas. A ascensão da História Pública: uma perspectiva internacional. **Revista NUPEM**, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 21, 2019.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2. ed., Rio de Janeiro: Difel - Difusão Editorial, 2002. v. 1.

COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics: The creation of the Mods and Rockers**. Londres: Routledge classics, 2011. v. 5

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 2, n. 20, p. 185–206, 1995.

COYNE, Sarah; LINDER, Jennifer Ruh; RASMUSSEN, Eric; NELSON, David; COLLIER, Kevin. It's a Bird! It's a Plane! It's a Gender Stereotype!: Longitudinal Associations Between Superhero Viewing and Gender Stereotyped Play. **Sex Roles**, [S. l.], n. 70, p. 416–430, 2014.

DALBETO, Lucas do Carmo. **Identidades secretas: Super Gays**. Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI, 2014. . Acesso em: 11 dez. 2021.

DALBETO, Lucas do Carmo. **Supergay: diferenças, singularidades e devir nas superaventuras da Marvel**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344177916_SUPERGAY_Diferencas_singularidade_s_e_devir_nas_superaventuras_da_Marvel. Acesso em: 3 fev. 2022.

DAUW, Esther De. Homonormativity in Marvel's Young Avengers: Wiccan and Hulkling gender performance. **Journal of graphic novels and comics**, [S. l.], n. 3, p. 15, 2017.

DENNIS, Jeffery. Gay Content in Newspaper Comics. **The Journal of American Culture**, [S. l.], v. 35, n. 4, p. 11, 2012.

DOMINGOS, Jair. **Do armário ao altar: A constituição do sujeito homoafetivo no discurso midiático**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2015. (Veredas 33).v. 1. (Veredas 33).

ECO, Umberto. **O Super-homem de massa: retórica e ideologia no romance popular**. São Paulo- SP: Editora Perspectiva, 1985. (Debates). (Debates).

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 1. ed., São Paulo- SP: Martins Fontes, 1989.

FILHO, Adair Marques. **A moda fazendo gênero: representações sociais sobre “modos de vestir gay”**. 2015. Tese de Doutorado - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. *In: Microfísica do Poder*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. v. 7p. 243–265.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramallete. 20. ed., Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 1999.

GABILLIET, Jean-Paul. **Of Comics and Men: A Cultural History of American Comic Books**. Tradução: Bart Beaty; Tradução: Nick Nguyen. 1. ed., Mississippi: University Press of Mississippi, 2010. v. 1.

GALVÃO, Vitória Melo; VIEIRA, Manuela do Corral. Bienal do Livro, consumo e cultura material: debates e ações sócio-políticas e de gênero. **Temática**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 17, 2020.

GOMES, Ivan Lima. Leitores e leituras de revistas em quadrinhos: uma história visual (anos 1930-1950). **Estudos Históricos**, [S. l.], v. 34, n. 72, p. 54–80, 2021.

GOMILLION, Sarah; GIULIANO, Traci. The influence of Media Role Models on Gay, Lesbian, and Bisexual Identity. **Journal of Homosexuality**, [S. l.], v. 58, n. 3, p. 330–354, 2011.

GROOT, Jerome De. **Consuming History: Historians and heritage in contemporary popular culture**. New York: Routledge, 2009. (Public history).v. 1.

GUERRA, Fábio Vieira. **A crônica dos quadrinhos: Marvel Comics e história recente dos EUA (1980-2015)**. 2016. Tese de Doutorado - Universidade Federal Fluminense., Niterói - RJ, 2016.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013. (História & Historiografia). (História & Historiografia).

HATFIELD, Charles; HEER, Jeet; WORCESTER, Kent. **The superhero reader**. Mississippi: University Press of Mississippi, 2013.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5^a ed., [s.l.] : Instituto Pró-Livro, 2020.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção: gênero, corpo e publicidade**. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2016. (Pesquisas em Comunicação). (Pesquisas em Comunicação).

JOHNSTON, Rich. **Allan Heinberg – The Gay Times Interview**. 2011. Disponível em: <https://bleedingcool.com/comics/allan-heinberg-the-gay-times-interview/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia**. Bauru-SP: EDUSC, 2001. (Verbum).v. 1. (Verbum).

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC, 2006.

LAGAREIRO, Andréa Corrêa. **Resolução de conflitos interpessoais e as histórias em quadrinhos: uma possibilidade de interlocução**. 2018. Dissertação de mestrado - Universidade de São Paulo - Instituto de Psicologia, São Paulo- SP, 2018.

LIMA, Douglas Mota Xavier De. Histórias em quadrinhos e ensino de História. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 147–171, 2017.

LIMA, Savio Queiroz. A abordagem epistemológica das histórias em quadrinhos enquanto objeto-fonte. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST.**, [S. l.], v. 2, p. 1814–1828, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 541–553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

MACIEL, Rodrigo Lima. A mutação como metáfora para o discurso da diferença: representações das práticas de racismo e de homofobia no universo literário dos X-Men. *INTERthesis, [S. l.]*, v. 16, n. 01, p. 56–72, 2019.

MARINO, Dani. **Eu, você, todo mundo. Representatividade nas HQs: tá tendo sim. E vai ter mais. Judao.com.br** 2016. Disponível em: <https://judao.com.br/representatividade-nas-hqs-ta-tendo-sim-e-vai-ter-mais/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MARTINS, Sandra Regina Carvalho. **Uniões Homoafetivas: Da Invisibilidade à Entidade Familiar**. 2015. Dissertação - Universidade de São Paulo - Faculdade de Direito, São Paulo-SP, 2015.

MASLON, Laurence; KANTOR, Michael. **Superheroes!: Capes, Cowls, and the Creation of Comic Book Culture: A Never-Ending Battle**. New York: Crown Archetype, 2013.

MATTOS, Danilo Nagib Queiroz De; ANDRADE, Débora El-Jaick; MALTA, Márcio José de Melo. Sangrando história: os quadrinhos Maus e uma narrativa do holocausto a contrapelo. **4as Jornadas Internacionais de Histórias em quadrinhos, [S. l.]**, n. 4, p. 15, 2017.

MEDEIROS, Talita Sauer. Subjetividades e polifonias: a diversidade nas histórias em quadrinhos. In: MIORANDO, Guilherme Sfredo (org.). **Sexo e Gênero nos quadrinhos**. 1. ed. Leopoldina, MG: ASPAS, 2020. p. 31–53. (Histórias em quadrinhos).

MEIRELES, Mateus Guimarães. Um beijo gay incomoda muita gente: disputa de sentidos na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. **II Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, [S. l.]**, v. 2, p. 15, 2020.

MIORANDO, Guilher Sfredo. Os quadrinhos silenciosos contra a memória de silenciamento dos queer: identidades e sexualidade em Quadrinhos Queer. **Rumores, [S. l.]**, v. 15, n. 29, p. 115–137, 2021.

MIORANDO, Guilherme Sfredo. Os limistes do ato performativo na representação queer nos quadrinhos. In: MIORANDO, Guilher Sfredo (org.). **Sexo e Gênero nos quadrinhos**. 1. ed. Leopoldina, MG: ASPAS, 2020. p. 90–126.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social - reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu, [S. l.]**, v. 28, p. 101–108, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendicado pelas diferenças**. 3. ed., Rio de Janeiro: Editora Autêntica, 2018.

MONTEIRO, Marko. **Tenham Piedade dos Homens!: Masculinidades em Mudança**. 1. ed., Juiz de Fora - MG: Edições Feme, 2000.

MORRISON, Grant. **Superdeuses: Mutantes, Alienígenas, Vigilante, Justiceiros Mascarados e o Significado de Ser Humano na Era dos Super-Heróis**. 1. ed., São Paulo-SP: Pensamento-Cultrix, 2012. (Super heróis em quadrinhos 1). (Super heróis em quadrinhos 1).

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed., Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 2007.

NUNES, Luciana Borre. A Cultura Visual Produzindo Gênero. *In: As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual*. Aparecida - SP: Ideias & Letras, 2010. v. 1p. 66.

OLIVEIRA, Francine Natasha Alves De. **Queer em quadrinhos: representações brasileiras contemporâneas**. 2014. Dissertação - Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2014.

OLIVEIRA, Flávia Belmont. **Porque o queer? Analisando o disciplinamento das identidades LGBT como manutenção do status quo**. 2019. Dissertação de mestrado - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado - As representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias. 1895 - 1990**. 2001. Dissertação - Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

ONOFRE, Camila. **Cinema de horror e História Pública: um olhar sobre as representações das mulheres nos filmes Grave (2017) e Orgulho e Preconceito e Zumbis (2016)**. 2021. Dissertação (Mestrado em História Pública) - Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2021.

PALMER-MEHTA, Valerie; HAY, Kellie. A Superhero for Gays?: Gay Masculinity and Green Lantern. **The Journal of American Culture**, [S. l.], v. 28, n. 4, p. 15, 2005.

PERPETUA, Matthew. **Marvel Comics Hosts First Gay Wedding in “Astonishing X-Men”**. **Rolling Stone** 2012. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/culture/culture-news/marvel-comics-hosts-first-gay-wedding-in-astonishing-x-men-235209/>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3. ed., [s.l.] : Autêntica, 2005. (História & Reflexões). (História & Reflexões).

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. *In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo De; MENESES, Sônia (org.). História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo- SP: Letra e Voz, 2018. p. 240.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; MEDEIROS, Kenia Gusmão. Saberes, experiências e diálogos: ensino de história, gênero e história pública. **Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 138–153, 2021.

SABAT, Ruth. **Filmes Infantis e a Produção Performativa da Heterossexualidade**. 2003. Tese - Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Faculdade de Educação, Porto Alegre - RS, 2003.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. *In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo De; SANTHIAGO, Ricardo (eds.). História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. 1. ed. São Paulo- SP: Letra e Voz, 2016. p. 13. (História Pública).

SCHMIDT, Simone Pereira. O feminismo, ainda. *In*: FREITAG, Raquel Meister; SEVERO, Cristine Gorski (org.). **Mulheres, linguagem e poder: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. 1. ed. São Paulo- SP: Editora Edgard Blücher Ltda, 2015. p. 291–305.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, [S. l.], v. 28, p. 19–54, 2007.

SENNA, Nádia. Moda e HQ. **Revista InterCom**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 7, 2001.

SILVA, Luciano Ferreira Da. **Vozes de um desejo: homoerotismo e homosociabilidade na literatura infanto-juvenil brasileira**. 2006. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SILVEIRA, Fábio. **O homossexual no cinema: o dilema da representação**. 2011. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-homossexual-no-cinema-o-dilema-da-representacao/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

TEIXEIRA, Fernando Silva; MARRETTO, Carina Alexandra Rondini; MENDES, Andressa Benini; SANTOS, Elcio Nogueira Dos. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 16–33, 2012.

TENORIO, Thaís da Silva. **Esquadrinhando a nação: a formação da identidade nacional em A Independência do Brasil em quadrinhos (1972)**. 2019. Dissertação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, 2019.

TILLEY, Carol. Seducing the Innocent: Fredric Wertham and the Falsifications That Helped Condemn Comics. **Information & Culture: A Journal of History**, [S. l.], v. 47, n. 4, p. 31, 2012.

VIEIRA, Marcos. Corpo, identidade e poder nos quadrinhos de super-heróis: um estudo de representações. **Contemporânea**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 207–221, 2008.

WIENKE, Chris. Negotiating the Male Body: Men, Masculinity, and Cultural Ideals. **The Journal of Men's Studies**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 255–282, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu Da (org.). **Identidade e diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais**. 12. ed. [s.l.] : Editora Vozes, 2014. p. 25.